



Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

AMOR, VINCULAÇÃO E BEM-ESTAR SUBJECTIVO

UM ESTUDO COM ADULTOS DE ETNIA CIGANA


Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da
Universidade de Coimbra

Por Carla Maria de Freitas Júlio

Coimbra - 2011



Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

 **MOR, VINCULAÇÃO E BEM-ESTAR SUBJECTIVO**
UM ESTUDO COM ADULTOS DE ETNIA CIGANA

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação
da Universidade de Coimbra

Por Carla Maria de Freitas Júlio

Sob a orientação do Professor Doutor Joaquim Ferreira e Co-Orientação da Professora
Doutora Rute Meneses

Coimbra - 2011

Dedicatória

Aos meus pais, Luís Júlio e Virgínia Freitas que pelo Amor aos filhos, para que eles pudessem estudar, dedicaram toda a sua vida, quase só, ao trabalho, e abdicaram de muitos sonhos, sonhos esses que eles acreditam os teriam, sem dúvida, feito pessoas mais felizes.

O meu Amor por eles, é retribuído mesmo que nunca lhes tenha dito...

Agradecimentos

À minha co-orientadora, Professora Doutora Rute Meneses, que está sempre ao meu lado quando preciso da sua ajuda da sua força e do seu saber científico,

Ao Professor Doutor Joaquim Ferreira por me ter impulsionado nos momentos finais e difíceis da entrega da tese,

Ao centro social de Grijó em especial ao Padre Antonio Coelho, Dr^aMarisa Rodrigues, Dr^a Patricia Martins e Sara Reis, pela Amizade, sem eles este trabalho não teria sido possível,

À Gaia Social por me ter cedido as suas instalações, e à Dr^a Paula, e Dr^a Maribel pela disponibilidade e pela amabilidade,

À equipa técnica de RSI do Centro Social de Sandim e Olival pela cooperação e simpatia (Dr^a Andrea, , Dr^a Sandra e Dr^aJoana),

Ao José Oliveira,

Ao Miguel Cruz,

À Ana Ildefonso,

Aos ciganos por me abrirem as suas casas e partilharem o seu tempo

À minha família,

Ao meu filho, sempre ...

A eles o meu sincero carinho de obrigada!

As sem razões do amor

Eu te amo porque te amo.

Não precisas ser amante,
e nem sempre sabes sê-lo.

Eu te amo porque te amo.

Amor é estado de graça
e com amor não se paga.

Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no elipse.

Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
bastante ou demais a mim.

Porque amor não se troca,
não se conjuga nem se ama.

Porque amor é amor a nada,
feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,
e da morte vencedor,
por mais que o matem (e matam)
a cada instante de amor.

Carlos Drummond de Andrade

Amor

Amor é um fogo que arde sem se ver;

É ferida que dói e não se sente;

É um contentamento descontente;

É dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem-querer;

É solitário andar por entre a gente;

É nunca contentar-se de contente;

É andar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;

É servir a quem vence o vencedor:

É ter quem nos mata lealdade;

Mas como causar pode seu favor;

Nos corações humanos amizade;

Se contrario a si é o seu amor

Luís de Camões

Índice

Introdução	1
Parte I – Enquadramento Teórico	4
1 - Comunidade Cigana	6
1.1- A cultura Cigana e os Ciganos em Portugal	6
1.2 - Educação e Escola	8
1.3 - O trabalho na etnia Cigana	10
1.4 - As relações Sociais e afectivas entre os ciganos	13
2 - Bem-Estar Subjectivo	15
2.1 – Psicologia Positiva	15
2.2 – Felicidade, Bem-Estar, Bem-Estar subjectivo e Bem-estar Psicológico	17
2.3 – Definição de Bem-Estar Subjectivo	20
2.4 – Teorias do Bem – Estar Subjectivo	22
2.5 – Factores que influenciam o Bem-Estar Subjectivo	23
2.5.1 – Factores Sócio Demográficos	24
2.5.1.1 – Bem-Estar Subjectivo, Idade e Género	26
2.5.1.2 – Bem-Estar Subjectivo, Emprego e Rendimentos	26
2.5.1.3 – Bem-Estar Subjectivo e Cultura	28
2.5.2 – Bem-Estar Subjectivo e Personalidade	29
2.5.3 – Bem-Estar Subjectivo e Saúde	31
2.5.4 – Bem – Estar Subjectivo e Religião	32
2.5.5 - Bem – Estar Subjectivo e as Relações Interpessoais	33

3 - Amor: dos modelos teóricos à investigação	35
3.1 - O Amor sob uma visão científica	36
3.2 - O que é o Amor - Definição de Amor	39
3.3 - Será o Amor, somente, uma questão cultural	44
3.4 - Teorias acerca do Amor	50
3.4.1 - Amor apaixonado e Amor Companheiro	53
3.4.2 - Teoria de John Lee – Estilos de Amor	54
3.4.3 - O modelo triangular do Amor – Teoria de Stenberg	58
4 - Vinculação: teorias, modelos e investigação	65
4.1 - Vinculação e Comportamento de Vinculação	66
4.2 - Modelos Internos Dinâmicos da Vinculação	68
4.3 - Desenvolvimento da vinculação ao longo da vida	70
4.3.1 - Vinculação na Infância	70
4.3.2 - Vinculação na Adolescência	72
4.3.3 - Vinculação na Idade Adulta	75
4.4 - A vinculação no desenvolvimento da Personalidade	79
4.5 – Teoria de Hazan & Shaver - Vinculação emocional	80
4.6 - Relações de Vinculação e Amor Romântico	81

Parte II - Estudo Empírico	84
Capítulo V – Metodologia	85
5 .1 – Delimitação do problema, objectivos e hipóteses de investigação	85
5. 1.1. Objectivos de investigação	85
5.1.2. Hipóteses de investigação	86
5.2. Instrumentos	87
5.3. Procedimento	91
5.4. Amostra	93
Capítulo VI – Apresentação, análise e discussão dos resultados	95
6.1. Apresentação e análise dos resultados	95
6.2. Discussão dos resultados	103
Conclusão	106
Referências bibliográficas	111
Anexos	
Anexo 1 – Consentimento Informado	
Anexo 2 – Questionário Sócio - Demográfico	
Anexo 3 – PANNAS	
Anexo 4 – SWLS	
Anexo 5 –Escala de Relações Próximas	
Anexo 6 - Escala de Atitudes em Relação ao Amor	

RESUMO

O Amor é, talvez, o sentimento que mais mistérios encerra e, o mais difícil de compreender, mas sobremaneira importante para o ser humano. Pode ser enquadrado dentro da Psicologia Positiva que é uma nova dimensão da Psicologia mais virada para os aspectos positivos da vida, assim como o Bem-Estar Subjectivo, conceito, também, abordado neste estudo. A teoria da vinculação presenteou um grande contributo para se entenderem as relações íntimas na idade adulta assim como se perceber melhor o Amor.

Tendo em conta o enquadramento teórico, o objectivo desta dissertação é perceber se existem diferenças significativas entre homens e mulheres de Etnia Cigana no que concerne aos Estilos de Amor; compreender se existe relação entre Amor, Vinculação e Bem-Estar Subjectivo na Etnia Cigana e investigar se a vinculação é mais preditiva de bem-estar subjectivo do que as variáveis estilos de amor e sócio-demográficas.

No presente estudo foram questionados 50 sujeitos de etnia cigana com idades compreendidas entre 18 e os 54 anos, maioritariamente do sexo feminino; foram utilizados os seguintes instrumentos: escala de atitudes em Relação ao Amor, Escala de Relações Próximas, SWLS, PANAS e um questionário sócio-demográfico.

As principais conclusões deste estudo indicam que: não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ao nível do género nos estilos de amor, tipos de vinculação e Bem-estar Subjectivo. Relativamente à vinculação, a vinculação Evitante está positivamente correlacionado com o estilo de amor Ludus e negativamente com o Eros e Agape, já a vinculação Preocupada está positivamente correlacionado com o estilo de amor Mania.

Verifica-se também neste estudo que o Afecto Positivo está positivamente correlacionado com o estilo de amor Storge, enquanto o afecto negativo está

negativamente correlacionado com o estilo Eros e Agape e positivamente com o Ludus e o tipo de vinculação Evitante.

Apenas a dimensão cognitiva do bem-estar subjectivo (SWLS), é explicada pelos tipos de vinculação do indivíduo sendo que, ao nível do Afecto Positivo é mais explicado pela idade, enquanto o Afecto Negativo é pelo explicado pelo estilo de amor Ludus.

Palavras-chave: Etnia Cigana, Amor, Bem-Estar Subjectivo, vinculação

ABSTRACT

Love is perhaps the most mysterious feeling and the most difficult to understand, but particularly important to the human being. It can be viewed from a Positive Psychology stand, which is a new dimension of Psychology more inclined to the positive aspects of life, as well as Subjective Well-Being, a concept also focused in the present study. Attachment theory gave a great contribution to the understanding of intimate relationships in adulthood and also to a better comprehension of Love.

Having in mind the theoretical framework, the aim of this dissertation is to see if there are significant differences between men and women of the Gipsy Ethnic Group with regard to Love Styles, to understand whether a relationship exists between Love, Attachment and Subjective Well-Being in Gypsies, and to investigate if Attachment is more predictive of Subjective Well-Being than Love Style and socio-demographic variables.

In this study, 50 subjects from the Gypsy Ethnic Group, aged 18 to 54 years old, mostly female, were given a questionnaire using the following scales: scale of Attitudes Towards Love, Close Relationships Scale, SWLS, PANAS and a socio-demographic questionnaire.

Results indicate that there are no statistically significant gender differences in terms of Love Styles, Attachment types and Subjective Well-Being. Regarding Attachment, Avoidant attachment is positively correlated with Ludus style of love and negatively with Eros and Agape, and Anxious attachment is positively correlated with the Mania love style.

The study also reveals that Positive Affect is positively correlated with the Storge love style, while Negative Affect is negatively correlated with Eros and Agape styles of love and positively so with Ludos love style and Avoidant attachment.

Only the cognitive dimension of Subjective Well-Being (SWLS) is explained by the individual Attachment types, and the Positive Affect is more explained by Age while the Negative Affect is more so by the Ludus love style.

Keywords: Gypsies, Love, Subjective Well-Being, Attachment

INTRODUÇÃO

Os sentimentos sempre se apresentaram como um tema de estudo de particular interesse para as mais variadas áreas, desde a filosofia à ciência, passando pelas artes. O Amor é, sem dúvida, de entre todos “o mais completo e articulado dos sentimentos humanos, que se exprime em múltiplas formas e graus de intensidade”, já que se “compõe de toda uma gama de emoções...” (Slepoj, 1996, p.33).

O conceito de Amor surge na vida do Ser Humano desde o nascimento, desenvolvendo-se e transformando-se com a Pessoa, de acordo com as suas vivências e experiência. Do Amor de mãe, pai - ou outros tomadores de cuidados iniciais -, irmãos, avós, ou seja, a primeira família de sangue ou as pessoa que encontram mais próximas aquando do nascimento, seguem-se novas formas de Amor, por colegas e amigos, namorados, companheiros e até, se quisermos ir um pouco longe, por uma qualquer vertente de vida ou uma actividade.

Mas afinal o que é, então, o Amor? Será possível definir o Amor? Já muitos foram, por certo, os que tentaram, pelo menos uma vez na vida, encontrar resposta para estas questões e, certamente também, muitos gostariam de descobrir a fórmula matemática que ajudasse a compreender e a lidar melhor com a emoção Amor. Uma maior compreensão do Amor, poderia, talvez, ajudar o Ser Humano a ser mais... Humano, a evitar as guerras, a ser mais Feliz...

A ideia e interesse desta tese surgiu do contacto académico da autora com a Psicologia Positiva e com o trabalho de campo realizado “in loco” com a comunidade minoritária, etnia cigana no âmbito do Rendimento Social de Inserção e de um projecto de educação parental.

Este interesse cresceu à medida que a autora se dedicou à observação, leitura e vivência desta cultura dotada de características peculiares e distintas da cultura ocidental, nomeadamente no que respeita às relações interpessoais e afectivas e à evolução ao longo dos tempos.

Assim, neste trabalho realizado no âmbito do Mestrado de Psicologia do Desenvolvimento, pretende-se realizar uma abordagem do Amor como sentimento/emoção positiva e sob uma perspectiva científica, os seus diversos estilos e especificidades inter-culturais, a representação da vinculação na etnia cigana e o bem-estar subjectivo e verificar em que medida estas variáveis podem estar relacionadas.

Este trabalho é sustentado em diversos estudos já publicados sobre este sentimento/emoção e no estágio desenvolvido pela autora, onde teve a oportunidade de analisar as relações afectivas e sociais únicas na comunidade cigana.

Inicia-se a tese com uma abordagem sobre a comunidade cigana em geral, uma pequena resenha histórica desta comunidade em Portugal, apresentando-se também as relações sociais e afectivas desta cultura nómada, tornada singular pelas diversas influências e raízes passadas, não obstante tratar-se de uma minoria no seio de outra cultura (neste caso a Portuguesa/Ocidental).

Posteriormente faz-se uma breve referência à Psicologia Positiva - e os seus contributos para a Psicologia para se introduzir o conceito do bem-estar subjectivo e os factores que o influenciam, justificados com os mais variados estudos.

Seguidamente, é apresentada uma reflexão sobre o amor do ponto de vista científico e as diferentes perspectivas ao longo da História, tentando-se definir, assim, o Amor e a sua importância na vida de todos os seres. Aborda-se ainda teorias sobre Amor e o Amor em diferentes culturas, tendo por base as diversas ideologias, sistemas sociais, concepções, mitos e doutrinas filosóficas inerentes.

Por último aborda-se a teoria da vinculação tal como foi inicialmente formulada por Bowlby e, posteriormente por outros autores. Apresenta-se alguns aspectos conceptuais relativos à teoria da vinculação para, posteriormente, serem analisadas as fases de desenvolvimento da vinculação, bem como algumas características específicas na adolescência.

Com este trabalho, pretende-se demonstrar o afecto e interesse da autora por esta área e a importância desta para a Psicologia, sendo a intenção promover uma melhor

consciência da sociedade e dos psicólogos para a importância dos sentimentos no âmbito do trabalho psicoterapêutico, especialmente o Amor, nas suas mais diversas formas, como sentimento positivo na vida de cada indivíduo.

A presente dissertação é elaborada de forma a ser constituída por duas partes distintas: a primeira corresponde ao enquadramento teórico do tema, que foi descrita de forma sucinta nos parágrafos anteriores, a segunda contemplará o estudo empírico, tendo também uma conclusão e reflexão pessoal.

PARTE I
ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I

A COMUNIDADE CIGANA

Poema-Cigano

Nós, ciganos, temos uma só religião: a da liberdade

Em troca desta renunciamos à riqueza, ao poder, à ciência e à glória

Vivemos cada dia como se fosse o último

Quando se morre, deixa-se tudo: um miserável carroção como um grande império

E nós cremos que nesse momento é muito melhor ser cigano do que rei.

Nós não pensamos na morte. Não a tememos – eis tudo.

O nosso segredo está no gozar em cada dia as pequenas coisas que a vida nos oferece

e que os outros homens não sabem apreciar; uma manhã de sol, um banho na torrente,

o contemplar de alguém que se ama

É difícil compreender estas coisas, eu sei

Nasce-se cigano.

Agrada-nos caminhar sob as estrelas.

Contam-se estranhas histórias sobre ciganos

Diz-se que lemos nas estrelas e que possuímos o filtro do amor

As pessoas não acreditam nas coisas que não sabem explicar-se

Nós, pelo contrário, não procuramos explicar as coisas em que acreditamos.

A nossa vida é uma vida simples, primitiva: basta-nos ter por tecto o céu, um fogo

para nos aquecer e as nossas canções quando estamos tristes.

Vittorio Pasqualle Spatzo (poeta cigano)

1.1 - A Cultura Cigana e os Ciganos em Portugal

A cultura cigana, natural da Índia é estigmatizada pela exclusão, intolerância, injustiças e preconceitos que a admoestam há séculos. A difusão dos ciganos pelo mundo teve o seu começo há mil anos, quando se dirigiram para a Europa e o Oriente Médio. Foram escravos na Roménia no período da Idade Média durante 400 anos, perseguidos pelos nazistas, tendo milhares dos seus filhos sido assassinados nos campos de concentração e, foram sem dúvida perenes estrangeiros, povo sem pátria, ladrões de galinhas e criancinhas; os ciganos seriam como diz (Fonseca, 1996) os “novos judeus”.

Felix Grande escreve que, não houve nenhum lugar no mundo em que os ciganos tivessem uma vida agradável, mas sim uma história trágica de massacres ao longo de 600 anos (Silva, 2006).

Em Portugal a existência de ciganos parece advir do Sec. XVI, mas continuam as dúvidas quanto à data da sua entrada no país, visto que as narrações existentes apenas contemplam as perseguições e interdições que lhes foram feitas (Castro, 1995). A primeira referência documentada data de 1516, no Cancioneiro Geral de Garcia Resende (Costa, 2001) e parece retratar bem esta questão (Costa, 2001).

Na obra de Gil Vicente a “Farsa das Ciganas” representada na corte de D. Manuel I, em 1521, até ao final da monarquia (1910), a situação dos ciganos foi marcada por constantes tentativas de erradicação dos ciganos nómadas ou da sua sedentarização forçada, com carácter repressivo, apontando para a sua «dissolução ou domesticação» (Costa, 1995), no entanto um alvará de 13 de Março de 1526, do tempo de D. João III, legisla que os ciganos saiam do País (Costa, 1997).

São estas as primeiras contestações aos ciganos, e o facto é que o Estado tentou todas as hipóteses, para se ver livre da gente cigana, até mesmo a condenação à morte; só o Alvará de 15 de Julho de 1686 dá início a uma nova forma de tratamento dos ciganos: apesar de se continuar a defender a não entrada de novos ciganos, passa-se a tentar recuperar aqueles que já são naturais, ou seja, que são filhos ou netos de

portugueses, embora com a exigência de que se radiquem em residência fixa, falem a língua Portuguesa e se dediquem a actividades sérias; e este será, portanto, o início da disseminação da cultura portuguesa pelos ciganos, sendo uma forma de, “tentar dissuadir a prática dos seus hábitos linguísticos e de trajar, alterar a sua organização social, em suma, visam modificar os comportamentos sociais diferenciadores, a fim de os tornar iguais aos demais habitantes do Reino” (Costa, 1997).

A história dos Ciganos em Portugal não é feita, pois, de relatos de pacifismo: É uma história feita de oposições, disputas e perseveranças, denunciadoras das representações sociais negativas da sociedade maioritária em relação a este povo (Cortesão, Stoer, Casa-Nova & Trindade, 2005).

A Revolução Liberal - Constituição de 1822 e Carta Constitucional de 1826 – vem reconhecer a cidadania portuguesa a todos os nascidos em território nacional, tentando eliminar as desigualdades. Mesmo assim, este povo continuou a ser alvo de vigilância apertada e até à Revolução de Abril de 1974 não era permitida a presença de comunidades ciganas no mesmo sítio por mais do que um dia. A Portaria n.º 722/85 de 25 de Setembro de 1985 determina que a Guarda Nacional Republicana proceda a uma vigilância especial sobre os nómadas (Costa, 1997).

“Como a Imprensa escrita tem noticiado abundantemente, nem só os ciganos nómadas são vítima de vigilância por parte das forças policiais: mesmo a população cigana sedentarizada, que actualmente constitui a sua maioria, continua a ser vítima desta vigilância, evidenciando o preconceito existente contra os ciganos enquanto povo e não especificamente contra os «nómadas», o que significa que as representações sociais negativas acerca destas comunidades continuam a ser uma realidade, inibidora de uma real integração social. Uma integração perspectivada “como o resultado de um processo horizontal de influências [inter-étnicas] recíprocas (...) e não como sinónimo de subordinação a um grupo social e cultural maioritário” (Casa-Nova, 1999).

Posto esta breve resenha histórica, parece relativamente fácil fazer o enquadramento da etnia cigana dentro das minorias étnicas, pois sempre apresentaram características diferentes em relação à Comunidade Maioritária, desde características

físicas, às culturais (Castro, 1995), aprofundando-se, seguidamente, um pouco mais, algumas das principais e relevantes características, tão peculiares desta cultura.

1.2 Educação e escola

Já todos nós certamente reparámos nas crianças presentes nas tendas ciganas em feiras ou mercados, que faz perceber que os adultos preparam as crianças para os papéis que querem que eles desempenhem no futuro, ou seja, as crianças integram desde cedo os aspectos quotidianos da vida dos adultos na sua vivência infantil (Fernandes, 1999).

Os filhos estão educados a obedecer e a serem submissos aos pais, pois é daí que se constrói o respeito, até ao momento em que se casam (Gonçalves, Garcia & Barreto, 2006).

É, portanto, no seio familiar que as crianças recebem a sua educação e é nesse mesmo contexto que se desenvolve a socialização, acções que se realizam através do contacto entre as diferentes gerações (Amiguinho, 1999).

A educação da criança é responsabilidade de todos e realizada “num sistema educativo” (Liégeois, 2001) de um conjunto organizado, sendo a criança ensinada a adquirir autonomia, respeitando o grupo e os seus valores.

Este «modelo» educacional é bastante permissivo, pois, dentro das possibilidades económicas, a família cede facilmente às vontades das crianças, às quais não é exigido que tenham comportamentos ordenados ou que obtenham determinados êxitos. Apenas é pedida valentia ao rapaz e recato à rapariga (Gonçalves, Garcia & Barreto, 2006).

A noção de família e escola são, para a criança cigana, um todo, não existindo uma divisão estanque entre os momentos para aprender, brincar ou realizar uma actividade (Gonçalves, Garcia & Barreto, 2006).

Os princípios culturais unem de tal forma as pessoas que o cigano só consegue sentir verdadeira protecção e segurança no seu meio, acabando por sentir grande desconfiança relativamente aos elementos exteriores à família (Fernandes, 1999).

Parece, por outro lado, natural que o sedentarismo dos ciganos nas sociedades ocidentais resulte no avolumar das questões por parte dos jovens, nomeadamente no que respeita ao futuro que pretendem seguir, especialmente em termos profissionais (Gonçalves, Garcia & Barreto, 2006).

Existem reinterpretações das estratégias e formas diferentes de ver as mesmas questões, mas nas questões essenciais não se encontram para já alterações significativas. O que acontece é que os jovens (não só os jovens ciganos) seguem a via escolar, profissionalmente não querem seguir a venda e, necessariamente, questionam uma série de coisas dadas. Mas isso é natural e faz parte da sua evolução mesmo enquanto indivíduos. É natural, esse questionar das tradições, mas penso que não levam a rupturas significativas com as tradições que lhes são inculcadas (Machado, 1993).

Os problemas de escolarização das crianças ciganas continuam semelhantes: as taxas de escolarização e de sucesso fracas perduram e os índices de fracasso, absentismo e desistência escolar prejudicam grande parte dos alunos de etnia cigana (Liégeois, 1976, 1997).

A educação escolar é pouco mais do que uma porção da educação das crianças, sendo que a educação dada no seio da família funciona como um sistema educativo organizado que lhes dita os seus valores culturais e regras (Leite, 1999).

“A cultura tradicional dos ciganos não necessita da escola; ao contrário, ela pode muitas vezes ser considerada uma imposição ou uma interferência em sua forma de vida” (Ferreira, 1999, p. 47).

Como refere Liégeois (1997, p.16) “Os pais podem pensar que a escola que propõe formar as suas crianças pode ao mesmo tempo deformá-las, ou seja de os retirar, de os perder culturalmente”.

Quando a comunidade cigana aceita integrar no sistema educativo o seu objectivo é apenas de preparar as crianças com saberes práticos como aprender a ler, a contar e a escrever, pelo que será de enorme importância que o currículo escolar não permaneça indiferente ao desigual capital cultural de origem familiar e social que os alunos carregam no seu dia-a-dia para a escola (Aires, 2004).

Assim sendo, a escolaridade e a assiduidade escolar obrigatória, não são tão “obrigatórias” para as crianças de etnia cigana e em Portugal e na Europa, por exemplo, há uma imensa dificuldade em ter em conta a cultura deste povo. Segundo Liégeois (1997, p. 81), é um facto que, as estratégias políticas ciganas e as suas razões não são tidas em conta e o esquecimento deste parâmetro, fundamental, tem sido uma causa para o fracasso das tentativas de escolarização. São ainda omissas, também, na prática e mesmo na teoria, em matéria de educação escolar, a ligação directa entre a escola e as estratégias políticas não ciganas.

1.3 O trabalho na etnia cigana

Os ciganos têm um conceito de trabalho diferente da sociedade não cigana, que está voltada para a produção e consumo de bens, onde existe circulação de capital; os ciganos, são o oposto, pois procuram um estilo de vida mais livre e autónomo que lhes permita ser donos do seu destino, conforme a sua cultura os norteia e ensina a viver (Magano & Silva 2000); a cultura cigana caracteriza-se, então, por ser uma cultura hedonista (Vaz, 2005), que procura o prazer momentâneo, vivendo cada dia, sem haver planeamento do futuro (Souza et al., 2009).

A divisão de papéis decorrentes do género do indivíduo, é o factor mais marcante da cultura cigana, verificando-se o domínio e a moral hegemónica da masculinidade (Montenegro, 2003). Assim, o homem não pode desenvolver actividades domésticas, pois este comportamento seria estritamente reprovável e conotado negativamente, dado que a sua missão passa pela realização de negócios e pela manutenção dos laços sociais.

(Parson, 1975 citado por Michel, 1983). A mulher, por seu lado, tem como tarefas cuidar do lar, dos filhos e do marido, participando igualmente na economia de subsistência, que passa pela venda em feiras ou na confecção de trabalhos em verga (Parson, 1975 citado por Michel, 1983). Cabe ainda à mulher, (Costa, 2001) garantir o sustento da família, na ausência do marido, devido a perseguição, prisão ou doença (Ventura, 2004).

À rapariga está destinada a tarefa de, ajudar a mãe nas tarefas domésticas, tomar conta dos irmãos mais novos e pedir esmola aos não ciganos, enquanto ao rapaz (a partir dos 9-10 anos) terá como tarefa ajudar o pai nas actividades económica (Fernandes, 1999).

É notório o encaminhamento das crianças num trilho que confluirá no que os adultos pretendem que eles venham a ser no futuro, dependendo dos sexos (Gonçalves, Garcia & Barreto, 2006).

Nesta forma de organização social, não existe uma distância física ou funcional entre os membros da família ou separação de gerações. As crianças participam na economia familiar, casam e procriam em idades muito precoces (Enguita, 1999), integrando o mundo dos adultos de forma equitativa. Uma vez que os ciganos adultos reconhecem na criança a continuidade da linhagem e uma fonte de segurança para as gerações mais velhas do núcleo familiar, nomeadamente para os anciões, a criança é apreciada e valorizada.

“As gerações não se encontram separadas nem se opõem uma às outras” (Liégeois, 2001).

Os filhos são uma alegria e mais-valia para as comunidades ciganas, pois desde cedo integram as actividades dos pais, ampliando as possibilidades de serem exploradas novas oportunidades económicas (Montenegro, 2003).

Por outro lado, o esforço individual para obter os recursos económicos necessários ao sustento da família diminui, quantos mais forem os membros participantes nas actividades produtivas, ao passo que os dividendos aumentam. De acordo com esta lógica, maior será igualmente o tempo que os membros da família podem dedicar ao ócio

(trabalho cooperativo em prol do bem estar colectivo, ainda que restrito a uma família (Montenegro, 2003).

Trata-se, portanto, de economia de subsistência, em que a família tem como principal objectivo defender o seu espaço no mercado ou o seu nicho ecológico, sendo a linhagem uma das principais formas deste objectivo, ser garantido (Enguita, 1999).

A fidelidade à família extensa e à linhagem, a solidariedade entre os seus membros, a viagem, o nascimento, a boda e o enterro, as actividades económicas, os “contrários” e vinganças (solidariedade da linhagem) são os elementos que dirigem o povo cigano (Enguita, 1999).

A integração da criança nas actividades económicas não pode, por isso, ser considerado como exploração do trabalho infantil, pois trata-se de um contributo para a subsistência familiar e está assente em laços emocionais e de interdependência. As crianças ficam satisfeitas por serem apreciados como elementos activos do grupo que não exigem o superar das suas capacidades (Liégeois, 2001).

A socialização e aprendizagem das crianças, com vista à integração nas actividades de produção, realiza-se no contexto familiar, sendo que os filhos aprendem primeiro com os pais e/ou irmãos mais velhos, ao seu próprio ritmo e sem pressões, e, mais tarde, com o o/a sogro/a e os/as cunhados/as. A socialização e educação realizam-se, assim, através do contacto entre as diferentes gerações (Amiguinho, 1999).

Os indivíduos de etnia cigana olham para o trabalho com um factor de sobrevivência, sendo que estes valorizam o momento presente, preferindo o ócio ao trabalho, sempre que é possível realizar uma escolha. San Román (1997) considera que os pais ciganos ensinam os filhos, sobretudo, a perceber e actuar sobre as variações e conjunturas económicas de cada momento e local, a tomar o melhor partido das diversas e mutáveis alternativas, as normas culturais do trabalho e as principais estratégias económicas centrais (citado por Nunes, 1981).

1.4 As relações sociais e afectivas entre os Ciganos

De acordo com (Nunes 1996, p. 212) “devido à forte tradição, à coesão, à estrutura familiar e à sua situação de marginalidade, a cultura cigana tem-se mantido quase inalterada” e, tem vivido sepultado no reduzido ao seu clã como refere o mesmo autor.

A comunidade cigana está ligada por laços de parentesco directos ou indirectos pelo património. A família protege os seus membros, coloca a ideia de comunidade acima dos indivíduos.

As famílias ciganas nucleares ou extensas estão organizadas mediante uma lógica social tradicional e conservadora, na qual a hierarquia é estabelecida em função do género e da idade (Enguita, 1999). As famílias são extensas e as pessoas estão ligadas através de graus de parentesco directos e indirectos, que se realizam também através dos casamentos entre linhagens (Montenegro, 2003). É, portanto, comum, a existência de várias gerações de adultos numa mesma família, que desenvolvem diversas actividades fora da sua comunidade, mas em prol do colectivo familiar (Ventura, 2004).

As pessoas ciganas unem-se matrimonialmente em idades muito baixas e as taxas de natalidade são elevadas, o que faz da comunidade cigana um meio repleto de juventude, o que não é possível observar na comunidade não-cigana (Amiguiño, 1999).

Esta forma de estar na sociedade acontece igualmente quando a situação económica é precária.

Mesmo quando a existência de um agregado familiar numeroso é difícil, em virtude da troca da vida nómada pela sedentarização em habitações urbanas desadequadas, os laços familiares são alimentados através dos encontros com outros membros da família (Amiguiño, 1999).

Um estudo realizado em 1992, acerca de Famílias Ciganas, revela quatro aspectos importantes relativos às relações afectivas na Comunidade Cigana:

1 – Uma criança que nasce é sempre desejada e muito bem recebida, quer pelos pais, quer pela família alargada, que ainda pela comunidade em que se insere.

2 – Os membros da família unem-se quando um dos seus necessita de ficar no Hospital, ou é preso, muitas vezes acampando nas imediações e aí esperando pela sua saída.

3 – Verifica-se uma grande união entre os irmãos.

4 – As raparigas devem manter-se virgens até ao casamento, uma vez que a honra é um bem fundamental para os membros desta etnia (Fernandes, 1999).

Estes princípios unem a comunidade cigana de tal forma que o cigano só consegue sentir verdadeira protecção e segurança no seu meio, acabando por sentir grande desconfiança relativamente aos elementos exteriores à família, sendo que, também por este motivo, os ciganos querem manter os seus filhos junto de si, sendo que quando o pai decide mudar local de residência ou realizar uma acção fora desse mesmo local, a família segue-o (Fernandes, 1999).

Normalmente, as raparigas contraem matrimónio a partir dos 14-15 anos e os rapazes desde os 16- 17 anos (Gonçalves, Garcia & Barreto, 2006).

A liberdade entre os dois sexos é diferente. Aos 10 anos, a rapariga cigana, “por exemplo, para andar na rua deverá ser sempre acompanhada por outras raparigas, familiares ou não, ou pelos seus irmãos, na ausência dos pais. E quanto a isso, não há que desobedecer” (Fernandes, 1999).

Está igualmente registado por meio de observação que os idosos não constituem de todo um fardo para a família, que integra os seus idosos na família (Gonçalves, Garcia & Barreto, 2006).

As relações afectivas parecem assim fortes entre a comunidade cigana, um comportamento que de resto se vai observando em grupo sociais problemáticos, como bairros, contrastante com as relações com a comunidade não cigana, como se comprova na história dos ciganos em Portugal (Gonçalves, Garcia & Barreto, 2006).

CAPÍTULO II

BEM-ESTAR SUBJECTIVO

2.1-Psicologia Positiva

A Psicologia enquanto ciência emergiu num contexto em que a sua focagem estava voltada para a patologia, para a doença e para a resolução das querelas que os pacientes apresentavam (Sanches & Dias, 2008).

“De facto, desde a criação do primeiro laboratório de Psicologia Experimental por Wunt, em 1879, a Psicologia como ciência tem focalizado mais a doença do que a saúde, mais o medo do que a coragem, mais a agressão do que o amor” (Silva, 2003, p.3).

Os estudos da Psicologia a partir da II Guerra Mundial e tendo em conta as consequências ao nível das perturbações e distúrbios mentais rumaram em direcção à recuperação das patologias (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000), sendo compreensível que emoções negativas ultrapassem, em grande escala, em termos de tema de estudo as emoções positivas (Silva, 2003).

Parece óbvio que uma psicologia dedicada à perturbação psicológica, mostra a possibilidade de se intervir de forma a tornar menos problemática a vida das pessoas em sofrimento ou em disfunção (Seligman, Parks & Steen, 2006), e em contrapartida edifica-se uma ciência psicológica, que parece, ter esquecido uma porção da sua meta e descurando uma importante fatia do estudo dos humanos, ou seja, estudo onde não se observam desordens mentais. (Diener & Lucas, 2000).

Apesar de ser claro que a nossa atenção seja direcionada para entender as emoções negativas, surge um crescente interesse pelas pesquisas sobre as emoções positivas, advindo daí uma nova «dimensão» positiva da Psicologia (Neto, 1998).

Note-se que a psicologia não é só e apenas o estudo da patologia, mas sim, também, o estudo dos aspectos positivos que fazem a vida valer a pena. Assim a Psicologia deixa de ser somente o tratamento de problemas existentes e direciona-se para a construção de habilidades positivas no ser humano (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000).

Historicamente, sobretudo os autores mais humanistas como Jung (1933), James (1958), Allport (1961), Maslow (1971), (citados por Barros, 2004), já contribuía para a “psicologia positiva”, mas é Martin Seligman, que em 1998, durante a sua presidência na American Psychological Association, começa a escrever artigos mensais que salientavam a necessidade de mudança das contribuições da Psicologia, surgindo assim um movimento intitulado Psicologia Positiva que se vem afirmar na edição especial de 2001 do periódico American Psychologist.

A Psicologia é definida por esta associação como uma “tentativa de levar os psicólogos contemporâneos a adotarem uma visão mais aberta e apreciativa dos potenciais, das motivações e das capacidades humanas”(Sheldon & King, 2001, p. 216)

A Psicologia Positiva é, pois, um ramo da psicologia muito recente que tenta compreender, através da investigação científica, os processos que estão subjacentes às qualidades e emoções positivas do ser humano durante muito tempo ignoradas pela Psicologia; é pois o estudo científico das experiências e características individuais positivas e as instituições que facilitam o seu desenvolvimento (Silva, 2003).

“Tendo em vista esta perspectiva, a ciência psicológica busca transformar velhas questões em novas possibilidades de compreensão de fenómenos psicológicos como felicidade, optimismo, altruísmo, esperança, alegria, satisfação e outros temas humanos, tão importantes para a pesquisa quanto a depressão, ansiedade, angústia e agressividade.” (Junes, 2003, p. 75). Nesta perspectiva pode-se pensar nos trabalhos de

prevenção da doença, e, não apenas de tratamento (Weber & Brandenburg Viezzer, 2003).

Como já vimos é da responsabilidade da psicologia positiva promover e compreender os factores que possibilitem ao individuo, comunidades e sociedades desabrochar (Seligman & Csikszentmihaly, 2000), mas apesar do seu desenvolvimento, ser notório, ainda há muito a ser realizado, mesmo a nível clínico, tal como: não se procurar somente o psicoterapeuta nos momentos críticos, dada a ansiedade, depressão, etc., mas também, para aumentar os aspectos mais positivos, como optimismo e sabedoria, podendo desta forma a “psicologia positiva florescer e tornar os homens mais felizes” (Barros, 2004, p. 10).

A intenção é de suplementar, e não de substituir, o que se conhece sobre sofrimento, fraqueza e desordens humanas; é ter um conhecimento científico mais inteiro e mais sensato sobre as experiências humanas, e não dar mais relevo a umas experiências do que a outras (Seligman, Steen, Park & Peterson, 2005). E neste sentido os estudos existentes sobre Psicologia Positiva atraem psicólogos de todas as orientações e interesses à exploração do lado positivo da vida (Simonton & Baumeister, 2005).

De entre as muitas emoções positivas que surgem cada vez mais como um motivo de interesse de pesquisa científica, destacamos o bem-estar subjectivo/ Felicidade e o amor, visto que serão objecto de estudo do presente trabalho.

2.2 – Felicidade, Bem-estar, Bem-Estar Subjectivo e Bem-Estar Psicológico

Um componente largamente reconhecido como principal integrante de uma vida saudável é a felicidade (Diener, Scollon & Lucas, 2003). “Pesquisadores, espalhados por diversos países estão empenhados em descobrir o quanto as pessoas se consideram

felizes ou em que medida são capazes de realizar plenamente as suas potencialidades (Siqueira & Padovam, 2008, p. 201).

O interesse pelo tema não é de todo recente, pois já desde a Grécia Antiga Aristóteles e outros tentavam definir a essência da existência feliz, sendo que enquanto os filósofos ainda debatem a essência do estado da felicidade, os investigadores envolveram-se, nas últimas três décadas, para construir conhecimento e trazer evidências científicas sobre o bem-estar (Siqueira & Padovam, 2008).

Seligman em 2002, publica o livro denominado “Authentic Happiness” relatando as suas cogitações sobre a Psicologia Positiva e a sua ligação com a felicidade, acreditando que a Psicologia Positiva teria três pilares: 1) o estudo da emoção positiva; 2) o estudo dos traços positivos, “principalmente as forças e, as virtudes, mas também as habilidades, como a inteligência e a capacidade atlética”; 3) “o estudo das instituições positivas, como a democracia, a família e a liberdade, que dão suporte às virtudes que, por sua vez, apoiam as emoções positivas” (Seligman, 2004, p.13).

Seligman (2004, p.287) afirmou que os dois termos - felicidade e Bem-Estar Subjectivo podem ser utilizados como sinónimos, uma vez que descrevem “os objectivos de todos os esforços da Psicologia Positiva”, abrangendo “sentimentos positivos (êxtase e conforto, por exemplo) e actividades positivas (absorção e dedicação, por exemplo)”. Refere ainda que estes dois termos (2004) também podem ser mencionados de extroversão estável, parecendo o afecto positivo na felicidade estar relacionado à fácil sociabilidade, o que propicia uma interacção natural e agradável com outras pessoas.

O estudo sobre a felicidade (Pereira, 1997) e sobre as emoções positivas principiou-se por volta dos anos 50, quando a Organização das Nações Unidas mostra apreço em mensurar os níveis de vida de várias comunidades mundiais, designado, hoje em dia por expressões correlatas, tais como: bem-estar, condições de vida ou qualidade de vida, mas, cientificamente, como já vimos anteriormente, o movimento baptizado de Psicologia Positiva é que arrasta consigo os estudos científicos também do BES a partir da iniciativa de Martin Seligman (Scorsolini-Comina & Santos, 2009).

As definições desses conceitos (DeNeve & Cooper, 1998) e conseqüentemente a sua operacionalização em termos de medida, ainda são um pouco confusas e deturpadas, não existindo um consenso entre os investigadores, o que dificulta a investigação do Bem-Estar Subjectivo.

Tendo em consideração a literatura e a falta de unanimidade desta, opta-se por ao longo deste trabalho se falar de Bem-Estar Subjectivo e de Felicidade, como um só conceito.

O bem-estar subjectivo é um importante componente da Psicologia Positiva e, pode auxiliar a maneira como nos vemos e como vemos as outras pessoas, resultando daí uma maior satisfação ao viver as situações quotidianas e o relacionamento com nossos pares (Passareli & Silva, 2007), indicando que as pessoas não apenas evitam o mal-estar mas procuram a Felicidade (Lucas, Diener, & Suh, 1996,).

Assim sendo, o estudo científico do Bem-Estar assinala a mudança do rumo da Psicologia para a Saúde Mental, como que uma reacção à focagem generalizada nos sintomas da doença. O conceito de Bem -Estar possibilitou edificar medidas que permitem uma avaliação mais fina dos indicadores da Saúde Mental, através de variáveis como a Satisfação com a Vida, a Felicidade, o Afecto Positivo e o Afecto Negativo (Lucas, Diener, & Suh, 1996,).

De acordo com Asendorpf (2004) o Bem-Estar Subjectivo ramifica-se em duas partes: a componente cognitiva chamada de satisfação com a vida (ing. life-satisfaction) e uma componente afectiva, apelidada de felicidade (aqui em sentido restrito, psicológico, ing. happiness).

Assim, a satisfação com a vida é a apreciação que o indivíduo faz sobre a sua vida (Keyes & cols., 2002) e que espelha o quanto esse indivíduo se percebe distante ou próximo das suas aspirações (Campbell e cols., 1976, citado por Siqueira & Pavolam, 2008). “O conceito é ainda considerado como uma dimensão subjectiva de qualidade de vida, ao lado de felicidade e bem-estar”(Siqueira & Pavolom, 2008, p.204).

Para a Psicologia Positiva, o Bem-Estar Subjectivo tem sido cada vez mais reconhecido e, utilizado sob as mais diversas nomeações, satisfação com a vida, afecto positivo, avaliação da qualidade de vida (Giacomoni, 2004) e chamado de felicidade (Diener, 2000; Seligman, 2004), por isso torna-se importante definir Bem-Estar Subjectivo.

2.3 - Definição de Bem- Estar Subjectivo

É difícil definir, Bem-Estar Subjectivo, uma vez que este conceito é condicionado pelas circunstâncias objectivas, mas também depende da forma como as pessoas pensam e sentem essas mesmas circunstâncias. Abrange diferentes áreas da vida das pessoas, como as relações, a saúde e o trabalho (Diener & Biswas-Diener, 2002; Diener, 2009), não o podendo, também, compreender e avaliar independentemente da cultura em que o individuo se insere, pois ela influencia a forma como é procurado, alcançado e expresso (Diener, 2009).

Segundo (Diener, 1984) o “Bem-Estar Subjectivo” define-se por um julgamento global da satisfação com a vida (componente cognitivo) e pelo balanço afectivo (componente emocional), sendo que a componente cognitiva inclui a satisfação global e a satisfação em domínios da vida significativos, como o trabalho, o casamento, a saúde, etc.; a satisfação com a vida é muito influenciada e influencia também as experiências emocionais. A componente afectiva ou emocional corresponde à definição normalmente usada de felicidade, ou seja, um estado de avaliação orientada pelos afectos, à medida que as emoções positivas ultrapassam as emoções negativas.

Seguidamente são apresentadas algumas definições de Bem-Estar Subjectivo, de diversos autores, para melhor se compreender este conceito.

Na perspectiva de (Ostrom, 1969) o Bem-Estar Subjectivo é uma atitude e como tal possui pelo menos dois componentes básicos: afecto e cognição. A componente

cognitiva reporta-se aos aspectos racionais e intelectuais, e a afectiva envolve as partes emocionais e pode ser dividida em afecto positivo e negativo.

Numa visão mais alargada (Diener, 1996) pode-se dizer que uma pessoa com elevado sentimento de bem-estar apresenta satisfação com a vida: a presença frequente de afecto positivo, e a relativa ausência de afecto negativo. A relativa preponderância do afecto positivo sobre o negativo é referida como balança hedônica¹ (Giacommoni, 2004).

Já Diener & Diener (1995, citado por Simões, 2000, p.245) definem o Bem-Estar Subjectivo como “ a reacção avaliativa das pessoas à sua própria vida, quer, em termos de satisfação com a mesma, quer em termos de afectividade”.

Veenhon(1984) definiu Bem-Estar Subjectivo como o grau de julgamento do sujeito, da sua qualidade de vida como um todo, ou seja, em que medida a pessoa gosta ou não da vida, sendo que o sujeito utilizaria para essa avaliação duas componentes: os seus afectos e os seus pensamentos, para Andrews e Withey, (1976, citado por Diener, 1994) o Bem-Estar Subjectivo é definido como uma avaliação cognitiva e em certo grau de sentimentos positivos e negativos.

Diener (1989) agrupa as definições de Bem-Estar Subjectivo em três categorias: 1- BES é visto por critérios externos (virtude ou santidade) onde a felicidade não é pensada como um estado subjectivo mas com o possuir de alguma qualidade desejável; 2- investiga o que leva as pessoas a avaliarem a sua vida em termos positivos tendo esta definição sido chamada de satisfação de vida e determinar o que é uma vida feliz; 3- considera o BES como o estado que manifesta uma preponderância do afecto positivo sobre o negativo.

Foram referidas algumas das muitas definições de Bem-Estar Subjectivo, para se conseguir perceber seguidamente as suas teorias que de acordo com Simões, 2000 são várias entre as quais ele destaca as teorias de “topo-base” e de “base-topo”.

¹ A relativa preponderância do afecto positivo sobre o negativo é referida como balança hedônica (Diener, 1996).

2.4 Teorias do Bem-Estar Subjectivo

Diener, (1984, citado por Barros 2004) agrupa as teorias do bem-estar subjectivo, em seis grupos:

- 1) Teorias teleológicas (Telic Theories): A felicidade atinge-se quando um objectivo é atingido assim como o contrário leva à infelicidade. Esta teoria está de acordo com psicólogos humanistas tal como: Maslow e Murray e de teorias filosóficas tal como a hedonista. Tem que se verificar, no entanto, se são objectivos a curto ou longo prazo, visto que alguns a curto prazo podem trazer consequências destruidoras a longo prazo.
- 2) Teorias de prazer e de dor que estão comparadas com as teorias teleológicas, pois o objectivo primordial é a obtenção do prazer ou evitar a dor.
- 3) Teorias da actividade: São diferentes das teleológicas porque a felicidade fica no fim do procedimento enquanto que, nas teorias da actividade, esta encontra-se no decorrer do procedimento, ou seja nos meios usados para atingir o fim. Exemplo disso será o facto de o esforço para ascender a um monte proporcionar mais felicidade do que chegar ao seu cume.
- 4) Wilson (1967, citado por Galinhas e Ribeiro, 2005, p. 204) “propôs-se estudar duas hipóteses do Bem-Estar, onde relacionou os conceitos de Satisfação e de Felicidade numa perspectiva Base-Topo (Bottom Up) e Topo-Base (Top Down) “

Surgem assim as Teorias base- topo ou versus topo-base(bottom-up vs top-down) ou teorias atomistas versus globalistas: A 1ª teoria estuda a felicidade como sendo o somatório de deleites distintos (se gozo de muitos prazeres, sou feliz – ou seja: a Felicidade como uma consequência). A 2ª teoria refere uma tendência geral para experienciar de forma positiva a realidade como sendo agradável; ou seja: a felicidade como causa – ao sentir-me feliz vejo tudo como positivo.

“A teoria de “ base-topo”, vê o Bem-Estar Subjectivo como o efeito de várias experiências agradáveis que são acumuladas em várias dimensões como o trabalho e a família, enquanto a teoria de “ topo-base” defende que há uma tendência para os indivíduos viverem os acontecimentos de vida de forma positiva, ou seja a pessoa experimenta prazeres na medida em que já é feliz” (Simões, 2000, p.246).

5) Teorias Associacionistas: São baseadas em teorias acerca da memória, o condicionamento ou a cognição, podendo ser classificadas de modelos associacionistas ou cognitivistas. Por exemplo a felicidade pode dilatar se a pessoa pensar que pode controlar os pensamentos negativos e fazer imperar os positivos.

6) Teorias de Julgamento: Nestas teorias a felicidade depende da confrontação entre determinado standard sugerido e as condições actuais. A felicidade acontece, quando as situações actuais ultrapassam o padrão estabelecido. Este padrão ou colocação da fasquia depende da pessoa, do seu nível de aspiração, do seu passado e do futuro.

Apesar da existência de todas estas teorias, Diener (1984, p. 568, citado por Barros, 2004) considera no entanto, a necessidade de se expandirem mais, e mais rebuscadas teorias sobre a felicidade para uma melhor compreensão deste conceito.

2.5 Factores que influenciam o Bem-Estar Subjectivo

De acordo com (Joseph, Linley, Harwood, Lewis & McCollam, 2004) verifica-se que felicidade, ou bem-estar subjectivo, não é somente a ausência de depressão, mas a existência de uma quantidade de emoções e estados cognitivos positivos (Diener, Suh & Oishi 1997).

Segundo (Diener, 2009) o nível de bem-estar está relacionado, com factores extrínsecos e intrínsecos, tendo os factores intrínsecos uma correlação mais forte com o bem-estar (Ribeiro, 2009).

O modelo longitudinal de bem-estar de Lyubomirsky (citado por Sheldon & Lyubomirsky) sugere três factores capitais que profetizam o bem-estar vivido em determinado momento, que são a disposição genética da pessoa, reflectindo-se nos traços de personalidade e no temperamento, e que explica 50% da variância das medidas de bem-estar (Diener, 2009); “as suas circunstâncias actuais, demográficas, geográficas e contextuais; e as actividades cognitivas, comportamentais e conotativas intencionais da pessoa no presente” (Ribeiro, 2009, p. 5).

Assim sendo, é de salientar alguns factores que influenciam o Bem-Estar Subjectivo, tais como: Factores Sócio-demográficos (idade, género, cultura, etc.), personalidade, Saúde, Religião e Relações interpessoais.

2.5.1 Factores Sócio-demográficos

Os factores sócio-demográficos como a idade, rendimento, estado civil, cultura, etc., mesmo não tendo um peso tão significativo no Bem-Estar Subjectivo como a personalidade, não se podem descurar, nem deixam de ser significativas (Simões et al., 2000).

Estas variáveis eram inicialmente explicadas como diferenças individuais na felicidade, considerando-se que indivíduos casados, mais ricos, mais jovens, seriam mais felizes porque tinham distintos recursos psicológicos, físicos ou materiais, no entanto mais tarde conclui-se que estes factores explicam somente parte da variância do Bem-Estar Subjectivo (Simões et al. 2000).

Simões et al. (2000, p. 261) referem que esta constatação foi designada como o “paradoxo do bem-estar subjectivo”, visto que, o seu carácter é contra-intuitivo e também o facto de os indivíduos poderem ser felizes, apesar de afectados por uma série de factores que, numa primeira análise não deveriam conduzir à felicidade.

2.5.1.1 Idade e Género

Parece que não existe consenso quanto a este indicador visto que um número razoável de pesquisas encontra correlação com o Bem-Estar Subjectivo, e outras não. Num estudo com 166 indivíduos, não foi encontrada relação com essa variável demográfica (Otta & Fiquer, 2004).

Num estudo, descrito por Guedea (2006) ao longo de um envelhecimento saudável, sendo que a componente cognitiva obteve pontuações mais elevadas nesta amostra, do que a componente afectiva e, concluiu que a componente cognitiva a satisfação) está mais relacionada com o aumento da idade do que a dimensão afectiva.

Os estudos efectuados por Diner e Suh(1997, citado por Silva, 2003) mostraram que com o avançar da idade e apesar das perdas, não há diminuição da a satisfação com a vida, havendo a possibilidade de esta, até aumentar, tal como a afectividade, visto que as pessoas vão atingindo uma maior capacidade de controlar as emoções e, valorizam os aspectos positivos em detrimento dos negativos, situação que contribui para o aumento do seu Bem-Estar Subjectivo.

Inglehart (1990) analisou seis faixas etárias distintas (dos 15 aos 24 anos, 25 a 34, 35 a 44, 45 a 54, 55 a 64, 65 ou mais anos), obtendo níveis de satisfação com a vida virtualmente idênticos. Stocks et al. (1983) conduziram uma meta-análise investigando a correlação entre idade e bem-estar e concluíram que é praticamente nula.

Myers (2000, citado por Silva, 2003, p.304), mostra que “ não há propriamente um período da vida em que se é particularmente feliz, em qualquer época da vida há pessoas felizes e infelizes” e que o conceito de felicidade/Bem-Estar Subjectivo das pessoas pode ser condicionado por existirem vários preditores, tal como a idade, a saúde e a amizade.

Segundo (Silva, 2003, p. 100) “ Os resultados da investigação feita neste domínio, apontam para uma tendência positiva da correlação da idade com a satisfação com a vida, isto é, à medida que aumenta a idade, aumenta também a afectividade positiva enquanto a afectividade negativa tende a diminuir, ficando claro de que o avançar da idade não faz diminuir o BES, excepto em casos de idade bastante avançada”.

Ryff (1989) verificou que os jovens eram menos felizes do que as pessoas de meia-idade e idosas, comparando-as através do cálculo de um índice de equilíbrio onde subtrai os afectos negativos dos positivos.

No seu estudo, Diener (1984) refere uma relação entre felicidade e idade, especialmente a partir dos 54 anos.

A relação entre idade e bem-estar pode ser modulada por género, White e Edwards (1990) verificaram que mulheres com menos de 55 anos avaliavam-se menos felizes do que homens.

O género é outra característica sóciodemográfica que parece não influenciar na felicidade (Watson, 2000). Em 1984, Haring et al. (1984) realizaram uma meta-análise constituída por 146 estudos e acreditam que o género contribuiu com menos de 1% para a variação dos índices de bem-estar reportados. Inglehart (1990) entrevistou mais de 150 mil pessoas em 16 países, obtendo índices equivalentes de satisfação com a vida entre os dois géneros, não querendo isto dizer que eles se comportem de maneira análoga afectivamente, pois as mulheres tendem a reportar índices de afectos positivos e negativos discretamente mais elevados do que os homens (Diener, 1984).

2.5.1.2 Emprego e Rendimentos

No mundo actual assistimos a um desenvolvimento vertiginoso, mas com esse desenvolvimento também vêm mais alterações sociais, económicas e culturais que advém de recessões económicas, desemprego ou emprego precário, sendo que tudo isto dá o

seu contributo para surgirem indicadores de mau estar tal como o stress, cansaço, rotina, aumento de depressões que levam por seu lado a uma menor satisfação com a vida (Silva, 2003). Os estudos de Alois Stutze e Rafael Lalive(2001) e de Clark e Oswald (1994) mostram que os efeitos negativos da mudança da sociedade contribuem para a diminuição do Bem-Estar Subjectivo.

Segundo Diener (1984), alguns dados relatam que os indivíduos de países mais ricos eram mais felizes comparativamente com os que habitavam em países pobres; outros, para uma diferença menos expressiva entre os ricos e pobres de um país, quanto à felicidade, apontando que não é o nível absoluto dos rendimentos dos seus preditores mais fortes, mas a distribuição de renda total, e que só tem efeito mesmo como tal em níveis extremos de pobreza, perdendo impacto quando há a satisfação das necessidades básicas

Simões (2000), refere vários estudos que defendem que o crescimento económico não exerce influência de forma significativa no aumento do BES e que as pessoas ricas são somente um pouco mais felizes

Outros estudos mostram, que ter mais rendimentos produziria pouco benefício complementar ao bem-estar – estando este facto presenciado em diferentes nações -, sugerindo pois uma baixa correlação entre indicadores económicos e diferentes componentes e formas de bem-estar, como felicidade, satisfação de vida e afecto positivo (Diener & Biswas-Diener, 2002).

Diener e Biswas-Diener (2002), ainda referem que um rendimento mais alto ajudaria nas avaliações de bem-estar subjectivo quando as pessoas eram extremamente pobres, no entanto, a partir de um dado rendimento não se apuraria a correlação entre aumento da riqueza e aumento do bem-estar subjectivo (Diener, 2004).

Lever (2004) comparou o bem-estar subjectivo de três grupos socioeconómicos - extremamente pobres, moderadamente pobres e não pobres e concluiu que havia diferenças estatisticamente significativas em todos os factores do bem-estar subjectivo em relação ao grupo socioeconómico a que os indivíduos pertenciam.

Em relação ao emprego Diener (1984) refere que existe mais hipóteses das pessoas desempregadas serem infelizes, devido ao grande impacto que o emprego traz às suas vidas, que é mais do que as dificuldades financeiras.

2.5.1.3 Cultura

Não é possível perceber e avaliar o bem-estar subjectivo independentemente da cultura em que o indivíduo está incluído, pois esta cultura influencia o que se apreende por bem-estar, a forma como é procurado, alcançado e expresso (Diener, 2009).

O Bem-Estar Subjectivo sofre, assim, também, influência cultural, apesar da hereditariedade “ser responsável” por cerca de 52% da variância no BES (Lykken & Tellegen, 1996, citado por Albuquerque & Tróccoli 2004).

Estudos comparativos entre grandes amostras populacionais de diferentes países revelam diferenças nos níveis de felicidade. Um grande estudo realizado em países da União Europeia entre os anos de 1973 e 1998 mostra que, ano após ano, os cidadãos dinamarqueses detinham cinco vezes maior probabilidade de se declararem “muito satisfeitos” com suas vidas comparativamente a cidadãos italianos ou franceses, e doze vezes mais que os portugueses (Ingleman & Klingemann, 2000).

Segundo Ingleman e Klingemann (2000) as nações mais ricas costumam alcançar índices mais elevados de felicidade comparativamente a nações mais pobres. Ou seja geralmente os indivíduos que habitam nas regiões mais ricas do globo (América do Norte, Austrália, Europa Ocidental e Japão) têm níveis de felicidade mais altos do que os que habitam em regiões mais pobres (África e Ásia). No entanto, isto não explica o caso de muitos países da América Latina onde a felicidade é comparável aos da Austrália e do Japão (Veenhoven, 1991).

O World Values Surveys (WVS) é a maior pesquisa internacional já realizada, no campo das ciências sociais, que abordaram de forma abrangente o sistema de valores humanos em mais de 60 países. O último estudo publicado, referente aos anos de 1999 a 2002, apontou que os escores mais elevados de felicidade foram encontrados, por ordem

decrecente, em Porto Rico, México, Dinamarca e Colômbia. O Brasil é o 32º país do ranking, e os Estados Unidos, o 15º (Inglehart et al., 2004; World Values Survey Association, 2006, citado por Ferraz, Tavares & Zilbarman, 2007).

A literatura aponta que tanto para nações quanto para indivíduos, ultrapassado um limiar de sustento com dignidade (incluindo comida, água e saneamento básico), o aumento do poder aquisitivo não se correlaciona com um incremento significativo nos níveis de felicidade (Csikszentmihalyi, 1999).

Os estudos Americanos referem que os brancos são mais felizes que os negros (Campbell, Converse & Rodgers, 1976).

Para Argyle (1999) o baixo nível de felicidade das minorias étnicas deve-se basicamente devido ao baixo rendimento, à educação e ao baixo status no trabalho, sendo que se estas variáveis forem controladas, o efeito da raça diminuiu e quase desaparece.

A cultura é “experiências compartilhadas” sendo a base da forma como se vê o mundo, não se podendo colocar de lado o contributo desta no Bem-Estar Subjectivo nas pessoas. O sentido das experiências dos indivíduos é construído socialmente através de crenças, pressuposições e expectativas sobre o mundo (Albuquerque & Tróccoli 2004).

A cultura influencia, também, a personalidade e personalidade influencia a cultura, assim, estes dois níveis de análise são capitais para se compreender o Bem-Estar Subjectivo dentro de uma perspectiva cultural (Albuquerque & Tróccoli 2004).

2.5. 2 Personalidade

Deneve e Cooper (1998) reflectem sobre os estudos do Bem-Estar Subjectivo e que estes circulam à volta de indicadores biosociais tais como: sexo e idade, sendo que na verdade, a correlação que sustentam com a felicidade é baixíssima.

Mas embora a grande parte das variáveis sócio-demográficas não sejam preditivas de BES, devem ser investigadas, agrupadas com os factores internos, como os traços da personalidade (Diener et al., 1999).

Alguns autores como Veenhovem, (1994 citado por Diener et al., 1999) asseveram que a felicidade não é um traço da personalidade, é sim influenciada por ela, tornando-a um bom preditor do BES, existem pesquisas que demonstram, a vivência mais salientada da felicidade somente quando indivíduos actuam ou se deparam com alguma situação que seja adequada às suas personalidades (Diener, Lucas & Oishi, 2003), ou quando há a adaptação dos indivíduos a circunstâncias boas ou más, acompanhada pela mudança de objectivos. (Diener, 2000).

Assim “O estudo da relação entre a personalidade e o Bem-Estar Subjectivo tem merecido a atenção dos investigadores de ambas as áreas” (Albuquerque & Lima, 2007, p.4).

Pavot, Fulita e Diener (1995) asseveram que o Bem-Estar Subjectivo é a área ideal para ter em conta a problemática do estudo da coerência da personalidade, pois possibilita uma análise das relações entre os diferentes níveis da mesma.

Brebner et al. (1995) investigaram as relações presentes entre medidas de felicidade/ Bem-Estar Subjectivo e personalidade, contando com a participação de 95 estudantes voluntários, concluindo que a estrutura básica de personalidade projecta a inclinação para um indivíduo ser caracteristicamente feliz ou não. O neuroticíssimo revelou-se negativamente associado a dimensões de felicidade, e a extroversão exibiu-se positivamente relacionada a elas.

Já Vitterso e Nilsen (2002) exploraram a estrutura do Bem-Estar Subjectivo, neuroticismo e extroversão e compararam os efeitos dos níveis do neuroticismo e da extroversão como produtores do Bem-Estar Subjectivo, através de uma população de 461 participantes adultos da Noruega e, verificaram que o Bem-Estar Subjectivo parece ser apoiado por três dimensões - a satisfação de vida, o afecto positivo e o afecto negativo, além de que concluíram que o neuroticismo surge nesse estudo como melhor preditor do BES do que a extroversão

De Neve e Cooper (1998) numa meta-análise que estudou 148 estudos, relacionaram traços de personalidade com Bem-Estar Subjectivo verificando que a personalidade, ao nível dos traços, parece ser boa preditora da relação com a vida e do afecto positivo e preditor mais débil do afecto negativo.

Tellegen et al. (1988), num estudo com gémeos que foram separados ao nascimento, concluem que metade da variância do bem-estar subjectivo era explicada por factores herdados geneticamente, como o caso do temperamento.

Cloninger (2006), refere que, se o dinheiro, o poder e a fama não auxiliam as pessoas a serem mais felizes, o desenvolvimento do carácter pode fazê-lo. Apresenta certezas demonstrando que altos níveis dos componentes do carácter (autodirecionamento, cooperatividade e auto transcendência) correlacionam-se com maior frequência de emoções positivas e menor frequência de emoções negativas.

2.5.3 Saúde

O bem-estar subjectivo está relacionado com a saúde e a longevidade e, embora essas variáveis estejam longe de ser compreendidas de forma completa (Diener & Seligman, 2004), é considerada um forte preditor do Bem-Estar Subjectivo, relacionando-se com a felicidade, não somente na maneira como os indivíduos se sentem fisicamente, mas também no que a sua saúde consente que façam (Diener, 1984).

A forma como a pessoa percepção o seu estado de saúde tem mais influência no BES do que o seu estado de saúde declarado pelo médico. O que se pode verificar que a personalidade influi na saúde subjectiva conforme se pode constatar nos estudos de Sataundinger et al (1999).

Seligman (2004, p.55) refere que “a emoção positiva funciona como previsão de saúde e longevidade, que são bons indicadores de reservas físicas”.

Uma interessante explicação para a correlação entre bem-estar subjectivo, saúde e longevidade apontaria para o afecto positivo estar interligado a perfis favoráveis de funcionamento em diversos sistemas biológicos e dessa maneira, podia ser relevante ao reduzir o risco de desenvolvimento de doenças físicas (Steptoe, Wardle & Marmot, 2005).

Pressman e Cohen (2005) investigam a relação entre saúde e afectos positivos, verificando menor mortalidade em populações com altos índices de afectos positivos mensurados como traço. No entanto os índices excessivamente elevados de afectos positivos podem estar relacionados com um aumento de morbilidade e mortalidade. Uma explicação possível será a tendência a subestimar riscos, diminuindo os cuidados dispensados à saúde.

2.5.4 Religião

Moreira-Almeida et al. (2006), fizeram uma revisão a mais de 800 pesquisas que associam a saúde mental com a religião e concluíram que a religião está relacionada a melhor saúde mental (tendo como indicadores de bem-estar psicológico, a satisfação com a vida, felicidade, afecto positivo e moral mais elevado) e a um menor índice de transtornos psiquiátricos (depressão, pensamentos e comportamentos suicidas e uso/abuso de álcool/ drogas); note-se que estes dados foram replicados em culturas e religiões diferentes (Shapiro, 1994; Levin et al., 1996; Levin e Chatters, 1998; Levin et al., 2005).

2.5.5 Relações Interpessoais

Parecem ter melhores relações sociais, pessoas com o bem-estar subjectivo elevado do que pessoas, que apresentam baixo nível de bem-estar subjectivo. As relações sociais positivas parecem, então, importantes para o bem-estar, existindo diferentes dados que apontam que o bem-estar promove o desenvolvimento de boas relações sociais (Diener & Seligman, 2004).

Existem muitos estudos que mostram que, quando comparadas às pessoas solteiras, as pessoas casadas possuem melhor saúde física e psicológica, e têm maior longevidade (Burman & Margolin, 1992, citado por Passarelli & Silva, 2007).

As pesquisas demonstram que os indivíduos casados são mais felizes que os que não o são, e que este dado se verifica em quase todos os países analisados, excepto no Japão (Corbi & Menezes-Filho, 2006).

Diener, Suh e Oishi (1997) acrescentam que os indivíduos dos dois sexos são mais felizes se forem casados do que os que nunca se casaram, ou dos que estão divorciado ou separados, justificando, mais uma vez, a relação positiva entre felicidade e casamento.

No entanto existem outras pesquisas que apontam que o casamento tem parca predominância na felicidade, senão vejamos: numa meta-análise de 58 estudos realizados nos Estados Unidos, Haring-Hidore et al. (1985) concluíram que o efeito representado pelo casamento nos níveis de felicidade é de apenas 0,14, sendo que Demo e Acock (1996) ao relacionarem mães solteiras, casadas e re-casadas e chegaram a uma conclusão semelhante; Lykken e Tellegen (1996) referiram que o estado civil antediz menos de 1% da variação de felicidade na sua amostra, que era composta por gémeos na idade adulta; Watson (2000) observa, no entanto, que entre pessoas “muito felizes”, há uma maior representação de pessoas casadas, sugerindo que a felicidade cause casamento, e não o oposto.

Segundo Diener et al. (1999) em relação ao indicador da união, a qualidade do casamento também é um forte preditor de Bem-Estar Subjectivo, juntamente com a importância dos factores interação, papéis compartilhados e expressividade emocional dentro da relação.

No entanto há que se reflectir, nas mudanças de configuração a que o casamento se tem sujeito nos últimos anos, sendo de menor duração, bem como a constante mudança de parceiros dentro da relação, contrapondo, assim, os achados dos autores mencionados (Araújo & Cruz, 2007).

Atestando esses estudos, evidências experimentais indicam que os indivíduos apresentam sofrimento quando não estão incluídos em nenhum tipo de grupo ou quando têm relações empobrecidas dentro dos grupos a que pertencem (Diener & Seligman, 2004).

Podemos então atentar que participar de grupos, como grupos de amigos, de trabalho, de apoio, é um factor benéfico para o bem-estar subjectivo (Passareli & Silva, 2007).

Diener e Seligman (2002), realizaram o primeiro estudo de pessoas “muito felizes” na literatura, uma pesquisa com 222 estudantes universitários usando escalas de felicidade diferentes; autopreenchimento e outras preenchidas por colegas, para confrontar os 10% mais felizes com a média e com o grupo de pessoas mais infelizes dentro dessa amostra onde conseguiram apurar que tais indivíduos eram muito sociáveis, além de reportar relacionamentos românticos e interpessoais mais fortalecidos do que os grupos menos felizes.

CAPÍTULO III

AMOR: DOS MODELOS TEÓRICOS À INVESTIGAÇÃO

Na verdade, existiam tantos pontos de vista sobre a questão da existência do Amor, o que era, por que surgiu, como era, o que devia fazer-se com ele que parecia que toda a gente estava a falar de experiências ligeiramente diferentes. Claro que havia pontos em comum. Todos concordavam que podia ser muito forte. Todos concordavam que podia atingir-nos de repente, praticamente sem aviso. Mas quando tentavam a analisa-lo, começava a escapar-se por entre os dedos; era demasiado delicado para se deixar aprisionar, demasiado subtil para sucumbir, demasiado esquivo para ficar preso numa definição e amarrado como uma borboleta, ao rótulo de um reino, de uma classe, subclasse, ordem, família, género, espécie.

(Andreaa, 2003, pp. 233-234)

3.1- O Amor sob uma visão científica

Diversos estudos, demonstram que o Amor tem origem, para além dos motivos biológicos, no conhecimento da própria solidão. Desde que o homem teve consciência de si, a solidão tornou-se objecto de reflexão no sentir de cada ser humano. O amor, desta forma, seria só “um intermediário, como a arte ou a religião, para ultrapassar os limites do próprio Eu, romper o isolamento do Eu, encontrar união, participação, pertença ao “todo” (Slepoj, 1996).

A experiência emocional é tema totalmente recorrente nas mais diversas manifestações artísticas e sociais, transposta em palavras por poetas e romancistas, registada visualmente por cineastas, dramatizada por actores (Silva, 2003).

Descrições pormenorizadas dos sentimentos de ciúme, remorsos, medo ou ansiedade são absorvidos pela maior parte de nós em textos revestidos de adjectivos. São emoções com as quais muitas vezes nos identificamos e que, em tantas oportunidades, descrevemos baseados na experiência pessoal. O amor é uma de muitas emoções (Silva, 2003).

Reconhece-se facilmente a felicidade, a ira, a ansiedade, a tristeza, amargura, e é porque todas estas emoções exibem padrões de respostas reconhecíveis que o seu estudo se torna experimentalmente possível (Silva, 2003).

Muitos são os estudos já realizados acerca do amor, sendo que cada especialista segue o seu próprio caminho, muitas das vezes cruzando-se com o dos outros, e tudo isto porque o intuito é comum: chegar a uma definição científica do amor (Silva, 2003).

A emoção do amor pode referir-se a uma disposição emocional duradoura ou ao sentimento instantâneo de uma grande emoção por outra pessoa, variando nas formas em que se apresenta (amor maternal, amor romântico, amor por si mesmo), assim como oscilando na intensidade (profunda a suave), e no grau de tensão de serena afeição até violenta e agitada paixão (Silva, 2003).

O amor é, pois, o mais intrincado e estruturado dos sentimentos humanos, e considerado como uma componente de qualquer relação afetiva: sendo uma competência, uma faculdade de que o indivíduo dispõe e exprimindo-se nas mais variadas formas e com diferentes graus de intensidade, combinando uma série de emoções, voltado para diferentes “finalidades”, por exemplo um parceiro, progenitor, filho ou ideal (Slepoj, 1998).

O interesse da cogitação e das ações dos seres humanos sobre o amor no todo das relações sociais, é de fácil constatação, mesmo tendo em conta culturas e épocas diferentes, sendo que estas ações e cogitações manifestam-se nos valores, princípios religiosos, cultura, dialecto e estereótipos (Menandro, Rolke & Bertollo, 2005).

Alguns teóricos concordam que os primórdios do amor estão não só nas necessidades biológicas do ser, mas também na consciencialização da solidão, a partir do momento que o homem deixou de ser “animalesco” (Slepoj, 1998).

Maslow (1954, citado por Canavarro, 1999) classificou o amor e a necessidade de pertença “ como abrangidos na hierarquia da sua pirâmide motivacional. A necessidade de amor e de pertença existia somente quando outras necessidades básicas de natureza fisiológica (como a fome, o sono, evitamento da dor, movimento, ...) e necessidades básicas de segurança (como a estabilidade a dependência, ausência do medo, ansiedade e caos, necessidade de estrutura, ordem e limites, ...) fossem saciadas; no entanto elas antecederiam as necessidades de estima (como a necessidade de poder, de prestígio, de auto-respeito, ...) e de auto-actualização.

De acordo com Medora, Larson, Hortacsu e Dave (2002), o estudo sistemático do amor teve início em 1944, com a publicação de uma das primeiras escalas de avaliação do romantismo, por Llewellyn Gross nascendo, assim, a proliferação de uma série de questionários de avaliação do amor. Duas décadas depois, em 1971, Bercheid e Walster (1971, citado por Neto, 200) realizaram a primeira revisão sistemática sobre o amor passional e, Zick Rubin, (1988) um reconhecido investigador na área das relações íntimas, observou que, até à data da sua dissertação sobre a avaliação do amor romântico, isso

em 1968, não existia nenhum campo científico conhecido como a Psicologia do Amor (Rubin 1988).

Como há uma introdução tardia do Amor como objecto científico de estudo (Neves, 2007) o amor só começa a ser estudado cientificamente, pela Psicologia Social por volta dos anos 70, existindo, no entanto, um decréscimo na investigação devido às influências políticas da época, que viam o amor como algo que não era científico e também porque os estudos empíricos não conseguiam demonstrar o âmago do amor romântico (Clark, 1988, citado por Neto, 1992).

Nos anos 80, o amor é reavivado no âmbito científico sob uma perspectiva mais alargada no âmbito conceptual, sendo que a novidade nesta investigação é que ela abarca os factores interpessoais que influenciam a experiência do amor (Neto, 1992).

Apesar de ser um conceito tão recorrente no nosso dia-a-dia, é fácil cair no erro de pensar que os pesquisadores não sentem qualquer problema na sua tentativa de o mensurar, facto que não é de todo verdade, pois as pesquisas sobre esta emoção baseiam-se em teorias que se definiram previamente (Silva, 2003).

Estudar o amor cientificamente não tem sido um assunto de trato fácil, sendo que até há bem pouco tempo, e para muitos psicólogos sociais, este estava fora do campo de acção da disciplina (Neto, 2000), pois devido à grande dificuldade em observá-lo de um modo rigoroso e sistemático era considerado de acientífico pelos/as investigadores/as, sendo que a sua introdução, como objecto científico, nas ciências sociais e humanas foi, por isso mesmo, relativamente tardia (Neves, 2007).

Segundo Berscheid e Walster 1978 (citado por Neto, 2000), existem três razões para descurar esta temática. Acreditava-se que o amor era demasiado ininteligível para ser considerado um objecto passível de um estudo científico. Considerado mesmo um tema tabu, pela sua complexidade e dificuldade de transposição para o laboratório, o Amor estava fora da investigação científica. Na verdade, o amor não tem sido fácil de definir, pois várias são as definições atribuídas por autores diversos, ou seja, não há consenso relativamente a uma definição para o Amor.

Não obstante estas razões, que constituíam um entrave ao desenvolvimento do estudo do Amor, os psicólogos sociais desenvolveram algumas teorias com vista a encontrar a explicar para o Amor, pois para muitas pessoas, a vida só faz sentido se houver uma relação romântica e esta tem um impacto significativo na sua existência. Entendemos bem esta afirmação, quando pensamos no tempo e actividades que os pares partilham, no número de papéis representados pelos parceiros nas relações amorosas e nas funcionalidades que representam. Assim sendo, o estudo do amor torna-se deveras importante para a nossa sociedade, pelo papel indispensável que desempenha nas relações mais íntimas, influenciando no casamento e no divórcio (Neto, 2000).

Stenberg(1989) refere que a ciência pode ajudar-nos a compreender tanto as bases psicológicas como a dimensão da alma, porque amamos, como amamos e que a investigação científica não substitui as outras formas de investigação sobre o Amor nem vice-versa.

3.2- O que é o Amor – Definição de Amor

“Carta a Martha, 16 de Janeiro de 1884

Não quero que me ames por qualidades que poderias atribuir-me, nem, de resto, por qualidade alguma: é preciso que me ames sem razão, como se amam sem razão todos os que se amam, simplesmente porque te amo e sem que tenhas de te envergonhar por causa disso.”

(Freud, 1884, citado por Mijolla, 1983. P. 15)

Existem diversas espécies de amor: sexual, parental, filial, fraterno, anaclítico e narcisista, bem como amor por um grupo, escola e país. O que caracteriza o estar apaixonado é a ânsia de conservar a proximidade com o objecto de amor (Kaplan, Sadock & Grebb 2003), no entanto vamos nos centrar no objecto de estudo desta dissertação, ou seja o Amor Romântico.

O amor é tão antigo quanto o homem que permanentemente se conheceu com capacidades de amar e ser amado (Barros, 2004). “Desde sempre se escreveu, falou e dissertou sobre o amor. Todos somos capazes de o reconhecer, todos o procuramos; no entanto, tentar defini-lo é uma tarefa difícil, porque as palavras são insuficientes para alcançar a sua grandeza, o seu mistério, a sua beleza” (Costa, 1998, p.16), pois “o amor é uma emoção particular, que não prescinde da cognição e que se expressa numa grande quantidade de comportamentos (palavras, expressões não verbais, físicas, prendas, sacrifícios pelo amado)” (Barros, 2004, p. 16).

Cada um de nós abarca uma ideia conceptual do Amor. No entanto, ao tentarmos explica-lo, temos a percepção de quão parco é o nosso conhecimento sobre o tema (Cereti, 1987), pois sendo o Amor um sentimento é difícil tentar defini-lo. É tentar “definir, racionalmente aquilo que não é racional.” (Slepoj, 1996). Parafrazeando (Barros 2004, p. 18) “Toda a gente fala de amor, os jovens escrevem-no em toda a parte, mesmo em inglês (I love you) ou então desenham corações. Porém, é mais fácil vivê-lo, identifica-lo, senti-lo, do que defini-lo”.

Se o amor for verdadeiro, já que existem os que ecoam a perfídia, trata-se de um sentimento que se expressa em gestos de bem para com os outros (Barros, 2004). Como construção humana, ele representa a manifestação máxima de sentimentos e emoções, sendo que a sua existência está enraizada no contexto dos direitos humanos de uma cultura predominantemente secular e individualista, identificando a importância da felicidade individual (Ackerman, 1994).

Jung ao falar da definição de sentimento, refere: “A faculdade intelectual de compreender revela-se incapaz de formular a natureza do sentir numa linguagem

intelectual, visto que o pensar pertence a uma categoria incompatível com o sentir (...). A esta circunstância se deve o facto de que nenhuma definição intelectual estará em condições de reproduzir, nem mesmo de uma forma aproximada, aquilo que é específico do sentimento.” (Jung, 1920,)

O amor vem sendo cada vez mais analisado pela ciência, apesar de ser um campo que historicamente próprio da reflexão de artistas e filósofos (Aron & Westbay, 1996; Engel, Olson, & Patrick, 2002; Reis, 1992, citado por Cassepp-Borges, Maycoln & Teodorob, 2006), como já foi referido anteriormente.

No dicionário de Psicologia

“Amor é um sentimento infeliz no caso de não ser recíproco e, quando partilhado e satisfeito na maior parte das suas expectativas, causa felicidade; este sentimento que uma pessoa dirige para outra pessoa específica e faz com que se deseje receber e proporcionarem prazeres (sexuais, no caso de se tratar de adultos), ternura, admiração, cooperação, compreensão e protecção, ou pelo menos algumas destas satisfações. Mais do que pela psicologia, o amor foi descrito na literatura em todas as suas variedades (heterossexual, homossexual, parental, filial, narcísico), nas suas intensidades (um breve encontro, don juanismo, uma paixão violenta), nos seus processos e efeitos. Muitas vezes o amor é apresentado, incorrectamente, como o oposto do ódio: ora o contrário do amor não é o ódio mas a indiferença afectiva (Andraee, p.55)

Neto (2000) refere o amor como algo revestido de dois sentidos: um estado emocional curto e uma disposição continuada para apreciar essas emoções em relação a outra pessoa.

Brehm (1985, citado por Neto, 2000, p.228) referiu que “temos livros sobre o amor, teorias sobre o amor e investigação sobre o amor”, mas “Ninguém tem ainda uma só e simples definição que seja amplamente aceite pelos outros cientistas sociais”.

Estamos perante uma imensurável dificuldade em chegar a um conceito unânime do Amor, não obstante, tal como noutros construtos, cada nova definição que surge tem

um papel importante, na medida que acrescenta algo de novo ao anteriormente conhecido. O amor tem, na sua constituição, várias instâncias, cada uma com as suas características. (Shaver et al., 1997; Fehr & Russel, 1991, citado por Neto, 2000).

Ao longo dos tempos, os autores foram, então, defendendo noções diversas, algumas quase puramente «racionais», outras emocionais, pelo que o conceito de Amor recebe constantes acrescentos.

Platão descreveu o amor (Eros) como o sentimento que consegue acabar com as indignidades do mundo material e alçar ao mundo das ideias, sendo este pensamento complementado pelo de Freud (1915/1969) que assegura que o amor está relacionado aos instintos sexuais, tornando-se antagónico do ódio depois de determinada a organização genital (citado por Cassepp-Borges, Maycoln & Teodorob, 2006).

Watson (1924) definiu o Amor como sendo uma emoção inata suscitada pela estimulação cutânea das zonas erógenas, ao passo que Fromm (1956) considerou o amor como um dispositivo utilizado para reduzir a sensação de isolamento e de solidão, já para Swenson (1972) o Amor se insere num lote de comportamentos, como comprar prendas, partilhar actividades ou informações íntimas, Canters (1975) olhava o Amor como uma resposta evocada nas pessoas por uma interacção gratificante. Lasswell e Lasswell (1976) definiram o Amor em termos de afecto (sentimento, emoção), activação fisiológica e cognição.

Skinner (1991) salientou que o amor é um reforçar mútuo de comportamentos, ideia confirmada posteriormente por estudos com neuroimagem, os quais sugerem que o sistema de recompensa é aquele que mais é activado quando se mostra a foto de uma pessoa amada (Aron, Fisher, Mashek, Strong, Li, & Brown, 2005, citado por Vicente Cassepp-Borges, Maycoln & Teodorob, 2006).

Não há consenso quanto a uma definição formal, o que é compreensível dada a diversidade de características de cada instância do Amor.

“O Amor é demasiado abrangente, demasiado profundo para alguma vez ser verdadeiramente compreendido, medido ou limitado dentro de uma estrutura de

palavras. (...) A tentativa tem valor, mas será de algumas formas imperfeitas". (Peck, 1978, p.87).

De acordo com Peck (2002, p.87):

"Um dos resultados da natureza misteriosa do Amor é que ninguém, que eu saiba, chegou ainda a uma definição verdadeiramente satisfatória do Amor. Na tentativa de o explicar, dividiu-se o Amor em várias categorias: eros, philia, ágape; amor-perfeito e amor imperfeito e por aí adiante. Eu defino o Amor assim: a vontade de expandir o Eu com o objectivo de alimentar o seu próprio desenvolvimento espiritual ou o de outrem".

Nietzsche considerou que "só do Amor surge o conhecimento mais profundo", porque a pessoa que ama é intuitiva, adivinha as necessidades dos outros, não estando fechada em, si mesma (citado por Barros, 2004).

Rojas (1988):

Aborda os quatro significados do tema Amor: na linguagem comum (pode adquirir múltiplos sentidos), filosófica (desde os Gregos que se estudou, o amor havendo filósofos que o aproximaram mais da verdade, da vontade, da emoção, da beleza...), na linguagem psicológica (como factor de motivação, tendo múltiplas interpretações) e na linguagem social (que frequentemente identifica o amor com o sexo: "Fazer amor") (citado por Barros, 2004, p.18).

E estas são, tão-somente, algumas das definições existentes, pois está para além do âmbito do presente trabalho uma listagem exaustiva das definições publicadas. O amor ao que parece é um conceito subjectivo, que varia de época para época, de cultura para cultura, alterando-se e formando uma história complexa, sendo no entanto intemporal.

3.3- Será o Amor, somente, um processo cultural

“Ela recorda que, uma noite à volta da fogueira, quando lhe pediram para partilhar alguma coisa sobre o folclore da sua terra, contou a toda a aldeia um conto tradicional inglês sobre as façanhas de um jovem príncipe que escalou montanhas, lutou com monstros e percorreu muitas léguas para lhe ser concedida a mão da sua amada em casamento e conquistar o seu coração para sempre. Quando acabou a história olhou à sua volta, esperando ver acenos de aprovação e sorrisos nostálgicos, mas viu apenas um mar de rostos desconcertados, perplexos, e havia um silêncio pesado e embaraçoso. Por fim, sem querer parecer indelicado, mas demasiado perplexo para continuar calado o chefe da aldeia falou: Por que é que ele não arranjou simplesmente outra rapariga?”

Episódio relatado pela Antopologa ,Dr^a Andrey Richards que viveu com o povo Zâmbia na década de 30

(Andrae, 2003, p. 232)

Nos estudos do amor, não é possível deixar de parte variáveis como sexo, idade, personalidade ou a indiocrassia de cada um, para além das determinantes contextuais e interculturais. O testemunho de Richards é o mote de “discussão” e reflexão neste ponto do trabalho. O amor estará presente em todas as culturas, ou por outro lado será o amor o resultado de culturas específicas?

Apesar de haver um interesse crescente em estudar o amor quer do ponto de vista empírico, quer teórico, são escassos os estudos que se focalizam nos contextos culturais em que se dão as relações amorosas e nas diferenças inter-culturais (Neto, 2000).

O Amor é por vezes descontextualizado e confundido como parte inerente da evolução sócio-histórica, cogita-se sobre a hipótese de que somos, de facto, seus inventores, ou ainda, se o que se tem é uma tendência a tomar por natural o que é

cultural como aponta MacFarlane (1989); mas apesar de todas estas dubiedades algo é certo, ele é um dos fenómenos mais importantes na construção social, porque seria responsável por converter a espécie humana como a espécie dominante no planeta (Maturana, 1995).

As abordagens da psicologia social e da sociologia apresentam o amor, grosso modo, como uma experiência vulgar no quotidiano das pessoas (Neves, 2007); e, que as concepções sobre o amor são sobremaneira importantes para a organização das várias culturas e sociedades porque implicitamente definem o que é apropriado e desejável nas relações entre os indivíduos, especialmente nas sociedades ocidentais, onde o amor tem sido entendido como basilar na interação social, sendo para alguns/as autores/as a chave de todas as escolhas humanas (Carvalho, 2003, citado por Neves, 2007).

Niklas Luhmann, em 1988 (citado por Neves, 2007), definiu o amor como um fenómeno histórico, sublinhando a ideia de que o amor deve ser incorporado num código social partilhado por indivíduos que estabelecem relações uns com os outros; preocupado com as relações entre o sistema social e os veículos da comunicação simbólica, propõe que o amor seja analisado a partir das especificidades culturais e das ideologias.

Para (Solomon, 1992), o amor é um processo emocional que deriva de um conjunto de ideias que são influenciadas pela sociedade e pelo contexto histórico-social nos quais se insere e, sendo ele, à partida, uma crença emocional (Costa, 1999) “pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. Nenhum de seus constituintes afectivos é fixo por natureza” (citado por Almeida & Oliveira 2007).

Desde o final dos anos 50 acredita-se que o amor (ou mesmo sua busca) é importante para a vida quotidiana de qualquer pessoa e, também para a própria teoria sociológica e para a evolução da sociedade como um todo (Almeida & Souto Mayor, 2006).

William Goode, em 1959, aborda essa problemática, analisando o amor como um elemento da “acção social e como tal da estrutura social” (Goode, 1959, p. 38, citado por Almeida & Souto Mayor, 2006), nesta perspectiva, o amor não se trata apenas de um

sentimento que paira sobre ou fora da vida social, mas um factor que estaria imanente à própria evolução sócio-histórica (Almeida & Souto Mayor, 2006).

Beall e Sternberg (1995), refere que o amor é uma construção social que pode ser traduzida como uma experiência emocional não universal que é definida de forma diferenciada em função das culturas onde tem lugar. Assim, os significados do amor dependem do período histórico, da temporalidade e das especificidades culturais subjacentes à sua conceptualização. Ao enunciar o amor como um fenómeno socialmente construído e não como uma realidade objectiva, homogénea e irreversível, e ao atribuir-lhe funções diversas, Sternberg abriu caminho para o aprofundamento do estudo das relações íntimas, permitindo que novas e mais integradas abordagens fossem a partir dele desenvolvidas.

Na verdade, o que acontece nas tentativas de definição de amor, acontece igualmente nas sociedades em relação ao amor: verifica-se que sociedades diferentes tratam também, o Amor de forma diferente, conforme o local e o momento em que o homem e a mulher habitam, podendo estar fora da sua perspectiva emocional ou no centro do seu interesse. Os antropólogos que realizaram pesquisas por todos o planeta, em meados do século XX, tinham sempre histórias contraditórias para contar, por exemplo existiam os mangaianos do Pacífico Sul, que não necessitavam do Amor Romântico, os ik da África Oriental, população triste que tinham olvidado esse sentimento e havia no outro extremo, autores de textos em sânscrito que relatavam o seu enorme poder. Existiam, assim, inúmeros pontos de vista sobre as questões do Amor fazendo parecer que todos se pronunciavam de coisas completamente diferentes, havendo em comum o facto de concordarem que poderia ser algo muito forte, e repentino (Andreae, 2003).

Alguns autores referem a existência transcultural do amor romântico, Jankowiak e Fischer (1992), num estudo que envolvia 186 culturas reconheceram que em 88.5% delas existiam indicadores de amor romântico, no entanto outros autores, como Averill, postulam que o amor romântico é um fenómeno construído, discurso social num momento histórico e culturalmente. Mas se Hendrick e Hendrick (1992), sustentam que ele é exclusivo da cultura ocidental, e que surgiu no século XII, outros autores, como

Berscheid, referem que em documentos anteriores, como a Bíblia, textos hindus e clássicos da China, se encontram descrições de experiências de desejo e amor romântico (Oatley & Jenkins, 1996, citado por Ubillos, 1997).

Cada vez mais os psicólogos, antropólogos e outros estudiosos admitem que o amor é um fenómeno universal (Hatfiel & Rapson, 1993), mas que o seu significado real pode variar consideravelmente de cultura para cultura e de época para épocas (Beall & Sternberg, 1995, Hinde, 1997, citado por Ubillos, 1997).

Helen Harris depois dos estudos de Donald Marshal em Mangaia, que referiam que este povo tinha um regime sexual desprovido de emoções, característico do amor romântico, realizou um estudo de campo na mesma região e chegou a conclusões completamente diferentes: pois com todas as pessoas com quem tinha falado estas conheciam o amor e grande parte tinha vivenciado a experiência do amor e para alguns até tinha “apadrinhado” o casamento. Quando a antropóloga reflecte sobre culturas diferentes, ocidentais ou não, da época clássica ou pré-moderna consegue descortinar em todas elas o mesmo paradigma (Andrea, 2003).

“Das selvas do Amazona aos inuit do Alasca, dos ilhéus ifaluk aos nómadas do deserto, e do Egipto à China do século XX, todos conheciam as angústias do amor romântico. Todos estavam familiarizados com as suas alegrias e tristezas, a sua natureza caprichosa, a sua chegada repentina, e a sensação de despojamento, de sentir o coração a crescer no peito, de parecer que o peito vai rebentar, que acompanham o seu desenvolvimento. Mas em muitos poucos lugares essas emoções eram consideradas nobres ou convenientes, e em quase nenhuns se considerava que constituísse uma base sensata para o casamento. Os gregos da Antiguidade encaravam o Amor como uma espécie de calamidade, como a tuberculose ou a loucura; os romanos entendiam-no como um jogo social; os japoneses relegavam-no para o papel de escape maravilhoso, mas essencialmente irreal, da rotina asfixiante do dever e da vida familiar; e, por todo o mundo, independentemente das opiniões sobre felicidade ou da importância do amor, os pais continuavam a combinar o casamento e o namoro dos filhos com um pragmatismo implacável” (Andreae, 2003, p. 232).

Segundo Jankoviak e Fischer, (1992) a reivindicação de que o amor romântico se encontra virtualmente em todas as culturas assenta sobretudo no achado de que pelo menos um indicador do amor romântico (ânsia, fuga da casa paterna, etc.) foi encontrado em material etnográfico de uma amostra de 166 sociedades (citado por Neto, 1998).

No entanto, o amor romântico é constituído por, especificidades várias, sendo que a presença de uma só característica não é suficiente para atestar a existência do Amor romântico. “Há sociedades em que o Amor romântico está ausente” (Dion & Dion, 1996, citado por Neto, 1992).

Os conceitos do amor estão relacionados com os conceitos inerentes à natureza do Ser Humano, ou seja o meio onde nasce e cresce (Beall & Sternberg, 1995, citado por Neto, 1992), sendo possível observar que em determinadas culturas a existência do amor romântico é mais marcada (Berscheid & Walster, 1974, citado por Neto, 1998).

Simmons, von Kolpe, e Shimizu (1986) usaram a escala de romanticismo de Hobart (1958) e as escalas de atitude em relação ao Amor (Knox & Sporkowski, 1986) para comparar amostras de Alemanha, Estados Unidos e Japão para medir as diferenças culturais no que concerne aos conceitos de amor romântico e as características dos parceiros que mais agradam (Neto, 1998).

“Os resultados confirmaram de um modo geral a perspectiva teórica de que o amor romântico é altamente valorizado nas culturas menos tradicionais em que as famílias nucleares são a fonte primária dos laços adultos e menos valorizado nas culturas em que as redes de parentesco são fortes e os laços de amor romântico influenciam e reforçam as relações entre os casais (Neto, 1998). Em geral, os sujeitos japoneses referiam de modo significativamente mais baixo a concordância com atitudes que valorizavam o amor romântico do que os sujeitos alemães. As respostas dos sujeitos americanos situavam-se entre essas duas culturas” (Neto, 1998).

Simmons, Wehner e Kay (1989, citado por Neto, 1998) concluíram, utilizando as mesmas escalas anteriores em amostras de França e Estados Unidos, que os franceses tinham uma crença superior no amor romântico tradicional.

Para além das diferenças encontradas, “os sujeitos das duas culturas não manifestaram diferenças ao nível de acordo de que os amorosos confessariam «tudo com significado pessoal» um ao outro, que a posição social e os padrões de moralidade não influenciariam a escolha do parceiro, de que quando se está apaixonado conhecer-se-á o que é o Amor e que o Amor é uma experiência mais excitante que calma” (Neto, 1998).

Stones e Philbrick estudaram as atitudes em relação ao amor entre os estudantes Xhosa da África do Sul, tendo posteriormente estabelecido a comparação com outros dados recolhidos no mesmo continente africano. Em Uganda, Senegal e África do Sul o poder romântico apresenta uma dimensão consideravelmente elevada, já no que respeita ao idealismo romântico essa dimensão revelou-se menos elevada na África do Sul, comparativamente a Uganda e Senegal (Neto, 1998).

Sprecher et al (1994) compararam as diferentes orientações em relação ao amor entre os estudantes universitários americanos, russos e japoneses. Os autores encontraram bastantes semelhanças, mas também diferentes respostas no que respeita à ideia do grau de importância do amor no casamento (citado por Neto, 1998).

Os seis estilos de amor identificados na América do Norte puderam ser encontrados em Portugal (Neto, 1997), tendo também sido examinadas as relações entre estilos de amor e outras características do meio e da personalidade (Neto, 1998).

“Análises factoriais confirmatórias mostraram que a estrutura avançada por Lee e medida por Hendrick, Hendrick e Dicke (1998) podiam generalizar-se a Portugal. Os resultados demonstraram uma notável semelhança intercultural na resposta a duas novas formas de LAS, uma com quatro itens e outra com três (Neto, 2000), concluindo-se, então, que as diferenças interculturais entre indivíduos da América do Norte e de Portugal não são, segundo os estudos desenvolvidos (Neto, 1998), determinantes no que respeita às atitudes perante o amor (Neto, 1998).

De qualquer forma, há um denominador comum em todas as teorias até hoje defendidas: “O amor não é um conceito unidimensional, existindo mais do que uma maneira de amar e compreender o amor” (Neto, 1998).

Segundo (Almeida & Souto Mayor, 2006, p.3) “se o amor está sujeito aos processos de subjectivação, e se as pessoas o vivenciam e o concebem, cada qual a sua maneira, isto pode ser um dos motivos que favorecem a compreensão sobre a existência de tanta controvérsia quando se discorre sobre tal temática. Dado que se o que se concebe a respeito do amor remete a entendimentos tão diversos, este conjunto de sentimentos, pensamentos e comportamentos podem ser, provavelmente, caracterizados como uma interpretação distinta de pessoa para pessoa e, conseqüentemente, o que for vivenciado também pode ser considerado idiossincraticamente distinto”.

É muita também a controvérsia em relação a esta questão sobre se o amor será uma questão cultural. De qualquer forma o conceito de amor é essencial para a organização das várias culturas e sociedades pois indirectamente definem o que é apropriado e desejável nas relações entre os indivíduos (Sternberg, 1998) especialmente, nas sociedades ocidentais o amor tem sido entendido como primordial na interacção social (Montagu, 1970, citado por Neves, 2007) sendo para alguns/as autores/as a chave de todas as escolhas humanas (Carvalho, 2003).

3.4- Teorias acerca do amor

Na verdade, existiam tantos pontos de vista sobre a questão da existência do Amor, o que era, por que surgiu, como era, o que devia fazer-se com ele que parecia que toda a gente estava a falar de experiências ligeiramente diferentes. Claro que havia pontos em comum. Todos concordavam que podia ser muito forte. Todos concordavam que podia atingir-nos de repente, praticamente sem aviso. Mas quando tentavam a analisa-lo, começava a escapar-se por entre os dedos; era demasiado delicado para se deixar aprisionar, demasiado subtil para sucumbir, demasiado esquivo para ficar preso numa definição e amarrado como uma borboleta, ao rótulo de um reino, de uma classe, subclasse, ordem, família, género, espécie.

(Andrae, 2003, p.p.221-222)

A psicanálise estudou o amor praticamente do ponto de vista instintivo e sexual (Barros, 2004), vendo o amor como resultado das energias, onde o sujeito investe sobre si próprio de uma maneira narcísica (normal ou patológica), ou sobre as pessoas com quem mantém um relacionamento; e os mais variados modos de amar ao longo do desenvolvimento humano procedem de motivações biológicas: na infância a indispensabilidade biológica de ser objecto de todos os cuidados, dando lugar ao amor materno e filial, na idade adulta da necessidade de satisfação sexual (Slepoj 1998); para Freud o Amor é pois universal.

Do ponto de vista da Psicologia Evolutiva o Amor surge para promover a sobrevivência das espécies, pois desde há cerca de cinco milhões de anos que esta depende do êxito reprodutivo (Lampert, 1997; Buss & Schmitt, 1993; Fisher, 1992, citado por Ubillos et. al., 1997). Assim sendo o desejo sexual e o compromisso, estavam relacionados com o êxito reprodutivo, foram reforçados nos primatas superiores a bioquímica que os levava a obter prazer no seio da actividade sexual, sendo que os antepassados que actuavam assim tinham mais probabilidades de transmitir os genes, do que os que não estavam motivados para a actividade sexual e para o estabelecimento de vínculos emocionais estáveis (Ubillos et al., 1997).

Como resultado deste processo evolutivo, os humanos estão geneticamente pré-programados a ter actividade sexual, a apaixonar-se e a cuidar dos descendentes, sendo que a perspectiva evolutiva admite que factores ambientais actuais, influências sociais e aspectos genéticos do organismo determinam a actividade sexual (Ubillos et al., 1997).

Aron (1991) postula a sua teoria tendo na sua base a filosofia platónica e evolutiva: o Amor foi concebido, para ser uma via de desenvolvimento do eu, visto que o amor é o meio mais eficaz para as pessoas aceitarem outros indivíduos nas suas vidas e a partir daí podem lograr das suas perspectivas e recursos, de uma forma figurada - usufruir da casa um do outro e de tudo o que existe dentro dela (Andraea, 2003).

Já a biologia acredita que no processo do Amor estão envolvidas substâncias químicas e neurotransmissores (Andraea, 2003).

Existem diversas teorias referentes ao amor: Diversas abordagens surgem referentes a esta temática, desde compreender o amor como uma permuta de recompensas e custos a outras formas de permutas na vida social (Blau, 1964 citado em Neto, 1992), ao amor visto como amor romântico versus amor conjugal (Munro e Adams, 1978 citado por Neto, 1992), teorias que não são de todo incompatíveis entre elas, mas sim complementam-se, pois retratam diferentes aspectos deste fenómeno (Silva, Mayor, Almeida, Rodrigues & Oliveira, Martinez 2005).

Debruçarmo-nos seguidamente, numa breve sinopse, reflexiva algumas teorias realizadas no âmbito da investigação científica, numa tentativa de compreensão deste complexo tema.

3.4.1- Amor apaixonado e amor companheiro

O amor romântico é uma emoção, deveras complexa, que compreendemos melhor se o virmos de duas formas: apaixonado e companheiro, sendo as duas valorizadas por grande parte das pessoas. (Berscheid & Walster, 1978; Hatfield, 1988, citado por Snyder & Lopez, 2009).

O amor romântico ou apaixonado surge nas culturas ocidentais como sendo a base para o casamento, incluindo essa experiência estimulação fisiológica, idealização do parceiro e forte atracção sexual. (Neto, 1992) no entanto a longo tempo, torna-se entediante pelo que se desenvolve para uma forma mais sólida e menos enérgica, sendo assim feita a separação entre amor romântico e amor companheiro (Berscheid & Walster; 1978, citado por Neto,1992).

Berscheid e Walster definem o amor romântico como “estado emocional caprichoso: sentimentos ternos e sexuais, alegria e dor, ansiedade e alívio, altruísmo e ciúme coexistem numa confusão de sentimentos (citado por Neto, 2000, p. 242) e apresenta um forte envolvimento com outra pessoa incluindo: excitação fisiológica

intensa, interesse psicológico e preocupação com as necessidades dos outros (Feldman, 2001).

O amor companheiro (Berscheid & Walster) é “as afeições que sentimos por aquelas pessoas com quem as nossas vidas estão profundamente entrelaçadas” (citado em Neto 2000, p. 244); é mais moderado emocionalmente, sendo o valor e a afeição mais vulgar que as paixões extremas e havendo assim uma ligação mais de amizade e de companheirismo (Neto, 2000), sendo que o amor que sentimos pelos nossos pais, pelas pessoas da família e por alguns amigos insere-se neste tipo de amor (Hendrick & Hendrick, 1992; Hatfield & Rapson, 1993; Singelis, Choo & Hatfield, 1995, citado por Feldman 2001).

“Estas duas formas podem ocorrer simultaneamente ou de forma intermitente, em vez de forma sequencial de apaixonado a companheiro” (Snyder & Lopez, 2009).

De maneira a mensurar estes diferentes tipos de amor, Hatfield & Spencher, criaram a Escala do Amor Apaixonado (PLS – Passionate love scale), com o objectivo de medir o amor romântico a homens e mulheres de todas as idades. Não se dedicaram a criar uma escala para medir o amor companheiro optando por utilizar a escala de Rubin (1970) e a subescala do componente intimidade de Sternberg(1997).

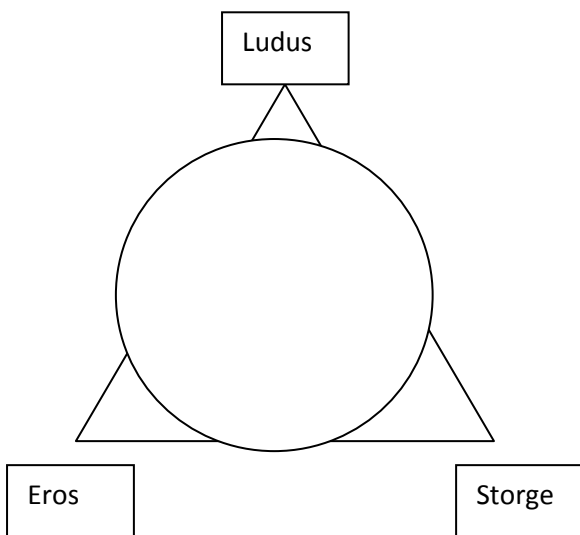
3.4.2-Teoria de Jonh Lee - Estilos de Amor

Lee (1988), estuda e confere uma diversidade de estilos de amar próprias das consequências das sociedades recentes e complexas, em que cada sujeito anda em busca de um estilo de amor mais harmonizável com o seu, combinando gostos, interesses e estilos de vida, se bem que. Isto se torna cada vez mais difícil, uma vez que existem cada vez mais opções e estímulos (Barbosa, 2008).

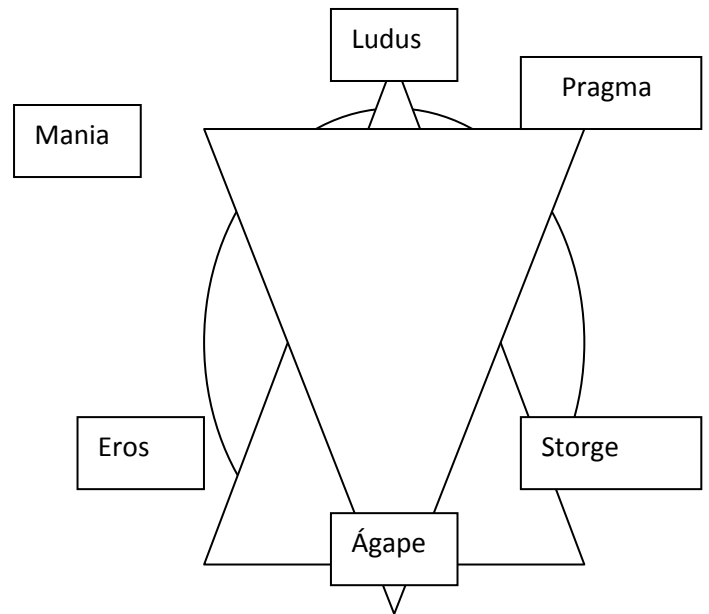
A Teoria Estilos de Amor (Lee, 1986) é atractiva, convincente, e pode predizer outros fenómenos (caminhos para as pessoas se apaixonarem, satisfação conjugal, ajuda as pessoas a entenderem as prioridades quando seleccionam o parceiro e sobremaneira profícua para classificar os tipos de Amor (Citado por Silva, Mayor, Almeida, Rodrigues, Oliveira & Martinez 2005).

O autor baseia toda a sua teoria em histórias narradas pelos indivíduos e examina distintos aspectos fazendo uma conexão com as cores, formas e tipos de amor, apostando no facto que seria mais fácil distinguir as cores que as definir, estudando desta forma os diversos estilos de amor que poderiam existir e como se desenvolveriam ao longo da vida e não em tentar defini-lo: o amor mútuo não teria a ver com quantidade mas sim seria uma questão de tipos de amor e de uma combinação de expectativas em relação ao parceiro, construindo assim uma teoria Psico-Social, onde os estilos se referem às características dos relacionamentos amorosos (Barbosa, 2008).

Segundo Lee (1976), tal como as cores primárias se podem misturar, compondo cores secundárias o mesmo acontece no amor, propondo uma nova e diferente teoria sobre o amor, modelo conhecido como as cores do amor (Lee 1973, 1976, 1977, 1988 citado por Karwowski-Marques 2008) que contempla na sua tipologia seis estilos de amor, três primários e três secundários. Os primários são Eros (amor apaixonado e amor romântico), Ludus (amor visto como um jogo) e Storge (amor que tem como base a amizade), sendo os secundários a combinação de pares de estilos primários, que desenvolveremos seguidamente: Pragma (amor lógico), Mania (amor dependente e possessivo), e Ágape (amor altruísta), (Lee 1973, citado por Neto, 1992)



**Estilos de Amor Primários
Secundários**



Estilos de Amor

Nome	Estilo de Amor	Características e amostra de itens do teste
Eros	Amor apaixonado	A procura do amor ideal, com ênfase na beleza física.
		“O nosso relacionamento físico é muito intenso e satisfatório”.
Ludus	Amor lúdico	Uma pessoa com muitas conquistas com pouco envolvimento a longo termo.
		“Gosto de jogar o “jogo do amor” com diferentes companheiros (as)
Storge	Amor amizade	Afeição que se desenvolve devagar e amor amical e amor amical que culmina numa relação a longo termo.
		“O melhor tipo de amor cresce a partir de uma amizade longa”
Pragma	Amor pragmático	Relação racional, com base na satisfação mútua.
		“Tento planejar a minha vida cuidadosamente antes de escolher um(a) namorado(a).
Mania	Amor possessivo	Envolvimento obsessivo, ciumento com extrema emotividade.
		Quando o (a) meu (minha) namorado (a) não me presta atenção, sinto-me doente”
Ágape	Amor altruísta	Desejo cuidadoso e gentil para dar à outra pessoa sem esperar retribuição
		“Geralmente estou disposto (a) a sacrificar os meus desejos para que o (a) meu (minha) namorado (a) alcance os seus.

Quadro: Seis modos possíveis de amar. Lee (1977, citado por Neto, 2000).

4.4.2.1 Eros ou o Amor apaixonado - está centrado no conceito de beleza e de atração física, as pessoas com o alto score neste estilo de amor acreditam no “amor à primeira vista” e dão importância ao aspecto físico como, por exemplo, o excesso de peso; atraem-se pelas pessoas (Neto, 1992).

4.4.2.2 Ludus ou Amor Lúdico – Este estilo de Amor é percebido como um jogo, divertido e pouco sério; quando as pessoas têm um alto score em Ludus, namoram demasiado, fazendo acreditar o seu par que mantêm com ele um compromisso, no entanto quando a relação se torna entediante, estes rapidamente se desligam desta; este género de pessoas sai com outras que não o seu par, mesmo antevendo que não querem ter com estas qualquer tipo de envolvimento (Neto, 1992).

4.4.2.3 Storge ou Amor Storge – é o amor que está centrado na afeição, as pessoas com este estilo de amor acreditam que para haver amor tem que surgir em primeira instancia a amizade, sendo que os pares têm gostos idênticos; têm a capacidade de estar um longo período separados, sem acharem que isso vai fazer ruir a relação; comparativamente ao Ludus estes não procuram a excitação (Neto, 2000).

4.4.2.4 Pragma ou Amor Pragmático – Este é um amor prático, em que as pessoas o vêem como funcional, escolhendo os seus companheiros em função da crença que estes serão uns bons pais ou mães (analisam as suas carreiras, as suas origens, como, por exemplo, a sua religião.); são pessoas isentas de romantismo e são muito realistas (Neto, 2000).

4.4.2.5 Mania ou Amor Possessivo - Estilo de amor obsessivo, inquieto e instável; são pessoas sobremaneira ciumentas que crêem que simulando uma doença terão a atenção do parceiro caso este as tenha ignorado, incrementando doenças de estômago quando a relação não está como desejariam (Neto, 1992).

4.4.2.6 Ágape ou Amor Altruísta – É por norma um amor absoluto, incondicional que se deve dar sem esperar receber em troca; um amor que tem na sua manifestação sacrifício, devoção, perseverança e fé na pessoa que se ama (Neto, 2000).

Para Hendrick e Hendrick (1992) os diferentes estilos de amor estão relacionados com uma imensa quantidade de fenómenos na área afectiva como, por exemplo, o número de parceiros sexuais que as pessoas têm durante a vida, a duração do casamento e a prazer com o relacionamento (Silva et al., 2005).

3.4.3-O Modelo Triangular do Amor – Teoria de Sternberg

O psicólogo Robert Stenberg desenvolve a Teoria Triangular do Amor (Stenberg 1986, 1988) contribuiu para entender os componentes do amor (intimidade, paixão e compromisso) e a forma como estes ingredientes se interligam para daí resultar diferenciados tipos de sentimentos (Stenberg, 1997).

Robert Sternberg (1986, 1987) sugere um modelo triangular que analisa as semelhanças e diferenças de espécies de amor distintos). Esta teoria tripartida sugere que a maioria de tipos de amor podem ter a sua explicação, tendo como base a junção e combinação de três elementos: intimidade, paixão e compromisso (Silva, 2003) que juntos podem ser vistos como formando um triângulo, usado de forma metafórica e não como uma forma geométrica (Stenberg, 1997).

A “geometria do triângulo do amor” depende de dois factores: a quantidade de amor e do equilíbrio harmonioso do amor, sendo que diferenças na quantidade de amor são representadas por diferentes áreas do triângulo amoroso: quanto maior a quantidade de amor, maior a área do triângulo (Stenberg, 1997).

Quando existem proporções iguais dos três componentes o triângulo equilátero pode representar um amor equilibrado, certamente mas o amor não envolverá um único triângulo, mas também outros, se bem que somente só alguns têm interesse tanto prático quanto teórico (Gouveia et al. 2009). Tem um que representa o seu amor e, outro que concebe uma pessoa ideal para aquela relação que seria baseada na experiência com

outras nas relações com o mesmo tipo de amor (Hernandez, 1999; Hernandez & Oliveira, 2003, citado por Gouveia et al. 2009).

A intimidade é a componente principal do amor (Barros, 2004) e diz respeito a sentimentos de amizade, respeito, partilhar desejos e pensamentos, são os sentimentos de contiguidade e junção nas relações de amor. (Neto, 1992, Silva, 2003). É dos componentes dinâmicos mais valiosos, referindo-se a sentimentos impulsionadores da proximidade, vínculo, conexão. Nos relacionamentos em que existe intimidade estão presentes os seguintes elementos: a) ânsia de desenvolver o bem-estar nas outras pessoas; b) satisfação em compartilhar experiências de vida; c) entendimento do respeito mútuo; d) compreensão mútua de se estar presente nos momentos complicados, e) a concepção íntima de partilhar a vida assim como os bens materiais; f) a disponibilidade para dar e receber apoio emocional; g) competência de se comunicar mais do que superficialmente; h) ambos reconhecerem a importância do parceiro na sua vida (Gouveia et al 2009).

O compromisso refere-se ao compromisso de preservar o amor com a pessoa com quem se mantém uma relação amorosa a curto prazo e a longo prazo conservar essa relação amorosa. (Neto, 1992); é no fundo, o grau segundo a qual uma pessoa está disposta a adaptar-se a alguém e a “sustentar” a relação até ao final (Taipas, 2008).

Já a componente da paixão é a componente menos nobre e duradoura (conquanto na maioria das vezes seja a única componente a estar presente, principalmente entre os jovens que estão enamorados), (Barros, 2004) e tem a ver com tudo o que provoca a paixão, daí advindo o romance, como a atracção física a sexualidade, sendo que essa paixão inclui fontes motivacionais e de estimulação que levam a viver essa paixão numa relação de amor (Neto, 1992).

A intimidade (Stenberg, 2000) interage fortemente com a paixão, mas pode haver paixão sem intimidade diferenciando-se porque a paixão é muito mais intensa, durando no entanto muito menos tempo (Taipas, 2008). Também é possível o compromisso sem intimidade e sem paixão ou só com um dos componentes (Taipas, 2008).

Tendo em conta a diferente intensidade de intimidade e compromisso a componente da paixão no amor, pode abranger a ansiedade e insegurança pois pode pensar que os sentimentos não são mútuos. A paixão vai diminuindo à medida que os pares se conhecem melhor, havendo uma adaptação da excitação física, chamando-se a este fenómeno componente motivacional do amor (Silva, 2003).

A constituição dos vértices do triângulo gera sete formas de amar diferentes (Figura 1), assim como a sua ausência representa, também, a ausência do amor. A intimidade isoladamente dá origem ao “gostar”, sentimento que está próximo da amizade, a paixão proporciona alto nível de excitação que será momentânea se não existir em conjunto dos restantes componentes. A decisão/ compromisso é responsável pelo facto do casal continuar unido pela admissão de forças externas, como o medo da reacção do parceiro no caso de haver finalização no relacionamento ou em acordo com casamentos arranjados, chamando-se a este amor vazio. Os tipos de amor em que coexistam pelo menos dois vértices, são as formas mais intensas de amor, por exemplo a intimidade e a paixão produzem o amor romântico, a intimidade e decisão/compromisso retrata o companheirismo que faz com que os casais permaneçam juntos muitos anos, mesmo depois de ter terminado o estado inicial de atracção física. O amor factual está associado ao amor à primeira vista (Gouveia et al 2009) e o amor pleno composto pelos três vértices do triângulo (Stenberg 1986, 1988, citado por Cassepp-Borges& Teodoro, 2007).

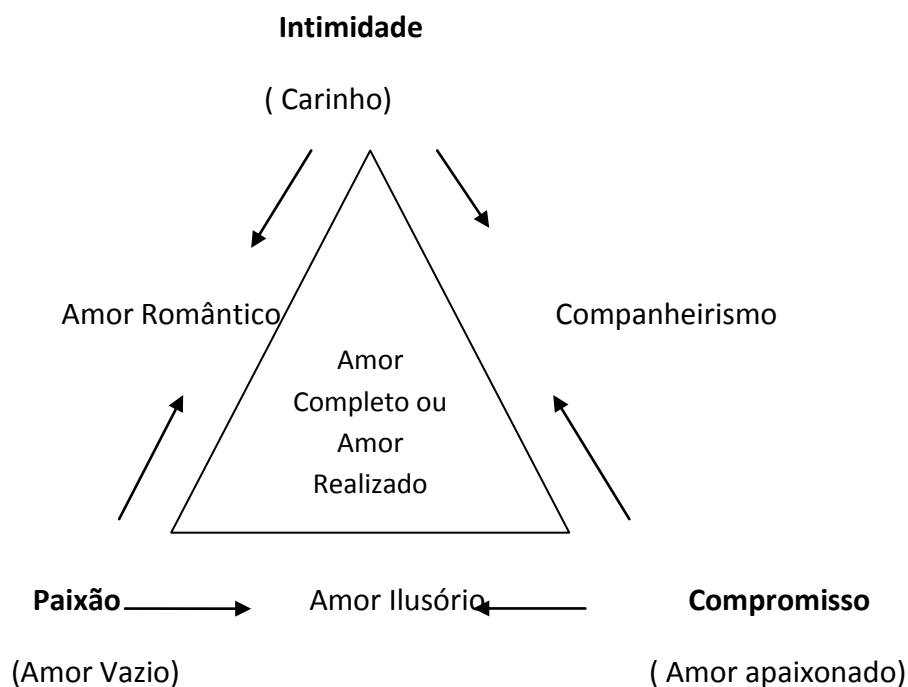


Figura 1 - Componentes básicos do Amor e as suas combinações ou tipos de Amor, segundo a Teoria Triangular do Amor, de Sternberg(1977 citado por Gouveia, Fonseca, Cavalcanti & Diniz, 2009).

“ Cada uma das três componentes pode exprimir-se de diversas maneiras: a intimidade através da comunicação de sentimentos interiores, da promoção do bem-estar do outro, da partilha de bens; a paixão através de diversas expressões físicas (beijar, abraçar, etc.); o compromisso através da fidelidade, mesmo em momentos difíceis (Barros, 2004, p.26).

Se pretendesse-mos compor um paralelismo entre estas dimensões e os tipos de amor de Lee poder-se-ia referir que o amor storgê e agapê é atingido pela intimidade e o compromisso, já o amor erótico e de alguma forma no maníaco tem presente a componente da paixão (Barros, 2004).

Propriedades do Amor

Stenberg (1986) aponta, também, algumas propriedades do amor (por exemplo: estabilidade, controlabilidade) como vamos poder constatar seguidamente no quadro a apresentar.

Segundo Stenberg(1986) estas propriedades podem estar mais ou menos presentes em cada uma da três componentes do amor, a titulo de exemplo vejamos: a estabilidade, a intimidade e o compromisso representam um papel fundamental nas relações a longo prazo, já a componente passional está mais patente nas relações a curto prazo, podendo com o tempo desaparecer (Barros, 2004).

Quadro X: Propriedades dos vértices do triângulo

Componente			
Propriedade	Intimidade	Paixão	Decisão/Compromisso
Estabilidade	Moderadamente alta	Baixa	Moderadamente alta
Controlabilidade consciente	Moderada	Baixa	Alta
Saliência Experimental	Variável	Alta	Variável
Importância típica nas relações a curto termo	Alta	Moderada	Alta
Frequência comum nas relações amorosas	Alta	Baixa	Moderada
Envolvimento psicofisiológico	Moderado	Alto	Baixo
Susceptibilidade à consciência	Moderadamente baixa	Alta	Moderadamente alta

Fonte: Sternberg, 1986

As três componentes que temos vindo a falar originam, segundo Sternberg oito tipos de amor, que falamos seguidamente.

Tipos de Amor

Sternberg ao analisar as três componentes do amor identificou oito espécies de amor, que dependiam da ausência ou presença de cada componente (Barros, 2004), como já verificamos na figura 1 e mais especificamente analisaremos no quadro que lhe apresentamos seguidamente tendo em conta o grau de intimidade, paixão e compromisso.

Figura 2: Taxonomia de Sternberg – Classificação dos Tipos de Amor

Componente			
Espécie de Amor	Intimidade	Paixão	Decisão/ Compromisso
Não amor	-	-	-
Gostar	+	-	-
Amor Louco	-	+	-
Amor vazio	-	-	+
Amor romântico	+	+	-
Amor companheiro	+	-	+
Amor insensato	-	+	+
Amor perfeito	+	+	+

Fonte: Adaptado de Sternberg, 1986 citado por Neto, 1992.

Nota: O sinal (+) refere que a componente indicada está presente no tipo de amor, sendo que o sinal (-) indica que a componente indicada se encontra ausente no tipo de amor referido

Sumarizando, o amor como outras emoções é algo de uma imensurável complexidade, tendo várias componentes, e parecendo advir de impulsos e instintos que são transmitidos geneticamente e aprendidos socialmente, moldando através do reparo, a componente amorosa (Silva, 2003).

A teoria trifatorial do amor é incompleta mas pretende “definir” os vários componentes que interagem para dar lugar aos vários tipos de amor (Silva, 2003).

Assim, o amor não pode deixar de ser entendido no quadro das suas significações históricas e culturais, sabendo nós que aquilo que é percebido como uma manifestação de intimidade ou de amor pode variar em função do espaço e do tempo onde tal fenómeno está situado. Nesse sentido, para além de ser um conceito multidimensional, o amor é também um produto social e discursivo (Neves, 2007).

CAPÍTULO IV

VINCULAÇÃO: TEORIAS, MODELOS E INVESTIGAÇÃO

A teoria da vinculação foi inicialmente desenvolvida por Bowlby (1969, 1973, 1980), a partir do seu contacto com crianças inadaptadas; “analisa os efeitos de privação dos cuidados maternos na disrupção da vinculação” (Canavarro, 2007, p. 15).

De um modo geral as principais ideias propostas por Bowlby através da sua teoria da vinculação passam pela defesa de que uma relação de vinculação serve de porto de abrigo em alturas conturbadas e como base para explorar o ambiente em alturas tranquilas. Isto se existe confiança na disponibilidade da figura de vinculação provocando, deste modo, menos medo e menos ansiedade crónica. Esta confiança será desenvolvida durante a infância e persistirá ao longo da vida, onde as expectativas criadas sobre a disponibilidade da figura de vinculação se fazem sentir nas novas relações estabelecidas na idade adulta, podendo influenciar a saúde mental (Canavarro, 1999).

Na década de 70, durante as contribuições de Bowlby, inicia-se uma nova fase decisória para firmar as preocupações conceptuais e clínicas de Bowlby, através dos estudos de Ainsworth e cols., que observam bebés e as suas mães em contextos naturais e laboratoriais, sendo que as pesquisas no Uganda (1963, 1967) e em Baltimore (1977) são as raízes da investigação seguinte na abordagem transcultural, pela observação em contexto natural e pelo método longitudinal (Canavarro, 2007).

Este procedimento experimental é conhecido por Situação Estranha (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978, citado por Canavarro, 2007) e, é um método laboratorial, ligado com o método longitudinal em contexto natural, sendo um marcador desta

segunda fase dos estudos da vinculação, pois facilita o estudo das diferenças individuais na constituição comportamental da vinculação.

Após estes estudos centrados nas crianças, nos anos 80 os estudos são alargados para os adultos indo do domínio comportamental para o representacional, reconceptualizando a vinculação em termos de modelos internos dinâmicos (Main, Kaplan e Cassidy, 1985, citado por Canavarro, 2007) “ e da sua avaliação em torno da organização discursiva e das narrativas”(Canavarro, 2007, p. 17).

Ao se identificar padrões de organização mental da vinculação em adultos, idênticos em bebés permite explorar de forma empírica a transmissão intergeracional da vinculação que Bowlby tinha já salientado ao ponderar que a qualidade da vinculação é transmitida ao longo das gerações, através da microcultura familiar e, não pelos genes (Canavarro, 2007).

4.1 - Vinculação e Comportamento de Vinculação

No seu modelo conceptual, Bowlby (1989) faz uma distinção entre vinculação e comportamento de vinculação (Ferreira, 2009), segundo Bowlby (1969), a criança nasce com uma capacidade inata para desenvolver vinculações com os seus prestadores de cuidados e, portanto, terá de desenvolver comportamentos de vinculação, de forma a manter e estabelecer proximidade com eles.

Dizer que a criança está vinculada a alguém remete-nos para a disposição dela para procurar proximidade e contacto com uma pessoa específica em determinadas situações e especialmente quando se encontra assustada, cansada ou doente. A disposição da criança para procurar a proximidade da figura de vinculação é apresentada como um tributo relativamente estável, não sendo por isso afectado por situações específicas (Dias, 2007).

A vinculação é assim uma ligação que, uma vez estabelecida, tende a persistir, a ser duradoira, independentemente das circunstâncias situacionais ou contingências

ambientais. É um laço afectivo que se estabelece na díade e, que persiste no tempo e no espaço. O comportamento de vinculação é o meio pelo qual a proximidade é atingida e tende a ser reforçado ou enfraquecido por factores situacionais (Ferreira, 2009, p. 101).

Para (Parkes& Stevenson- Hinde, 1982, citado por Ferreira, 2009), a vinculação é um construto multidimensional que contém duas dimensões básicas: 1) Dimensão cognitiva/ afectiva ou seja a qualidade de afecto em relação às figuras de vinculação; 2) Dimensão comportamental – utilização dessas figuras, como suporte em momentos de stress e de ansiedade Estas duas dimensões não se desenvolvem da mesma forma, já que a cognitiva / afectiva continua estável e a comportamental é cada vez menos visível quando a criança cresce (Ferreira, 2009).

Por outro lado o comportamento de vinculação, é como qualquer uma das formas de comportamento que a criança realiza com o objectivo de conseguir e/ou manter uma determinada proximidade com a figura de vinculação. Este comportamento que, ao contrário da noção de vinculação se encontra altamente dependente das condições situacionais tem uma natureza biológica, uma função de protecção contra possíveis predadores e um objectivo predizível de procura de proximidade com uma figura de vinculação em situações de perigo (Bowlby, 1969).

Os comportamentos encontram-se na pessoa desde os primeiros meses de vida, sendo estes de dois tipos: comportamentos de sinalização (p.e. chorar, palrar, sorrir), que informam a mãe do desejo de interacção do seu filho e os comportamentos de aproximação (p.e. agarrar, seguir, aproximar), que possibilitam à criança aproximar-se ou seguir a figura de vinculação. Tudo isto só será eficaz se os pais ou outras figuras de vinculação, corresponderem a estes comportamentos da criança. Ao realizarem regularmente este papel tendem a tornarem-se uma figura de vinculação para a criança, sendo capazes de lhe proporcionar um sentimento de segurança quando esta se sente ameaçada (Bowlby, 1969).

4.2 - Modelos internos dinâmicos da vinculação

Tendo como base a teoria de Bowlby, podemos constatar que é desde a infância que podem ser encontrados os ingredientes para o estabelecimento de relações íntimas na adolescência e idade adulta. Este processo tem sido compreendido à luz do constructo de natureza cognitivo-emocional denominados modelos internos dinâmicos de vinculação, formados como sendo construídos no contexto da relação da criança com as figuras de vinculação e que possibilitam organizar a experiência sob a forma de representações generalizadas sobre o self, as figuras de vinculação e as relações (Soares, 2000).

Segundo Bowlby (1969), o indivíduo constrói modelos internos dinâmicos sobre as figuras de vinculação a partir das experiências de aprendizagem que se iniciam no primeiro ano de vida e se repetem diariamente ao longo da infância e adolescência, tendendo os modelos representacionais das figuras de vinculação a tornarem-se automatizados de tal forma que podem ser utilizados sem um esforço consciente.

O conceito de Modelos Internos Dinâmicos (Internal Working Models) constitui-se assim central na teoria de Bowlby, possibilitando a transição do domínio comportamental para o domínio representacional no estudo da vinculação ao longo do ciclo de vida, sendo que se entende por modelos internos dinâmicos as estruturas mentais, feitas a partir das experiências de vinculação e da interpretação das mesmas, que norteiam os comportamentos e sentimentos dos indivíduos assim como a memória, a atenção e a linguagem relacionadas com a vinculação (Main, Kaplan & Cassidy, 2003).

Assim, segundo Figueiredo (1998), em função da adequação ou inadequação da interacção providenciada pelas figuras de vinculação, a criança desenvolve um modelo interno – caracterizado ou não por um auto-conceito positivo e pela confiança ou não na disponibilidade dos pais e do contexto social em geral – que garante ou não uma acção adaptada na realidade física e social. Egeland, Jacobvitz e Sroufe (1988, citado por Figueiredo, 1998), consideram que a relação de vinculação da criança com o seu

prestador de cuidados constitui-se no protótipo das suas relações futuras com as pessoas porque na relação que precocemente estabelece com os pais, a criança forma expectativas específicas a respeito da disponibilidade e da adequação das respostas dos outros às suas necessidades, tanto quanto forma uma noção complementar de si própria, como sendo uma pessoa capaz ou incapaz de desencadear respostas apropriadas por parte do meio.

Vários estudos de natureza longitudinal, sugerem que (e.g., Roisman, Madsen, Hennighausen, Sroufe & Collins, 2001; Grossmann, Grossmann, Winter & Zimmermann, 2002), os modelos internos dinâmicos são percebidos como relativamente estáveis ao longo do tempo, podendo haver reelaboração e aperfeiçoamento em direção a formas mais complicadas e rebuscadas de composição da experiência e de orientação da ação, contribuindo para tal as experiências relacionais do indivíduo (Bowlby, 1988; Baldwin & Fehr, 1985; Bretherton & Munholland, 1999).

“Estes modelos internos permitem ao sujeito tomar decisões sobre os seus comportamentos de vinculação face a uma figura particular, antecipar o futuro e fazer planos e, desse modo, permite-lhe operar mais eficientemente. Além disso, constituem-se como guias para a interpretação das experiências e para a orientação dos comportamentos de vinculação, vão “colorir” o modo como o sujeito compreende e se comporta em situações relevantes para a vinculação. Neste sentido em termos operatórios, o sistema de vinculação poderá ser concebido como pondo em marcha um processo de natureza comportamental-cognitivo-emocional” (Soares, 2007, p. 33).

Bowlby dá ênfase também ao papel dos modelos internos dinâmicos na transmissão intergeracional dos padrões de vinculação. Os indivíduos estáveis e auto-confiante têm normalmente pais que transmitem suporte quando solicitado mas que também encorajam a autonomia, tendem a comunicar facilmente os seus próprios modelos do self dos seus filhos e dos outros indicando também à criança que esses modelos são abertos ao questionamento e a revisão (Bowlby 1973).

4.3 - Desenvolvimento da vinculação ao longo da vida

A vinculação foi inicialmente estudada na infância por Bowlby, no entanto, a mesma detém-se no ser humano desde a concepção à morte (Santos, 2003).

Assim, para que mais facilmente seja compreendida esta teoria tão importante para o ser humano, serão descritas seguidamente as três fases que correspondem aos períodos etários mais significativos do percurso de vida do ser humano, ou seja a infância, a adolescência e a idade adulta.

4.3.1 - A vinculação na infância

O desenvolvimento do comportamento de vinculação desenrola-se, de acordo com Bowlby (1969) em quatro fases sendo que as três primeiras ocorrem no 1º ano de vida e a última por volta do terceiro ano de vida. Estas quatro fases são influenciadas pelas mudanças que ocorrem tanto ao nível das competências emocionais, cognitivas, motoras e sociais. Assim o comportamento de vinculação vai apresentando diferentes manifestações, de acordo com as aquisições desenvolvimentais da criança tanto ao nível da procura da proximidade como no que diz respeito aos modelos internos dinâmicos.

Soares (1992), baseando-se na perspectiva de Bowlby, aponta então as quatro fases no desenvolvimento do comportamento da vinculação:

- 1ª. Orientação e sinais com uma discriminação limitada das figuras - 0-3 meses

Nestas semanas iniciais, os bebés iniciam, mantêm e terminam interações sociais (Emde, 1989) embora o façam sem intenção voluntária (Soares, 2007). A primeira fase constitui um período onde o bebé ainda não é capaz de estabelecer diferenças entre uma pessoa e a outra, mas já apresenta competências que lhe possibilitam orientar-se para os

seres humanos, seguindo-os com o olhar quando se deslocam, parando de chorar e mesmo sorrindo ao ouvir uma voz ou procurando agarrar as suas figuras de vinculação; trata-se de comportamentos que são considerados precursores da vinculação (Soares, 1992).

- 2ª. Orientação e sinais dirigidos para uma (ou mais) figura (s) discriminada (s) -3-6 meses

Na segunda fase, não tendo um início muito marcado, dado que os comportamentos só progressivamente se vão diferenciando em função das pessoas em presença, particularmente da presença da mãe, a criança vai aprender e demonstrar comportamentos dirigidos para uma determinada figura, que já vai sendo capaz de discriminar (Santos, 2003).

Segundo Soares, (2007, p.50) “a característica – base desta fase – a responsividade diferenciada e focada numa (s) figura (s) – tem como mecanismo subjacente a tendência para o bebé se aproximar do que é familiar, mostrando comportamentos diferentes para com as pessoas, por exemplo, chora de acordo com quem lhe pega ao colo, sorri e vocaliza especialmente para certas figuras e mantém uma orientação visual e postural particular para com a mãe”. Assim a criança começa a eleger as suas figuras de vinculação, preferindo-as a qualquer outras pessoas (Santos, 2003).

- 3ª. Manutenção da proximidade com uma figura discriminada através da locomoção e de sinais -6-24 meses

“O desenvolvimento psicomotor da criança facilita o terceiro nível de organização diática: com a emergência da locomoção e da linguagem, o bebé torna-se mais efectivo na manutenção de proximidade com o prestador de cuidados (Papousek & Papousek, 2002), que funciona como uma base segura ou um refúgio durante as incursões das crianças pelo meio (Soares, 2007 p. 51).”

É também durante este período de tempo que se estabelece e completa uma relação de vinculação com determinadas figuras específicas das quais se evidencia a vinculação a uma determinada figura, geralmente a mãe (Soares, 1992) isto porque, o

conceito de vinculação está relacionado com o de cuidar, ou seja, a criança estabelece laços de vinculação com a pessoa que habitualmente cuida dela, que na maioria das vezes corresponde à mãe, especialmente na infância (Canavarro, 1999).

- 4ª. Formação de uma relação recíproca corrigida por objectivos – 24 – 36 meses

Na quarta e última fase do desenvolvimento, devido às capacidades cognitivas e sócio-emocionais que a criança frui, ela mostra já perspectivas acerca de si, dos outros e do meio e é capaz de antever o comportamento do outro. Tendo como ponto de partida a observação do comportamento dos outros, especialmente da mãe, a criança vai depreendendo os objectivos que estão subjacentes a este comportamento e os planos que estarão na sua origem, e tenta acomodar-se aos mesmos; sendo que para além desta acomodação, desde cedo ela começa também a tentar influenciar a mãe para que esta mude os seus planos e objectivos, adequando-os aos interesses da criança (Soares, 1992).

As características desta fase englobam, igualmente, uma maior capacitação da criança para aceitar a separação mais prolongada da figura de vinculação, ainda que continue a demonstrar de diversas formas que o seu sentimento de segurança está intimamente ligado à acessibilidade dessas figuras (Soares, 2007, p. 52).

Segundo o estudo de Marvin e cols. (1976 citado por Bowlby, 1982) existe apenas um pequeno número de crianças que é capaz aos três anos de conseguir o grau de sofisticação desta fase, sendo que a maioria aos 5 anos já é capaz de o fazer (Dias, 2007).

4.3.2 - A vinculação na adolescência

Uma mudança fundamental que ocorre da infância para a adolescência é a emergência de uma organização de vinculação singular e integrada a partir de padrões de comportamento de vinculação distintos e múltiplos que as crianças manifestam com as diferentes figuras que lhes prestam cuidados (Cox, Qwen, Henderson, & Margand, 1992:

Fox et al., 1991; O`Conner, Pan, Waters, Merrick, Treboux, Crowell, & Albersheim, 20009, citado por Soares, 2007).

“Este desenvolvimento da vinculação ocorre durante a adolescência com base nas transformações cognitivas, emocionais e comportamentais, as quais vão permitir um mais claro e complexo sentido de diferenciação self-outro e uma mais profunda re-avaliação das relações de vinculação em estreita articulação com o incremento significativo da capacidade de exploração do self, dos outros e do mundo” (Soares, 2007).

A adolescência é uma etapa do ciclo de vida onde o início da separação das figuras de ligação se começa a determinar, sendo que os adolescentes parecem lutar para se afastar das relações de vinculação com os pais ou outras figuras de vinculação (Ribeiro & Sousa, 2002), mesmo continuando a procurar apoio parental Weiss (1982, citado por Soares, 1992).

É caracterizada pelo período de transição entre as vinculações da infância, constituídas essencialmente no contexto das relações pais-filho e as ligações afectivas adultas que vão além das relações familiares, sendo que umas das tarefas capitais na adolescência são as mudanças da relação do(a) adolescente com as figuras parentais. Como fruto destas transformações, as dissemelhanças individuais nos padrões de vinculação voltam-se mais salientadas encontrando-se, num extremo, adolescentes que se desligam completamente dos pais e, noutro, adolescentes que são relutantes ou mesmo incapazes de dirigir o seu comportamento de vinculação para outras pessoas (Soares 1992). Entre estes dois extremos descobrem-se a maioria dos adolescentes cuja vinculação aos pais permanece mas cujos vínculos com outros indivíduos se tornam também importantes (Bowlby, 1969).

Segundo Santos (2003), a vinculação passa a constituir, uma das dimensões das relações que o adolescente estabelece com outras figuras, para além dos pais. A autora considera que uma das implicações que decorre desta evolução, tem a ver com a questão da procura de apoio em momentos de stress que, tal como refere, é um aspecto central da conceptualização da vinculação na infância.

Estamos, assim, perante uma nova dinâmica relacional, entre as necessidades de vinculação e de exploração ou autonomia, no âmbito da qual os pais podem funcionar como “figuras na reserva”, ou seja, recursos disponíveis para o adolescente quando confrontado com situações de dificuldade ou stress. Contudo, segundo o autor, o desempenho deste papel de “figuras de vinculação na reserva” exige ajustamentos consideráveis e acomodação mútua na relação pais-filho. Do lado dos pais são necessárias mudanças consideráveis na percepção do adolescente e uma certa renúncia a algumas das gratificações retiradas do papel parental de prestação de cuidados. Do lado do adolescente uma maior intimidade com os amigos e o desenvolvimento da dimensão de vinculação nas relações com os pares exige a reavaliação e reestruturação da sua relação com os pais (Ferreira, 1998).

É, como já vimos, no período da adolescência que o jovem se tenta tornar menos dependente dos cuidados da figura de vinculação para assim mais tarde conseguir ser também uma figura de vinculação para o seu filho (Ward & Carlson, 1995, citado por Soares, 2007).

Como refere Soares, 2007 “ é neste cruzamento de “ vir a ser” e do “ser” que se inscreve o núcleo da vinculação na adolescência”.

A investigação tem mostrado que a qualidade das relações com a família joga um papel importante nas perturbações emocionais na adolescência (West et al., 1998). Kenny et al. (1998) reporta que a investigação tem demonstrado existirem relações positivas entre vinculação às figuras parentais e bem-estar, e relações negativas entre vinculação e depressão e ansiedade. No estudo desenvolvido por estes autores confirmam aquele resultado.

No essencial, pensamos que o que tem de ser feito será um grande esforço pelas duas partes no sentido do evitamento de uma ruptura na compreensão e entendimento entre pais-filho.

4.3.3 - A vinculação na idade adulta

Weiss (1982, citado por Ferreira) foi o primeiro autor a interessar-se especificamente pela vinculação nos adultos, acreditando que a vinculação dos adultos advém do desenvolvimento da vinculação durante a infância.

Diversos autores definiram vinculação do adulto, destacando-se a de Berman e Sperling (1994 citado por Canavarro, 1999, p.121) sendo que, os primeiros autores definiram vinculação como “ uma tendência estável do individuo para manter a proximidade e o contacto com uma ou mais figuras específicas, percebidas como potenciais fontes de segurança física e /ou psicológica.

Segundo os mesmos autores “a vinculação no adulto é conceptualizada de três maneiras distintas: 1) vinculação como um estado que emerge, na impossibilidade da disponibilidade da figura de vinculação; 2) vinculação como um traço ou tendência para formar tipos de relações de vinculação similares e; 3) vinculação como um processo interactivo no contexto de um relacionamento específico” (Canavarro, 1999, p. 121).

Segundo Kobak, (1985, citado por Ferreira, 1998) na idade adulta a vinculação assume características distintas da vinculação dos adolescentes e, naturalmente, das crianças, sendo importante salientar que, embora um princípio importante desta teoria seja a continuidade da vinculação ao longo do ciclo do indivíduo, só recentemente começou a ser analisada a vinculação na idade adulta, relacionando-a com a adaptação social e emocional dos indivíduos.

Os trabalhos de Main e Colaboradores (George, Kaplan & Main, 1984; Main, Kaplan & Cassidy, 1985) e Hazan & Shaver(1987; Shaver, Hazen & Bradshaw, 1988)são responsáveis pelo começo do estudo da vinculação nos adultos desviando o foco de análise das variáveis manifestas e observáveis para aspectos internos e representacionais da vinculação a partir da tentativa de operacionalização do conceito de modelos internos dinâmicos do self e do outro proposto inicialmente por Bowlby (1969/91).

Para se entender o contributo da teoria da vinculação no desenvolvimento do adulto tem que se ter em conta os acontecimentos próprios deste período de vida como o fim da escolaridade, início da actividade profissional e autonomia financeira, viver num espaço próprio, casamento, parentalidade(Cavanhaug, 2005, Schaie & Willis, 2002, citado por Ferreira, 2009).

“O estabelecimento de autonomia e de intimidade assumem-se como as tarefas nucleares do desenvolvimento do jovem adulto. Factor primordial para assegurar a autonomia inerente à idade adulta, a consolidação da identidade íntegra e promove um sentido de diferenciação face aos pais e aos outros. Concomitantemente ao processo de diferenciação do self, subsiste o imperativo de construção de intimidade, partilha e interdependência no contexto de relações íntimas, enquanto relações de amizade ou de amor” (Soares, 2007, p. 124).

De acordo com Soares (1992), tendo como base a teoria de Bowlby a autora refere-nos que a vinculação se pode concretizar numa das seguintes maneiras:

- 1- Pelo sentimento de segurança que, em princípio, a figura de vinculação proporciona e pelo desejo de permanecer na sua companhia;
- 2- Pela procura de proximidade com essa figura, em situações de ameaça ou perigo;
- 3- Pela perturbação que gera a separação (ou ameaças à separação) da figura de vinculação e pela alegria que resulta da reaproximação (subsequente à separação ou às ameaças) com essa mesma figura.

Segundo Weiss (1975, citado por Santos, 2003), estes três modos de vinculação existe em diferentes tipos de relações adultas. Considera que tanto no relacionamento entre o casal como nas relações da figura parental com o filho mais velho, assim como em situações genésicas de elevado nível de stress é anotada, pelos indagados da sua investigação, a importância da disponibilidade da figura de vinculação, o maior conforto e a menor ansiedade quando os filhos se encontram na sua companhia (da figura de vinculação), o desejo de proximidade dessa figura de vinculação e o desconforto e mal-estar quando a mesma não está acessível.

Sperling & Berman(1994, citado por Ferreira, 2009, p.8) definem a vinculação adulta como “a tendência estável do individuo para manter a proximidade e o contacto, com uma ou algumas figuras específicas, percebidas como potenciais fontes de segurança física ou psicológica”.

Segundo Santos (2003), apesar de haver analogias entre os critérios de vinculação utilizados pelos adultos e os que são apontados para a criança, também são detectáveis diferenças entre os dois grupos etários, senão vejamos, apesar de existirem situações em que, no adulto, o sistema de vinculação é activado intensamente, elas são muito menos frequentes do que na criança. No entanto, quando a vinculação é vivamente perturbada por alguma situação (morte, divórcio, ou outra separação definitiva) o adulto, usualmente, tem mais recursos do que a criança para tentar encontrar segurança e novas vinculações entre outros pares (Soares, 1992).

Outra dissemelhança está patente no facto de que as figuras de vinculação dos adultos nascem do relacionamento dos seus pares, enquanto a vinculação das crianças é geralmente estabelecida com os adultos que lhes prestam os cuidados. A vinculação nos adultos orienta-se, muitas vezes, para uma figura com a qual existe igualmente uma relação de natureza sexual, nas crianças como é evidente, tal não acontece (Santos, 2003).

Uma questão pertinente é perceber se os laços de vinculação são apenas encontrados em todas as relações próximas, sendo que Weiss conclui nas suas investigações que estes somente são encontrados nas relações emocionais mais significativas; na crianças aparece na relação emocional principal, sendo que no adulto isto acontece de igual forma mesmo que seja modificado no decurso do desenvolvimento (Weiss 1982, citado por Ferreira, 2009).

A vinculação adulta é mais frequentemente conduzida para parceiros românticos, conquanto os pais, os outros membros da família e os amigos íntimos possam servir também como figuras de vinculação, particularmente na ausência de uma relação sexual a longo prazo, sendo que para que uma relação romântica alcance as características de

uma relação de vinculação, são essenciais, em média dois anos (Bartholomew & Thompson, 1995, citado por Ferreira, 2009).

Há que referir que a vinculação é persistente ao longo do tempo e torna-se mais segura quando a relação está estabelecida (Ferreira, 2009).

As relações precocemente estabelecidas entre a criança e a (s) sua (s) figura (s) de vinculação podem ser entendidas como prototípicas das relações íntimas na idade adulta (Waters, Kondo-Ikemura, Posada & Richters, 1991; Roisman et al., 2001), e a especificidade da vinculação no contexto das relações íntimas assenta na simetria e reciprocidade (Berman, Marcus & Berman, 1994; West & Sheldon-Keller, 1994; Crittenden, 1997; Crowell & Treboux, 2001). Assim, de modo diferente do que ocorre na relação entre a criança e as suas figuras parentais, caracterizada pela complementaridade de papéis no que concerne à procura e prestação de cuidados, na relação adulto-adulto, é esperado um balanceamento contínuo e flexível entre o procurar e o proporcionar segurança e conforto, isto é, entre o recorrer ao outro como base segura e constituir-se como tal, face ao outro, quando necessário (Ainsworth, 1991; Crowell & Treboux, 2001).

Experienciar o outro como base segura, percebendo-o como disponível e responsivo face ao desconforto pessoal ou no confronto com situações percebidas como problemáticas, e, reciprocamente, funcionar como base segura para o outro confere ao indivíduo a percepção de segurança, pertença e partilha, consubstanciando o estabelecimento e desenvolvimento da intimidade (Cassidy, 2001).

No contexto de relações íntimas, podem ser distinguidas, pelo menos, duas linhas de investigação: uma linha focada no nível representacional e uma outra linha, de natureza comportamental, focada em aspectos específicos da interacção conjugal. Relativamente à primeira linha, podemos distinguir dois tipos de avaliação centrada (1) na representação da vinculação com as figuras de vinculação na infância e ao longo do desenvolvimento e (2) na representação da relação de vinculação estabelecida pelo casal (Crowell & Owens, 1998; Waters & Cummings, 2000; Roisman, 2001).

4.4 - A vinculação no desenvolvimento da personalidade

“A hipótese da continuidade da adaptação que considera os modelos de vinculação precoces como protótipos de relações sociais posteriores, fornece a base conceptual para estender a teoria ao estudo da personalidade e das relações adultas Lopez, 1995, p.402, citado por Ferreira, 2009).

O ponto fulcral da tese de Bowlby é que há uma relação significativa entre as experiências de vinculação durante a infância e a adolescência e a capacidade em estabelecer ligações afectivas mais tarde (Soares, 1992).

Bowlby (1969), considera que a integração na personalidade de um sentimento de confiança e de segurança em si e no outro é fundamental ao longo da vida, na medida em que a criança está confiante de que a sua figura de vinculação estará acessível e disponível para a atender quando solicitada, sentindo-se suficientemente segura para explorar o que a rodeia.

Contudo, se a maior parte das crianças parece crescer nestas condições favoráveis, com outras tal não acontece e, assim, desenvolvem uma vinculação ansiosa face às suas figuras de vinculação, tendo por resultado disso, um limiar baixo de activação do comportamento de vinculação (Figueiredo, 1998).

Assim, à luz da teoria da vinculação, poder-se-á dizer que muitas das alterações do percurso desenvolvimental do indivíduo, poderão estar associadas a perturbações no desenvolvimento da vinculação, assumindo os pais, particularmente a mãe, um papel fundamental neste processo. Desta forma, alguns indivíduos podem apresentar padrões de vinculação ansiosos, caracterizados por uma ansiedade constante em não perder a figura de vinculação, podendo estes, serem resultado da inacessibilidade das figuras de vinculação ou da ameaça de se tornarem inacessíveis, ocorrendo não só na criança como também no adolescente e no adulto (Bowlby, 1973).

4.5 -Teoria de Hazan & Shaver - Vinculação emocional

A teoria da vinculação de Bowlby (1989) explica as origens dos estilos de amor e a perseverança destes durante toda a sua vida, assim como as diferenças individuais nas formas de amar (Silva et al., 2005).

Hazan e Shaver (1987) para analisarem o amor partiram da teoria da vinculação, abordagem essa que tem como referencia os estudos de Jonh Bowlby (1969, 1973, 1980) e de Ainsworth, Waters e Wall (1978, citado por Neto, 2000) criando a Teoria da vinculação emocional, sublinhando que os tipos de amor romântico têm origem nos estilos de apego que se formam devido às interações entre a criança e a figura de vinculação (Silva et al., 2005); ou seja, os autores conceptualizaram a vinculação na relação amorosa como sendo um seguimento da relação de vinculação na criança.

As crianças criam laços emocionais com os seus cuidadores, que lhes transmitem um sentido de segurança, que se manifesta de três maneiras diferentes: vinculação segura, vinculação esquiva e vinculação ansiosa/ ambivalente. (Neto, 1992), sendo que, nos adultos as suas experiências românticas podem ser comparadas aos três tipos de vinculação da infância (Neto, 2000).

Adultos seguros: Os adultos que tinham vinculações românticas seguras referiam-se como capazes de conquistar relações íntimas com outros sujeitos e quase nunca se preocuparem se seriam deixados por eles. Nas relações que mantêm na actualidade, descrevem-nas como satisfatórias, felizes, amigáveis e confiantes. Estes descrevem os seus pais de uma forma positiva (Neto 2000).

Adultos esquivos: estes adultos mencionam incómodo em criam intimidade com os outros. Nas suas relações amorosas sublinham o medo de intimidade e também os ciúmes que sentem em relação ao outro. Ao contrário dos adultos seguros estes referem que os seus pais são pouco carinhosos, obrigam mais e são críticos (Neto, 2000).

Adultos ansiosos/ ambivalentes: são os que buscam a intimidade mas desejam que o outro também demonstre mutualidade no seu amor. Estes sujeitos descrevem as

relações amorosas mais importantes como obsessivas e excessivamente ciumentos e descrevem os pais como muito rigoroso e intrometidos, tendo eles um casamento infeliz (Neto, 1992).

Para chegarem a estas conclusões Hazan e Shaver(1987, citado por Neto, 1992) realizaram dois estudos tendo em conta alguns aspectos pressupostos dos autores que sugeriram que as relações amorosas dos adultos são idênticas às vinculações infantis em muitos aspectos:

- 1) A vinculação infantil e o amor adulto possuem características comuns, como por exemplo: encantamento mútuo, mal-estar aquando da separação, tentativa de manter proximidade e passar o tempo juntamente;
- 2) As relações românticas são parecidas na forma aos três tipos de vinculação infantil, ou seja, os estilos de envolvimento romântico dos adultos podem ser seguros, esquivos ou ambivalentes/ ansiosos.
- 3) Tal como na vinculação infantil, acredita-se que os laços românticos adultos têm origem Biológica.

Ao termos em conta estes dados, podemos pensar numa provável contiguidade entre os laços matrimoniais experimentados durante a infância e as relações amorosas da idade adulta, havendo então um vínculo entre os estilos de vinculação e os estilos de amor propostos por Lee (Neto, 1992).

4.6 - Relações de Vinculação e Amor Romântico

Existe uma dificuldade em diferenciar estes dois conceitos que está associada a uma crença oriunda da cultura Ocidental que refere que a união (e mais tarde o casamento) é uma fonte de segurança (West & Sheldon-Keller, 1994, citado por

Canavarro, 1999), sendo que posteriormente Hazen & Shaver, (1987, citado por Canavarro, 1999) fortificam a equiparação destes dois conceitos, aventando que as relações de amor romântico e as relações de vinculação abraçariam caminhos paralelos na idade adulta.

West e Sheldon-Keller (1994, citado por Canavarro, 1999, p. 119) “especificaram melhor as diferenças entre os dois tipos de relacionamento ao considerar que, embora a sensação de segurança possa ter lugar numa relação de amor romântico (devido à percepção de disponibilidade emocional por parte do companheiro, evidenciada pelo desejo mútuo de estar junto), não segue o mesmo percurso característico da relação de vinculação. Enquanto, numa relação de vinculação, a disponibilidade é mantida quase que numa forma constante, tendo poucas oscilações, no amor romântico apresenta habitualmente uma série de variações, correspondendo a flutuações de outros aspectos da relação”.

Se as relações prematuramente constituídas entre a criança e a(s) sua(s) figura(s) de vinculação podem ser percebidas como prototípicas das relações íntimas na idade adulta (Waters, Kondo-Ikemura, Posada & Richters, 1991; Roisman et al., 2001, citado por Lima, Vieira, Soares, 2003), então a especificidade da vinculação no contexto das relações íntimas assenta na simetria e reciprocidade (Berman, Marcus & Berman, 1994; West & Sheldon-Keller, 1994; Crittenden, 1997; Crowell & Treboux, 2001, citado por Lima, Vieira & Soares, 2003).

Na relação adulto-adulto, é previsto um balanceamento sucessivo e flexível entre o procurar e o proporcionar segurança e conforto, ou seja, entre o recorrer ao outro como base segura e constituir-se como tal, face ao outro, quando necessário, isto de forma diferente do que ocorre na relação entre a criança e as suas figuras parentais, qualificada pela complementaridade de papéis no que respeita à procura e prestação de cuidados, (Ainsworth, 1991; Crowell & Treboux, 2001).

Experienciar o outro como base segura, percebendo-o como disponível e responsivo face ao desconforto pessoal ou no confronto com situações percebidas como problemáticas, e, reciprocamente, funcionar como base segura para o outro confere ao

indivíduo a percepção de segurança, pertença e partilha, consubstanciando o estabelecimento e desenvolvimento da intimidade (Cassidy, 2001).

PARTE II
ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO V

METODOLOGIA

5 – Delimitação do problema, objectivos e hipóteses de investigação

5.1.1 – Objectivos da Investigação

Em qualquer investigação é sempre importante definir os objectivos operacionais que se pretendem atingir e estes, dependem em grande medida da natureza dos fenómenos, das variáveis consideradas e do maior ou menor controlo em que a investigação se processa (Almeida e Freire, 2000).

Assim sendo, o principal objectivo que preside esta investigação é perceber quais os estilos de amor, que se encontram na comunidade cigana, e se existem estilos de amor específicos para cada sexo; compreender se existe relação entre Amor, Vinculação e Bem-Estar Subjectivo na Etnia Cigana; e investigar se a vinculação é melhor preditiva de bem-estar subjectivo do que as variáveis estilos de amor e sócio-demográficas.

O principal interesse por esta temática é justificado por dois aspectos que se consideram importantes. O contacto da autora com a comunidade cigana que lhe permitiu conhecer mais de perto as vivências desta cultura, descortinando quão diferentes são da comunidade maioritária, apesar da maioria dos ciganos, hoje em dia, conviverem quase lado a lado. Por outro lado, foi previamente (aquando da realização da tese de licenciatura) realizada uma revisão bibliográfica na literatura existente a qual apresentava uma lacuna, especialmente em Portugal, no que concerne aos estudos que se relacionam com a comunidade cigana, especialmente no âmbito do amor, da vinculação e do bem-estar subjectivo

Neste sentido, surgiu o interesse em realizar esta investigação, no sentido de otimizar os serviços da psicologia em termos de prevenção, educação e intervenção.

5.1.2 – Hipóteses de investigação

Através da organização dos capítulos anteriores, formulando um enquadramento teórico-conceptual é agora possível fundamentar o estudo empírico apresentado seguidamente.

Quando se definem as hipóteses, identifica-se as possíveis relações entre as variáveis e define-se o seu papel na investigação. As hipóteses traduzem assim, a possível relação, explicação ou solução para um problema (Almeida & Freire, 2000).

Assim foram tecidas algumas hipóteses operacionais, tendo em conta o conjunto de estudos realizados no âmbito desta temática. Pretende-se, então verificar as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 – Existem diferenças significativas entre homens e mulheres de etnia cigana

Hipótese 2 – Existem relações significativas entre estilos de amor, vinculação e bem-estar subjectivo

Hipótese 3 – As variáveis de vinculação são melhores preditivas do bem-estar subjectivo do que as variáveis estilos de amor e sócio-demográficas.

5.2 – Instrumentos

Com a finalidade de recolher a informação necessária e importante, utilizaram-se os seguintes documentos e instrumentos: Declaração de consentimento Informado, onde era fornecida a informação aos participantes e o objectivo do estudo, assim como a qualidade voluntária da sua participação e a confidencialidade (cf. Anexo 1), um questionário socio-demográfico (c.f. Anexo 2) elaborado para o efeito, e a versão Portuguesa da PANNAS (c.f. Anexo 3), SWLS (c.f. Anexo 4), Escala de Relações Próximas (c.f. Anexo 5) e a Escala de Atitudes em Relação ao Amor (c.f. Anexo 6).

PANAS

A componente afectiva deste estudo foi avaliada através da PANAS (Positive and Negative Effect Schedule).

A PANAS surge da necessidade de desenvolver medidas breves, fáceis de administrar e válidas, para avaliar o afecto positivo e negativo (Watson et. al., 1988, citado por Galinhas e Ribeiro, 2005).

Esta escala foi desenvolvida e validada por por Watson, Clark e Tellegen, (1988, citado por Lima e Albuquerque) e, é constituída por duas escalas com dez itens cada que descrevem a afectividade sentida pela pessoa, 10 no domínio do afecto positivo (subescala PA) e 10 no domínio do afecto negativo (subescala NA) (Ambrósio, 2008).

A PANAS apresenta uma boa consistência interna apresentando valores entre 0,86 e 0,89 (alpha de Cronbach) para a subescala PA e valores entre 0,84 e 0,87 (coeficiente de alpha de Cronbach) para a subescala NA (Lima e Albuquerque, 2007).

Os autores iniciam a construção da escala a partir de 60 termos que já existiam previamente, escolhendo aqueles termos que melhor apontavam os afectos positivos e negativos. (Giacomini, 2002). Através da análise de confiabilidade escolheram 10 itens para cada escala, sendo que para pontuação é usada uma escala tipo Likert de 5, de nem um pouco (1) a extremamente (5) (Giacomini, 2002).

A versão PANAS foi validada para a população portuguesa por Simões, (1993) sendo que o autor adicionou um item à subescala PA e um item à subescala NA, por examinar que alguns dos itens originais não ficavam ajustados em termos de conteúdos, totalizando a versão Portuguesa 22 itens.

As duas escalas revelam bons índices de fidelidade, apresentando um alfa de Cronbach de 0,82 para a PA e de 0,85 para a NA, assim como apresentou uma boa validade de construto e de discriminante (Simões, 1993).

SWLS

Para ser avaliada a componente cognitiva do bem-estar subjectivo nomeou-se a Satisfaction with Life Scale (SWLS), (Diener et al., 1985b, citado em Ferraz, Tavares e Zilberman,), criada por Diner em 1985, que verifica o julgamento pessoal do indivíduo sobre sua qualidade de vida. Esta escala é mais tarde revista por Pavot e Diner (1993, citado em Lima & Albuquerque, 2007).

“ De acordo com o autor da escala original, esta escala veio preencher a necessidade de uma escala multi-item que medisse a satisfação com a vida enquanto processo de juízo cognitivo. A escala é concisa, contendo apenas 5 itens e foi construída tendo em conta a ideia de que se deve pedir aos sujeitos um juízo global acerca da sua vida para medir o conceito de satisfação com a vida, baseado exclusivamente nos seus

critérios pessoais e sem considerar áreas específicas de satisfação”(Citado em Ramalho, 2009, p. 108).

É composta por 5 itens, organizados numa escala tipo Likert de 5 pontos: discordo muito (1) até concordo muito (5) permitindo obter resultados que oscilam entre um mínimo de 5 e um máximo de 25, em que quanto mais elevado for o score, mais elevada será a satisfação com a vida, (Figueiredo, Lima e Sousa, 2009), onde o ponto médio se situa na pontuação 15 (Nunes, 2009). Tem mostrado uma alta consistência interna com um coeficiente de alfa de Cronbach de .87 (Diner et.al, 1985, citado em Lima e Albuquerque, 2007).

A versão portuguesa da SWLS – foi de início validada por Neto e colaboradores, 1990, mostrando uma consistência interna de 0,78 (alfa de cronbach) e, posteriormente por Simões (1994) reduzindo a amplitude da escala de sete para cinco pontos encontrando uma consistência interna de 0,77 (alfa de cronbach), (Lima e Albuquerque, 2007) sendo esta a versão utilizada neste estudo.

ERP (Experiência em Relações Próximas)

A ERP foi elaborada por (Brennan e tal. 1998, citado por Moreira et. al., 2006) e pretende avaliar as duas dimensões básicas das diferenças individuais no estilo de vinculação dos adultos, a evitação e a preocupação as quais emergiram da análise factorial de um conjunto abrangente de itens em uso corrente na avaliação da vinculação em adultos.

A escala ERP conservou os sete pontos que possuía na versão original, somente com os pontos extremos (1-“discordo fortemente”, 7- “Concordo fortemente” e o ponto central 4- “Neutro/Misto”) definidos verbalmente, sendo que os 36 itens são alternado de forma sistemática, correspondendo os ímpares à escala de Evitação e os pares à escala de preocupação.

Para a cotação do questionário, calcula-se a média que compõem cada uma das escalas, tendo o cuidado de inverter previamente os resultados dos itens que estão formulados no sentido oposto ao da generalidade da escala (i.e., em que uma maior concordância é sinal de níveis mais baixos de Evitação e Preocupação). Esta inversão implica as seguintes trocas: 1 para 7 (1 passa a contar como 7), 2 para 6, 3-5, 4 mantém-se, 5-3,6-2,7-1. Os itens a submeter a esta transformação são os indicados pelo numeros3, 15,19,22,25,27,29,31,33,35.Quanto à consistência interna a escala mostrou níveis bastante adequados, sendo os valores de coeficiente alfa Conbach de 0,93 para a escala de Evitação e 0,87 para a escala de preocupação, sendo que nenhum item faz diminuir o valor de alfa, com excepção do item 11 na escala de evitação, e mesmo aí de maneira muito marginal (de 0,935 para 0,934. A correlação, muito respeitável, deste item com o total de 0,42 não aconselha a sua eliminação, embora o seu conteúdo deva ser objecto de atenção em futuras revisões (Moreira et. al., 2006). (c.f. Anexo 3).

Escala de Atitudes em Relação ao Amor

A Escala de Atitudes em Relação ao Amor foi construída por Hendrick e Hendrick para medir os seis estilos de amor de Lee e provar que as seis concepções do amor existiam, através de dois estudo, sendo o segundo estudo uma réplica do primeiro em situações geográficas distintas, tendo para o efeito, sido revistas algumas escalas (Neto, 1992).

Nestes estudos foi utilizada a Escala de Atitudes em relação ao Amor (“ Love Attitudes Scale”) que era composta por 42 itens, 7 para avaliar cada um dos seis estilos de amor. Os itens eram avaliados em cinco categorias que se transformaram em cinco números para as análises de dados; 1- concordo totalmente, 2- concordo moderadamente, 3- neutro, 4- concordo moderadamente, 5- discordo totalmente, mostrando excelente consistência interna, boa estabilidade teste-reteste(Neto, 1992).

Cada um dos estilos de amor é avaliado por meio de sete itens, sendo que quanto mais baixo é o score, mais elevada é a manifestação do estilo de amor. Ou seja a média varia entre 5 a 35 e, quanto mais baixa é a média, mais forte é o estilo particular de amor (Neto, 1992).

Esta escala foi validada para a população portuguesa por Neto, 1992 através de um estudo realizado com 185 estudantes que frequentavam a Universidade do Porto em 1990, sendo 94 do sexo feminino e 91 do sexo masculino, tendo como objetivos verificar as características psicométricas da escala de atitudes em relação ao amor; explorar as relações dos estilos de amor com características do meio do sujeito e da sua personalidade e analisar as relações entre a solidão e embaraço, concluindo-se que a escala tem uma consistência interna satisfatória e uma independência razoável das escalas (Neto, 1992). (c.f. Anexo 4).

5.3 - Procedimento

Para que se pudesse proceder à administração dos questionários aos ciganos, a autora enviou um e-mail à Segurança Social) – no sentido de obter a sua permissão visto que esta amostra é constituída por participantes beneficiários de Rendimento Social de Inserção.

Após esta autorização, foi necessária ainda a autorização das pessoas responsáveis pelas equipas técnicas do Rendimento Social de Inserção e pelos Centros Sociais de Grijó, Olival e Sandim.

A recolha de dados foi feita entre Janeiro e Junho nos acampamentos ciganos, nos Empreendimentos Sociais e algumas vezes no Centro Social sendo que a recolha do material oscilou entre os 40 a 60 minutos por participante.

O material foi aplicado individualmente, num único momento e no que concerne à administração dos instrumentos, a primeira medida tomada foi a de explicar o objectivo de estudo e da obtenção do consentimento informado de cada um dos indivíduos, sendo transmitido pelo investigador o carácter confidencial do estudo, para que todos se sentissem à vontade para responder aos questionários.

As questões foram colocadas e assinaladas no instrumento pelo entrevistador, uma vez que esta população ou não sabia ler ou então possuía muitas limitações na leitura e na escrita.

Depois dos questionários preenchidos, procedeu-se à análise estatística dos mesmos.

Procedimentos de análise de dados

Quer a estatística descritiva, quer a estatística inferencial foram realizadas com recurso à versão 18 do *Predictive Analytics Software* (PASW Statistics, anterior SPSS). Uma vez que a amostra segue os princípios de uma distribuição normal, para analisar as diferenças de médias entre géneros recorreremos ao teste *t-student* enquanto que para avaliar as relações entre estilos de amor, vinculação e bem-estar subjectivo utilizámos o coeficiente de correlação de Pearson.

Para avaliar o poder preditivo dos tipos de vinculação, estilos de amor e características sócio-demográficas em relação ao bem-estar subjectivo fizemos três Regressões Lineares (uma para cada componente do Bem-Estar Subjectivo) em três blocos. No primeiro bloco entraram os estilos de vinculação (Preocupada e Evitante), no segundo bloco os estilos de amor (Pragma, Store, Mania, Ludos e Eros) e no terceiro bloco, para além de todas as variáveis anteriores, entraram também a idade e o género dos participantes (variáveis sócio-demográficas).

5.4 – Amostra

No presente estudo recorreu-se a uma amostra, constituída por 50 indivíduos adultos de ambos os sexos que vivem em acampamentos ciganos e em Empreendimentos Sociais, beneficiários do rendimento Social de Inserção.

Para a constituição da amostra foi apenas definido uma condições que se traduz na necessidade em serem inquiridos com mais de 18 anos (Jovens adultos e adultos).

Como se pode ver pelo Quadro 1, a amostra é constituída por 50 participantes, 40 do género Feminino (80%) e 10 do género Masculino (20%), de etnia cigana, com idades compreendidas entre os 18 e 54 anos (M=28,34; DP=8,82). A maioria destes é casada (n=48; 96%), doméstica (n=38; 76%), com uma escolaridade de 4 anos (n=15; 30%) e a viver em coabitação (n=47; 94%). Quanto ao número de filhos, 11 dos inquiridos (22%) referiram não ter filhos e 11 referiram ter 4 filhos (22%).

Quadro 1 – Características Sócio-Demográficas da Amostra

		N	%
Género	Feminino	40	80,0
	Masculino	10	20,0
Estado Civil	Solteira	1	2,0
	Casada	48	96,0
	Separado	1	2,0
Situação Profissional	Desempregado	12	24,0
	Doméstica	38	76,0
Profissão	Vendedor	7	14,0
	Cesteiro	4	8,0
	Não Respondeu	39	78,0
Número de Filhos	0	11	22,0
	1	6	12,0
	2	8	16,0
	3	8	16,0
	4	11	22,0
	5	2	4,0
	6	1	2,0
	7	2	4,0
	12	1	2,0
	Coabitação Presente	Não	3
Sim		47	94,0
Coabitação Passado	Não	43	86,0
	Sim	7	14,0
Escolaridade	0	7	14,0
	1	4	8,0
	2	12	24,0
	3	2	4,0
	4	15	30,0
	5	5	10,0
	6	2	4,0
	7	2	4,0
	9	1	2,0

CAPÍTULO VI
APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1. Apresentação e análise dos resultados

No quadro 2, podemos verificar a estatística descritiva relativa às diferentes escalas utilizadas no estudo para avaliar os estilos de amor (Eros, Ludus, Storge, Pragma, Mania e Agape), tipos de vinculação (Ansiosa e Evitante), componente cognitiva do Bem-estar Subjectivo (SWLS), Afecto Positivo (AP) e Afecto Negativo (AN).

Quadro 2 – Mínimos, Máximos, Médias e Desvio-Padrão para as variáveis em estudo na amostra total (n=50)

	Mín.	Máx.	Média	DP
Eros	11,00	35,00	31,62	4,66
Ludus	11,00	31,00	17,36	5,23
Storge	11,00	35,00	22,86	8,66
Pragma	7,00	27,00	13,66	5,22
Mania	11,00	35,00	22,60	5,82
Agape	15,00	35,00	28,78	5,66
Vinculação Ansiosa	22,00	99,00	65,40	19,98
Vinculação Evitante	17,00	93,00	40,02	19,57
SWLS	9,00	25,00	21,84	3,38
AP	17,00	42,00	31,30	5,70
NA	11,00	47,00	22,54	8,99

Nota. SWLS: Componente Cognitiva do Bem-Estar Subjectivo; AP: Afecto Positivo; AN: Afecto Negativo

Diferenças entre homens e mulheres de etnia cigana

Ao analisarmos por género (Quadro 3), observamos a não existência de diferenças estatisticamente significativas em todas variáveis estudadas, entre os Homens e as Mulheres de etnia cigana que participaram neste estudo.

Quadro 3 – Médias e Desvio-Padrão para as variáveis em estudo, em função do género

	Homens (n=10)		Mulheres (n=40)		<i>T</i>	<i>P</i>
	M	DP	M	DP		
Eros	30,70	4,70	31,85	4,62	0,694	0,491
Ludus	19,10	3,92	16,92	5,46	-1,181	0,243
Storge	22,30	7,74	23,00	8,96	0,226	0,822
Pragma	12,30	4,80	14,00	5,32	0,920	0,362
Mania	20,60	5,69	23,10	5,80	1,222	0,228
Agape	27,20	3,45	29,17	6,05	0,987	0,329
Vinculação Ansiosa	74,20	12,13	63,53	21,20	-1,520	0,634
Vinculação Evitante	42,50	19,28	39,12	20,01	-0,479	0,135
SWLS	21,10	2,18	22,02	3,61	0,770	0,648
AP	32,22	5,93	31,25	5,69	-0,460	0,828
NA	23,10	10,57	22,40	8,69	-0,218	0,445

Nota. SWLS: Componente Cognitiva do Bem-Estar Subjectivo; AP: Afecto Positivo; AN: Afecto Negativo

Relações entre estilos de amor, vinculação e bem-estar subjectivo

Quanto às relações entre os estilos de amor, tipos de vinculação e bem-estar subjectivo (Quadro 4), podemos verificar que o tipo de vinculação Evitante se encontra negativamente correlacionada com a dimensão cognitiva do bem-estar subjectivo ($r=-,615$; $p\leq ,01$) e com os estilos de amor Eros ($r=-,613$; $p\leq ,01$) e Agape ($r=-,349$; $p\leq ,05$). Por outro lado, verificamos que este tipo de vinculação está positivamente correlacionado

com o estilo de amor Ludos ($r=,307$; $p\leq ,05$) e com o Afecto Negativo ($r=,435$; $p\leq ,01$). O tipo de vinculação Preocupada está positivamente correlacionado com o estilo de amor Mania ($r=,376$; $p\leq ,01$).

A dimensão cognitiva do Bem-estar subjectivo está positivamente correlacionada com o estilo de amor Eros ($r=,428$; $p\leq ,01$) e negativamente com o estilo Ludos ($r=-,351$; $p\leq ,05$). O Afecto Negativo está correlacionado negativamente com os estilos de amor Eros ($r=-,496$; $p\leq ,01$) e Agape ($r=-,364$; $p\leq ,01$) e positivamente com o estilo Ludos ($r=,408$; $p\leq ,01$). O Afecto positivo encontra-se positivamente relacionado com o estilo de amor Store ($r=,452$; $p\leq ,01$).

Quadro 4 – Correlações de Pearson entre Estilos de Amor, Vinculação e Bem-Estar Subjectivo

	T_EROS	T_LUDOS	T_STORE	T_PRAGMA	T_MANIA	T_Agape	T_V_EVIT	T_V_Preo	AF_POSIT	AF_NEG
T_LUDOS		-,133								
T_STORE	-,110	,278								
T_PRAGMA	-,021	,197	,013							
T_MANIA	-,030	-,092	,031	,161						
T_Agape	,454**	-,302*	-,036	-,316*	,244					
T_V_EVIT	-,613**	,307*	,097	,019	,153	-,349*				
T_V_Preo	,159	,187	,111	,132	,376**	,084	-,043			
AF_POSIT	-,102	,245	,452**	-,088	,011	,033	,160	,007		
AF_NEG	-,496**	,408**	,239	,130	,112	-,364**	,435**	-,063	,082	
SWLS	,428**	-,351*	-,263	,094	,120	,187	-,615**	,197	-,196	-,465**

Nota. * $P\leq,05$ e ** $P\leq ,01$; SWLS: Componente Cognitiva do Bem-Estar Subjectivo; AP: Afecto Positivo; AN: Afecto Negativo. Sombreado a cinzento estão realçados os valores que interessam para este estudo.

Variáveis preditivas do Bem-estar Subjectivo

Dimensão Cognitiva do Bem-Estar Subjectivo (SWLS)

Como podemos observar no quadro 5, para a dimensão cognitiva do bem-estar subjectivo (SWLS) os preditores que explicam maior percentagem da variância entraram no primeiro bloco, ou seja, os tipos de vinculação (R^2 da Mudança=,407; p =,000), sendo que os blocos 2 (R^2 da Mudança=,091; p =,319) e 3 (R^2 da Mudança=,013; p =,519) explicam uma percentagem de variância residual. Assim os melhores preditores da dimensão cognitiva do bem-estar subjectivo são os estilos de vinculação que explicam 40.7% da variância, seguidos dos aspectos relacionados com o amor (9.1%) e das variáveis demográficas que explicam a menor percentagem de variação do bem-estar cognitivo (1.3%).

Quadro 5 - Regressões hierárquicas para a dimensão cognitiva do Bem-Estar Subjectivo (SWLS)

Modelo	R	R ²	R ² Ajustado	R ² Mudança	F Mudança	Sig. F Mudança
1	,638 ^a	,407	,381	,407	15,796	,000
2	,706 ^b	,498	,398	,091	1,214	,319
3	,715 ^c	,512	,383	,013	,522	,597

a. Predictors: (Constant), T_V_Preo, T_V_EVIT

b. Predictors: (Constant), T_V_Preo, T_V_EVIT, T_PRAGMA, T_STORE, T_MANIA, T_LUDOS, T_Agape, T_EROS

c. Predictors: (Constant), T_V_Preo, T_V_EVIT, T_PRAGMA, T_STORE, T_MANIA, T_LUDOS, T_Agape, T_EROS, Idade, Sexo

Ao analisarmos os coeficientes desta Regressão (Quadro 6) verificamos que o tipo de vinculação Evitante é o único que apresenta relevância estatística, tanto no momento da sua entrada (β =-,607; t =-5,346; p =,000) como no modelo final (β =-,512; t =-3,265; p =,002).

Quadro 6 – Coeficientes de Regressão das variáveis em análise para a dimensão cognitiva do Bem-Estar Subjectivo (SWLS)

Modelo	Variáveis	B	β	t	P
1	T_V_EVIT	-,099	-,607	-5,346	,000
	T_V_Preo	,027	,171	1,505	,139
2	T_V_EVIT	-,082	-,502	-3,270	,002
	T_V_Preo	,024	,151	1,177	,246
	T_EROS	,129	,188	1,211	,233
	T_LUDOS	-,101	-,164	-1,234	,225
	T_STORE	-,055	-,148	-1,260	,215
	T_PRAGMA	,001	,002	,018	,986
	T_MANIA	,078	,142	1,034	,307
	T_Agape	-,083	-,147	-,990	,328
3	T_V_EVIT	-,084	-,512	-3,265	,002
	T_V_Preo	,031	,193	1,405	,168
	T_EROS	,121	,176	1,121	,269
	T_LUDOS	-,089	-,145	-1,067	,293
	T_STORE	-,061	-,164	-1,365	,180
	T_PRAGMA	-,019	-,031	-,236	,815
	T_MANIA	,061	,111	,776	,443
	T_Agape	-,094	-,166	-1,093	,281
	Idade	-,022	-,060	-,494	,624
	Sexo	-,819	-,104	-,808	,424

Dimensão Afectiva do Bem-Estar Subjectivo, Afecto Positivo

Avaliando o poder preditivo das variáveis em função da dimensão de Afecto Positivo do Bem-Estar Subjectivo (Quadro 7), podemos verificar que os preditores que explicam maior percentagem da variância entraram no segundo bloco, ou seja, os estilos de amor (R^2 da Mudança=, 227; p =, 092), sendo que o bloco 3 explica também uma parte significativa da mudança (R^2 da Mudança=, 125; p =, 034) enquanto o bloco 1 explica uma percentagem residual (R^2 da Mudança=, 026; p =, 557). Em resumo pode-se verificar que apesar de a influência não ser significativa os estilos de amor são os que mais contribuem

para o afecto positivo explicando 22.7% da variância dos mesmos, sendo seguidos das variáveis sócio demográficas (sexo e idade) que em conjunto explicam 12.5% da variância total e dos estilos de vinculação que apenas explicam 2.6% das mudanças no afecto positivo.

Quadro 7 - Regressões Hierárquicas para a dimensão de Afecto Positivo do Bem-Estar Subjectivo

Modelo	R	R ²	R ² Ajustado	R ² Mudança	F Mudança	Sig. F Mudança
1	,160 ^a	,026	-,018	,026	,594	,557
2	,503 ^b	,253	,100	,227	1,978	,092
3	,615 ^c	,378	,210	,125	3,723	,034

a. Predictors: (Constant), T_V_Preo, T_V_EVIT

b. Predictors: (Constant), T_V_Preo, T_V_EVIT, T_PRAGMA, T_STORE, T_MANIA, T_LUDOS, T_Agape, T_EROS

c. Predictors: (Constant), T_V_Preo, T_V_EVIT, T_PRAGMA, T_STORE, T_MANIA, T_LUDOS, T_Agape, T_EROS, Idade, Sexo

Analisando os coeficientes desta Regressão (Quadro 8) verificamos que o estilo de amor Storage ($\beta=,449$; $t=3,190$; $p=,003$) e a idade dos sujeitos ($\beta=-,373$; $t=2,704$; $p=,010$), são as únicas que apresentam relevância estatística no modelo final. O tipo estilo de amor Storage, já aquando da sua entrada (no bloco 2) apresentava relevância estatística ($\beta=-,411$; $t=2,748$; $p=,009$).

Quadro 8 - Coeficientes de Regressão das variáveis em análise para a dimensão de Afecto Positivo do Bem-Estar Subjectivo

Modelo	Variáveis	B	β	t	P
1	T_V_EVIT	,047	,160	1,089	,282
	T_V_Preo	,004	,015	,101	,920
2	T_V_EVIT	,029	,099	,535	,596
	T_V_Preo	-,020	-,069	-,432	,668
	T_EROS	,025	,019	,101	,920
	T_LUDOS	,184	,168	1,015	,316
	T_STORE	,275	,411	2,748	,009
	T_PRAGMA	-,106	-,097	-,616	,542
	T_MANIA	,002	,002	,013	,990
	T_Agape	,109	,109	,597	,554
3	T_V_EVIT	,048	,162	,929	,359
	T_V_Preo	-,029	-,101	-,645	,523
	T_EROS	,027	,021	,117	,907
	T_LUDOS	,145	,132	,847	,402
	T_STORE	,300	,449	3,190	,003
	T_PRAGMA	-,027	-,025	-,163	,871
	T_MANIA	,032	,033	,199	,843
	T_Agape	,172	,171	,988	,330
	Idade	,241	,373	2,704	,010
	Sexo	-,155	-,011	-,074	,942

Dimensão Afectiva do Bem-Estar Subjectivo, Afecto Negativo

Em função da dimensão de Afecto Negativo do Bem-Estar Subjectivo (Quadro 9), podemos verificar que os preditores que explicam maior percentagem da variância entraram no segundo bloco, ou seja, os estilos de amor (R^2 da Mudança=,231; p =,028), sendo que o bloco 1 explica também uma parte significativa da mudança (R^2 da Mudança=,191; p =,008) enquanto o bloco 3 explica uma percentagem residual (R^2 da

Mudança=,000; $p=,998$). Resumidamente os estilos de amor conjuntamente explicam a maior percentagem de variação do afecto negativo (23.1%) sendo seguidos dos estilos de vinculação com 19.1% de capacidade de predição e por fim das variáveis sócio-demograficas sexo e idade que apresentam um efeito praticamente nulo e não significativo.

Quadro 9 - Regressões Hierárquicas para a dimensão do Afecto Negativo do Bem-Estar Subjectivo

Modelo	R	R ²	R ² Ajustado	R ² Mudança	F Mudança	Sig. F Mudança
1	,437 ^a	,191	,156	,191	5,423	,008
2	,650 ^b	,422	,307	,231	2,669	,028
3	,650 ^c	,422	,270	,000	,002	,998

a. Predictors: (Constant), T_V_Preo, T_V_EVIT

b. Predictors: (Constant), T_V_Preo, T_V_EVIT, T_PRAGMA, T_STORE, T_MANIA, T_LUDOS, T_Agape, T_EROS

c. Predictors: (Constant), T_V_Preo, T_V_EVIT, T_PRAGMA, T_STORE, T_MANIA, T_LUDOS, T_Agape, T_EROS, Idade, Sexo

Ao observarmos o quadro 10 que nos mostra os coeficientes da regressão das variáveis em análise em função da dimensão de Afecto Negativo do Bem-Estar Subjectivo, verificamos que no modelo final apenas o estilo de amor Ludos apresenta relevância estatística ($\beta=,324$; $t=2,221$; $p=,032$). Embora aquando da sua entrada, no bloco 1, o tipo de vinculação evitante apresente um valor estatisticamente significativo ($\beta=,431$; $t=3,274$; $p=,002$) este desaparece nos blocos seguintes. Em contrapartida, o estilo de amor Ludos apresenta relevância estatística já no momento da sua entrada no bloco 2 ($\beta=,323$; $t=2,289$; $p=,027$).

Quadro 10 - Coeficientes de Regressão das variáveis em análise para a dimensão de Afecto Positivo do Bem-Estar Negativo

Modelo	Variáveis	B	B	t	P
1	T_V_EVIT	,198	,431	3,274	,002
	T_V_Preo	-,018	-,040	-,304	,763
2	T_V_EVIT	,017	,036	,223	,825
	T_V_Preo	-,067	-,148	-1,089	,283
	T_EROS	-,629	-,326	-2,011	,051
	T_LUDOS	,556	,323	2,289	,027
	T_STORE	,116	,112	,893	,377
	T_PRAGMA	,000	,000	-,001	1,000
	T_MANIA	,332	,215	1,463	,151
	T_Agape	-,228	-,143	-,908	,369
3	T_V_EVIT	,017	,036	,217	,830
	T_V_Preo	-,066	-,146	-,988	,329
	T_EROS	-,630	-,327	-1,954	,058
	T_LUDOS	,556	,324	2,221	,032
	T_STORE	,116	,111	,859	,396
	T_PRAGMA	-,001	-,001	-,005	,996
	T_MANIA	,330	,214	1,384	,174
	T_Agape	-,228	-,143	-,877	,386
	Idade	,002	,002	,017	,987
	Sexo	-,120	-,005	-,039	,969

6.2. Discussão dos resultados

O principal objectivo deste estudo foi avaliar as relações entre os estilos de amor, tipos de vinculação e bem-estar subjectivo em indivíduos da comunidade cigana. Os resultados confirmaram apenas parcialmente as hipóteses lançadas uma vez que a) não se

verificaram diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres ao nível das variáveis estudadas; b) foram encontradas apenas algumas relações entre estilos de amor, tipos de vinculação e bem-estar subjectivo, e; c) os tipos de vinculação são maiores preditores apenas da dimensão cognitiva do bem-estar subjectivo (SWLS).

Embora na comunidade cigana estejam bem patentes as diferenças nos papéis desempenhados por homens e mulheres (Costa, 2001; Montenegro, 2003; Enguita, 1999; Garrido, 1999) neste estudo não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ao nível dos estilos de amor, tipos de vinculação e Bem-estar Subjectivo. Ao nível dos tipos de vinculação, estes resultados vão ao encontro dos estudos acerca da vinculação na infância, os quais também referem a não existência de diferenças estatisticamente significativas (Mayseless, 2005) entre género masculino e género feminino. Da mesma forma, vários estudos têm demonstrado que o género não influencia o bem-estar subjectivo (Diener, 1984; Harring et al., 1984 citado por Ferraz, Tavares, & Zilbarman, 2007; Inglehart, 1990 citado por Ferraz, Tavares, & Zilbarman, 2007; Watson, 2000).

Contudo, ao nível dos estilos de amor, Hendrick & Hendrick (1986) verificaram que os homens tendem a valorizar os tipos de amor Eros e Ludus comparativamente com as mulheres. Por outro lado as mulheres tendem a apresentar valores mais altos nos tipos de amor Storge, Pragma e Mania (Sprecher et al., 1994). Estas diferenças, provavelmente, estarão relacionadas com as funções que o amor tem desempenhado para cada um dos géneros na evolução da espécie humana (Ubillos et al., 1997).

Ao nível das relações entre estilos de amor, tipos de vinculação e bem-estar subjectivo verificámos a existência de algumas relações. Estes resultados vêm ao encontro do que tem vindo a demonstrar a investigação ao nível da forte relação entre estilos de amor e tipos de vinculação (Hazen & Shaver, 1987 citado por Canavarro, 1999). No nosso estudo o tipo de vinculação evitante está positivamente correlacionado com o estilo de amor Ludus e negativamente com o Eros e Agape. Uma vez que os adultos que apresentam este tipo de vinculação tendem, nas suas relações amorosas, a sublinhar o medo de intimidade e também os ciúmes que sentem em relação ao outro (Neto, 2000), alguns estudos têm demonstrado a sua relação com o estilo de amor Ludus, dada a sua pouca implicação, enquanto que os tipos de amor Eros e Storge são experienciados apenas por

indivíduos que apresentam vinculação segura (Hendrick & Hendrick, 1992; Hazen & Shaver, 1987 citado por Canavarro, 1999). Verificámos também que o tipo de vinculação Preocupada está positivamente correlacionado com o estilo de amor Mania, o que também vai ao encontro do encontrado noutros estudos (Hendrick & Hendrick, 1992) uma vez que estes indivíduos tendem a procurar a intimidade, desejando que o outro demonstre mutualidade no seu amor, levando a relações amorosas do tipo obsessivo (Neto, 1992).

Da mesma forma, verificamos que o Afecto Positivo está positivamente correlacionado com o estilo de amor Storge, uma vez que implica afeição, se desenvolve devagar, culminando numa relação a longo termo (Neto, 2000). Por outro lado, o afecto negativo está negativamente correlacionado com o estilo Eros e Agape e positivamente com o Ludos e o tipo de vinculação evitante. Uma vez que o estilo Eros está centrado no conceito de beleza e atracção física (Neto, 1992) e o Agape é um amor incondicional (Neto, 2000) é expectável que indivíduos com elevado Afecto Negativo não estejam disponíveis para estes tipos de amor mas sim para um amor com pouca implicação, como é o Ludus (Neto, 1992), também característico dos indivíduos com vinculação evitante (Hazen & Shaver, 1987 citado por Canavarro, 1999).

A dimensão cognitiva do Bem-Estar Subjectivo (SWLS) ao estar positivamente correlacionada com o estilo de amor Eros e negativamente com o Ludos e a vinculação Evitante, vem também ao encontro do que já foi referido anteriormente, nomeadamente, a necessidade de estabilidade e segurança para experienciar o tipo de amor Eros (Hendrick & Hendrick, 1992; Hazen & Shaver, 1987 citado por Canavarro, 1999).

Uma vez que o Bem-Estar Subjectivo pode ser compreendido como um julgamento global da satisfação com a vida (componente cognitivo) e pelo balanço afectivo (componente emocional), sendo que a componente cognitiva inclui a satisfação global e a satisfação em domínios da vida significativos, como o trabalho, o casamento, a saúde (Diener, 1984), era expectável que todas as dimensões do Bem-Estar Subjectivo fossem altamente explicadas pelos tipos de vinculação do indivíduo. Contudo, essa hipótese foi confirmada apenas parcialmente no nosso estudo, uma vez que só se verifica para a dimensão

cognitiva do bem-estar subjectivo (SWLS), sendo que ao nível do Afecto Positivo é mais explicado pela idade, enquanto o Afecto Negativo é pelo estilo de amor Ludus.

Alguns investigadores têm demonstrado que à medida que a idade aumenta, aumenta também a afectividade positiva (Diener, 1984; Ryff, 1989; Silva, 2003). Por outro lado, sendo a Afectividade Negativa (e a Positiva) uma dimensão Afectiva do Bem-Estar Subjectivo, e por isso menos cognitiva, é compreensível que a sua variação esteja menos dependente de factores estruturais do funcionamento do indivíduo (como o tipo de vinculação) mas sim dos factores experienciais/emocionais como os estilos de amor. Neste caso, e como já visto no estudo das correlações, o estilo de amor mais associado com o Afecto Negativo é o Ludus dado não implicar envolvimento (Neto, 1992).

De referir que estes resultados devem ser vistos com alguma cautela de um ponto de vista estatístico, uma vez que sendo variáveis tão individuais, complexas e dinâmicas seria desejável uma amostra significativamente maior, de forma a alcançar uma maior robustez estatística, nomeadamente para os modelos de predição. Por outro lado, seria também importante um melhor balanceamento da amostra em termos de género, pois a falta de diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres poderá estar relacionada com este factor.

CONCLUSÃO

Este estudo aborda o sentimento positivo, Amor e o Bem-Estar Subjectivo, além de focar a vinculação, que influencia as relações íntimas, proporcionando a quem o lê, um conhecimento destes para uma melhor compreensão daqueles que nos rodeiam, principalmente a comunidade cigana que há centenas de anos vive e interage no nosso país, com a sua cultura, tantas vezes negligenciada e não compreendida.

Os ciganos, vivem em condições precárias, acampamentos, barracas de chapa ou num apartamento e respondem a determinadas regras de vivência comuns. Uma das principais características é a divisão da sociedade, ou do Mundo, entre o seu meio, ou seja, «A nossa comunidade cigana», e o exterior. As ligações familiares são o princípio mais importante das comunidades cigana, pelo que um homem nunca poderá ter uma voz de força se não tiver a seu cargo a sua própria família. As escolhas matrimoniais, a virgindade da noiva e as relações endógamas são ponto de honra.

Sabe-se também que os ciganos adoptam tendencialmente a religião predominante do local onde residem. No caso de Portugal, a religião predominante é a católica, que defende, na sua origem, também valores como a virgindade da noiva, as relações endógamas e a importância do meio familiar. Porém, existe já actualmente enraizado um conceito de libertação sexual e as relações não têm de, obrigatoriamente, conduzir à união matrimonial.

Muitos dos ciganos de hoje vivem em apartamentos, contrariando a tradição étnica da vida em acampamento, mas não no que concerne às concepções sociais ou psicológicas e as ideias em relação à forma como a vida deve ser vivida ou conduzida; estes continuam com a sua cultura bem vincada, não sendo facilmente influenciados pelas demais.

O Amor, porém, está presente em ambos os meios, como base das relações afectivas e de muitos conceitos morais. Mas, a cultura parece definir a forma como vemos e sentimos o amor.

Se as diferenças interculturais entre indivíduos de nacionalidades diversas não apresentam respostas diferentes em relação à escala de Lee, por exemplo, e como verificámos nos estudos citados por Neto (1995) por se encontrarem em patamares idênticos de desenvolvimento social, o mesmo poderá não acontecer numa comunidade aparentemente blindada a influências externas no que concerne ao comportamento familiar e social, como é o caso dos ciganos.

Sendo a comunidade cigana muito ligada aos seus costumes, não aceitando facilmente casamentos entre diferentes culturas, e casando muitas vezes por conveniência, como vive esta comunidade o amor? Como é vivido o Amor por um elemento da comunidade

cigana comparativamente a um elemento da cultura ocidental? Em relação ao Bem-Estar Subjectivo e à vinculação que podem tirar desta comunidade, como já vimos tão única?

Foi com estas questões que surgiu no fundo o interesse do presente estudo, sendo expectante que tudo fosse diferente da comunidade maioritária. No entanto enquanto o pesquisador ministrava os questionários, conseguia-se aperceber de influências cada vez maiores da comunidade maioritária. Nas conversas informais que surgiam durante as entrevistas a comunidade falava de “divórcios”, de traições, de mães que abandonavam os filhos para fugir com outros homens, de jovens que casavam com outros jovens, não pertencentes à comunidade cigana, de vontades sonhadoras de que as suas tradições fossem diferentes e, especialmente nas mulheres mais jovens o olhar triste reclamava mais liberdade, mais vontades realizadas. Vontades que a maioria das vezes não podem existir já que é a tradição que traça o trilho das suas vidas.

E para elas o amor é difícil de definir, o amor é marido, é filhos, é família...

Existiram bastantes limitações neste estudo, a primeira prende-se com o tamanho da amostra, visto que esta comunidade é bastante fechada e desconfiada especialmente quando se trata de responder a questões de índole tão íntima, como acontece neste estudo, especialmente o sexo masculino; segundo os ciganos utilizam, muitas vezes, um dialecto próprio, o que torna difícil a compreensão de parte a parte; e terceiro porque muitas das vezes houve o sentimento de que eles respondiam o socialmente desejável e que cada vez mais vão contra as suas tradições e “misturaram-se” em ideias que até então não eram os seus.

Dado o facto de se tratar de um estudo que apresenta limitações ao nível, do tamanho da amostra e de suporte de outras investigações na mesma área, os resultados aqui apresentados deverão ser entendidos apenas no contexto da amostra em estudo.

No entanto, de uma maneira geral pode-se dizer que os objectivos propostos para a presente dissertação foram atingidos, tendo os resultados se mostrado um pouco diferentes dos revistos na literatura, o que permitiu especular acerca das relações entre o amor, vinculação e bem-estar subjectivo; onde os resultados se mostravam em

consonância com a teoria, conseguiu-se solidificar as evidências dos estudos anteriormente comprovadas.

Assim as principais conclusões deste estudo são que: não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ao nível dos estilos de amor, tipos de vinculação e Bem-estar Subjectivo. Relativamente à vinculação, a vinculação Evitante está positivamente correlacionado com o estilo de amor Ludus e negativamente com o Eros e Agape, já a vinculação Preocupada está positivamente correlacionado com o estilo de amor Mania.

Verifica-se também neste estudo que o Afecto Positivo está positivamente correlacionado com o estilo de amor Storge, enquanto o afecto negativo está negativamente correlacionado com o estilo Eros e Agape e positivamente com o Ludos e o tipo de vinculação Evitante.

Apenas a dimensão cognitiva do bem-estar subjectivo (SWLS), é explicada pelos tipos de vinculação do indivíduo sendo que, ao nível do Afecto Positivo é mais explicado pela idade, enquanto o Afecto Negativo é pelo explicado pelo estilo de amor Ludus.

O nosso país carece de estudos com a comunidade cigana. Talvez por ser uma minoria étnica, a investigação “descure” esta população, no entanto, se reflectirmos não deixa de fazer sentido investir-se mais nesta comunidade, uma vez que esta minoria, em muitos locais do país, existe em quantidade significativa, justificando mais e diferentes estudos.

Seria interessante fazer outro estudo semelhante a este, com maior quantidade de homens para verificar se realmente não existem diferenças significativas quanto aos estilos de Amor ou se estes resultados advêm, realmente, do facto da amostra do sexo masculino ser muito reduzida.

Em todo o caso, no futuro seria importante e interessante aferir os instrumentos utilizados para a população cigana, uma vez que como já vimos a linguagem utilizada por eles é bastante diferente da comunidade maioritária.

Apesar da importância dos estudos quantitativos seria pertinente elaborar estudos de outra natureza, como longitudinais e qualitativos.

Um estudo atraente, seria um estudo qualitativo que aborde o amor enquanto definição e compreensão do que, para eles é, efectivamente, o amor, e como é que eles vivem as relações afectivas.

Este estudo é uma mais-valia para a compreensão da etnia cigana e para uma intervenção mais eficaz por exemplo nos projectos de educação parental, na educação, nos Serviços de Psicologia das escolas, na prática clínica, em intervenção comunitária, no fundo, uma intervenção mais eficaz para uma melhor integração social destas pessoas na comunidade, pois se entender-mos melhor como eles vivem, pensam e agem, mais facilmente será para os técnicos, cuidadores, educadores, etc, se colocarem no seu lugar, advindo daí resultados mais positivos, no fundo contribuir para uma melhoria substancial nas intervenções psicológicas/ biopsicossociais.

Por último é de realçar que apesar de todas as dificuldades encontradas, a experiencia adquirida “ *in loco*” , nas tendas e nos Empreendimentos Sociais, a maior parte das vezes em condições precárias trouxeram à autora muitos ensinamentos para a sua prática de trabalho no futuro, sendo o balanço da realização deste estudo, bastante positivo.

Referências Bibliográficas

Almeida, T., Mayor, A. S. (2006). O amar, o amor: uma perspectiva contemporânea-ocidental da dinâmica do amor para os relacionamentos amorosos. In: Starling, R. R., Carvalho, K. A. (Orgs.), *Ciência do Comportamento: Conhecer e avançar*. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, v.5, p. 99-105.

Ackerman, Dianne. (1995). *The Natural History of Love*. Estados Unidos: Vintage Books

Ainsworth, M. (1991) Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In *Attachment Across the Life Cycle* (eds C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris). Londres: Routledge.

Aires, S. (2004). “A escola ainda é alheia e adversa à cultura cigana”. *Jornal Mensal A Página da Educação*, XIII, (131).

Alberoni, F. (1999). *Amo-te*. Venda Nova: Bertrand Editora.

Alexandre, J.(2003). *Ciganos, Senhores e Galhardós: Um estudo sobre percepções e avaliações intra e intergrupais na infância*. Tese de Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Organizacional. Instituto Superior de Ciências do trabalho e da Empresa, departamento de Psicologia Social e das organizações.

Albuquerque, I., & Lima, M.(2007). *Personalidade e Bem-Estar Subjectivo: Uma abordagem com os projectos pessoais*. Coimbra: Faculdade de psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Albuquerque A. S. & Tróccoli, B. T. (2004). Desenvolvimento de Uma Escala de Bem-Estar Subjetivo *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 20 n. 2, pp. 153-164.

Almeida, L. S. & Freire, T. (2000). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios.

Amiguinho, A.(1999). Educação/ Formação dos ciganos: um desafio à mudança da escola. In *ciganos e Educação*. Caderno ICE, nº 5.

Andrae, S.(2003). *A ciência e a psicologia do sexo, do amor e do casamento*. Porto: Campo das letras.

Araújo, D. F., & Cruz, C. H. S. (2007). Qual a “cara” da Felicidade? E que estudos mostram a respeito do Bem-Estar Subjectivo. *Natal: Revista da FARN*, v.6, n. 1/2, p. 97-112.

Argyle, M.(1999). Causes and correlates of happiness. In D. Kahneman, E. Diener, & N. Schwartz (Eds.), *Foundations of hedonic psychology: Scientific perspectives on enjoyment and suffering*. New York: Russell Sage Foundation.

Asendorpf, J. B. (2004). *Psychologie der Persönlichkeit*. Berlin: Springer.

Baldwin, M. W., & Fehr, B. (1995). On the instability of attachment style ratings. *Personal Relationships*, 2, 247-261. Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Attachment*. Harmondsworth: Penguin Books.

Beall, A., E., Sternberg, R. J. “The Social Construction of Love.” *Journal of Social and Personal Relationships*, n. 12, p. 417-438, 1995.

Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Separation*. Harmondsworth: Penguin Books.

Bowlby, J. (1980). Attachment and loss: Loss, Sadness and Depression. Harmondsworth:

Penguin Books.

Bowlby, J. (1988). A Secure Base: Parent-child Attachment and Healthy Human Development. London: Basic Books.

Brebner, J., Donaldson, J., Kirby, N., & Ward, L. (1995). Relationships between happiness and personality. *Personality and Individual Differences*, 19 (2), 251-258.

Bretherton, I. & Munholland, K. (1999). Internal working models in attachment relationships: a construct revisited. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 355-377). New York: The Guilford Press.

Casa-Nova, M. J. (2004). "Gypsy culture, children, schooling and life opportunities". In S. Carrasco (ed.). *Between diversity and inequality: children's experiences of life and school in multicultural Europe*. Nueva Colección Childhood Research Monographs.

Casa-Nova, M. J. (1999). *Etnicidade, género e escolaridade - Estudo em torno das socializações familiares de género numa comunidade cigana de um bairro periférico da cidade do Porto*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Cassepp-Borges, V., Teodorob, M. L. M. (2007). *Propriedades Psicométricas da Versão Brasileira da Escala Triangular do Amor de Sternberg*. Brasília Universidade de Brasília.

Castro, A. (1995). Ciganos e Habitat: entre a itinerância e a fixação. *Revista Sociologia – Problemas e Práticas* Nº 17, 1995, pp.97-111.

Cortesão, L., Stoer,S., Casa-Nova,M., Trindade,R.(2005). Pontes para outras viagens. Lisboa: Acime.

Costa, E. L.(2001). “Mediar sinónimo de mudar: Mediadores ciganos e o diálogo intercultural” in AAVV, Que sorte, Ciganos na nossa escola!. Lisboa: Centre de Recherches Tsiganes, Secretariado Entreculturas, pp. 219 – 232.

Costa, E. M. L. (1997) O Povo Cigano entre Portugal e Terras de Além Mar. Lisboa: Grupo de trabalho do Ministério da Educação para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Costa, E. M. L. (1995). Ciganos: Fontes para o seu Estudo em Portugal, Madrid, Ed. Presencia Gitana.

Campbell, A., Converse, P.E., & Rogers, W.L. (1976). The Quality of American Life: Perceptions, evaluations and satisfactions. New York: Russel Sage Foundations.

Canavarro, M. C. (1999). Relações afectivas e saúde mental. Coimbra: Quarteto editora.

Carvalho, J.(2003). “O amor no raciovitalismo de Ortega & Gasset”. Anuário de Filosofia São João del-Rei, n. 10, p. 255-286, 2003.

Csikszentmihalyi, M. (1999). If we are so rich, why aren't we happy? Am Psychol 54: 821-82.

Cassidy, J. (2001). Truth, lies, and intimacy: An attachment perspective. Attachment & Human Development, 3 (2) 121-155.

Clark, A. E., Oswald, A. J. (1994), Unhappiness and Unemployment, *Economic Journal* vol. 104, n. 424.

Cloninger, C.R.(2006). The science of well-being: an integrated approach to mental health and its disorders. *World Psychiatry* 5: 71-76, 2006.

Corbi, R. B., & Menezes-Filho, N. A.(2006) Os determinantes empíricos da felicidade no Brasil. *Rev. Econ. Política, São Paulo*, v.26, n.4.

Crowell, J., & Treboux, D. (2001). Attachment security in adult partnerships. In C. Clulow (Ed.), *Adult attachment and couple psychotherapy: the “secure base” in practice and research* (pp. 28-42). Sussex: Brunner-Routledge.

Crowell, J., Treboux, D., Gao, Y., Pan, H., Fyffe, C., & Waters, E. (2002). Assessing secure base behavior in adulthood: Development of a measure links to adult attachment representations and relations to couples' communication and reports of relationships. *Developmental Psychology*, 38(5), 679-693.

Demo, D.H., Acock, A.C. (1996). Singlehood, marriage, and remarriage: the effects of family structure and family relationships on mother's well-being. *J Fam Issues* 17: 388-407.

DeNeve, K., & Cooper, H. (1998). The happy personality: A meta-analysis of 137 personality traits and subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 124, 197-229.

Dias, C., Corte-Real, N., Corredeira, R., Barreiros, A., Bastos, T., & Fonseca, A.M. (2008). A prática desportiva dos estudantes universitários e suas relações com as autopercepções

físicas, bem-estar subjectivo e felicidade. *Estudos de Psicologia*, 13(3), 223-232. Porto: Universidade do Porto.

Diener, E.; Seligman, M.E.P.(2002). Very happy people. *Psychol Sci* 13(1): 81-84.

Diener, E. (2000). Subjective Well-Being: The Science of Happiness and a Proposal for a National Index. *American Psychologist*, 55, n.1, p.34-43.

Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, n.3, p.542-575.

Diener, E. (1996). Subjective well-being in cross-cultural perspective. Em G. Hector (Ed.), *Key issues in cross-cultural psychology: selected papers from the Twelfth International Congress of the International Association for Cross-Cultural Psychology*. San Diego: Academic Press.

Diener, E. (2009). *The Science of Well-Being – The Collected Works of Ed Diener*. (pp.1-74). Springer

Diener, E. (2006). “Guidelines for national indicators of subjective well-being and ill-being.” *Journal of Happiness Studies*, 7 (4), 397-404.

Diener, Ed (1994). ‘Assessing Subjective Well-Being: Progress and Opportunities.’ *Social Indicators Research*, 31 (2), 103-157.

Diener, E.; Lucas, R. E.; Oishi, S. (2003). Personality, Culture, and Subjective Well-Being: Emotional and Cognitive Evaluations of Life. *Annual Review of Psychology*, v.54, p.403-425.

Diener, E.; Suh, E; Oishi, S.(1997).Recent findings on subjective well-being. Indian Journal of Clinical Psychology, v.24, n.1, p.25-41.

Diener, E. et al. (1999).Subjective Well-Being: Three Decades of Progress. Psychological Bulletin, v.125, n.2, p.276-302.

Diener, E., & Biswas-Diener, R. (2002). Will money increase subjective well-being? A literature review and guide to needed research. Social Indicators Research, 57 (2), 119.

Diener, E., & Lucas, R. E.(2000). Subjective emotional well-being. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), Handbook of emotions (pp.325-37). Estados Unidos: Guilford Press.169.

Diener, E., & Seligman, M. E. P. (2004). Beyond money: toward an economy of well-being. Psychological Science in the Public Interest, 5 (1), 1-31.

Diener, E., Scollon, C. N. & Lucas, R. E. (2003). The involving concept of subjective well being: The multifaceted nature of happiness. Advances in Cell Aging and Gerontology, 15, 187-219.

Diener, E. (2009). Introduction- the science of well-being. In Diener, E. (Eds.), The science of well being: The collected works of Ed Diener (pp.1-10). Estados Unidos: Springer.

Enguita, M. F. (1999). Alumnos gitanos en la escuela paya. Un estudio sobre las relaciones étnicas en el sistema educativo. Barcelona: Ariel Practicum.

Feldman, R., (2001).Comprender a Psicologia, Lisboa: McGraw-Hill.

Ferrari, F. (2006). Ciganos nacionais. Acta Literária, pp. 79-96.

Fernandes, T. (1999). Comunidade cigana em Beja – Traços culturais e problemática da escolarização. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Ferraz, R.B., Tavares, H., Zilberman, M. L. (2007). Felicidade: uma revisão. Revista de Psiquiatria. Clínica 34 (5), 234-242

Ferreira, I. M. E.S., (2009). Adaptação e desenvolvimento psicossocial dos estudantes do ensino superior. Factores Familiares e Sociodemográficos. Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

Ferreira, M. O. V. (1999). Identidade étnica, condição marginal e papel da educação escolar na perspectiva dos ciganos espanhóis. Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação.

Figueiredo, B. (1998). Maus tratos à criança e ao adolescente (II): considerações a respeito do impacto desenvolvimental. Psicologia, Teoria, Investigação e Prática, 3, 197-216.

Fonseca, I. (1996). Enterrem-me em pé – a longa viagem dos ciganos. São Paulo: Companhia das Letras.

Fromm, E.H.(1956). The art of loving. Estados Unidos: Harper & Row.

Galinha, I., Ribeiro J. L. P.(2005). História e Evolução do Conceito de Bem-Estar Subjectivo. Psicologia, Saúde e Doenças, vol. VI, número 002. Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde Lisboa, Portugal pp. 203-214.

Garrido, A. (1999). Entre Gitanos e Payos: Relación de Prejuícos y Desacuerdos. Barcelona: Flor Del Viento

Giacomoni, H. C.(2004). Bem-estar subjectivo: em busca da qualidade de vida Vol. 12, no 1, 43 – 50. Temas em Psicologia da SBP. Universidade Federal de Santa Maria.

Gomes, M. C., & Ribeiro, J. (2001). Relação entre o Auto-Conceito e Bem-Estar Subjectivo em doentes cardíacos do sexo masculino sujeitos a cirurgia de Bypass Aorto-Coronário *Psicologia, Saúde & Doenças*, 2 (1), 35-45. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade do Porto.

Gonçalves, A., Garcia, O., Barreto, P.(2006). Tradição e prospectiva nos meandros da economia cigana.Lisboa: Acime.

Gouveia, V.V., Fonseca, P.N., Cavalcanti, J.P.N., Diniz, P. C Dória, L.C., (2009). Versão abreviada da Escala Triangular do Amor: evidências de validade fatorial e consistência interna.Universidade Federal da Paraíba *Estudos de Psicologia*, 14(1), Janeiro-Abril/31-39.

Graziano, Lilian D. (2005). A Felicidade revisitada: um estudo sobre Bem-Estar Subjectivo na visão da Psicologia Positiva.Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia.

Hazan , c., Shaver, P. (1987). Romantica love conceptualized as na attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.

Hendrick, C., Hendrick, S. S. & Dicke, A. (1998). The love attitude scale: Short form. *journal of Social and Personal Relationships*, 15, 147-159.

Haring, M.J.; Stock, W.A.; Okun, M.A. (1984) A research synthesis of gender and social class as correlates of subjective well-being. *Hum Relat* 37: 645-657, 1984. Beverly Hills, pp. 279-302.

Haring-Hidore, M., Stock, W.A., Okun, M.A.; Witter, R.A. (1985). Marital status and subjective well-being: a research synthesis. *J Marriage Fam* 47:482-501.

Inglehart, R. (1990) *Culture shift in advanced industrialized society*. Princeton University Press, Princeton.

Ingleman, R.; Klingemann, H.D. (2000). Genes, culture, democracy and happiness. In: Diener, E.; Suh, E.M. (eds.) *Culture and subjective well-being*. Cambridge: MIT Press, , pp. 165-167.

Jankowiak, W. R., Fisher, E. F. 1992. "A cross-cultural perspective on romantic love." *Ethnology* 31, p. 149.

Joseph, S., Linley, P. A., Hardwood, J., Lewis, C. A., & McCollam, P. (2004). Rapid assessment of well-being: The Short Depression-Happiness Scale (SDHS). *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 77 (4), 463-478.

Kaplan, H. I., Sadock, B. J. & Grebb, J. A. (2003). *Compêndio de Psiquiatria: Ciências Comportamentais e Psiquiatria Clínica*. 6ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

Karwowski-Marques, A. P. M. (2008). *Percepções sobre o Amor a qualidade e a satisfação com o relacionamento em casais*. São Leopoldo: Tese de mestrado apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Keyes, C. L. M., Shmotkin, D. & Ryff, C. D. (2002). Optimizing well being: The empirical encounter of two traditions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(6), 1007-1022.

Lasswell, T.E., Lasswell, M. E. (1976). I love you but í'm not in lov with you. *Journal of marriage and Family Counseling*, 2, 211-224.

Leite, A. N. (1999). *Educação Intercultural Utopia ou Realidade?* Porto: Profedições.

Leite, A., Paúl, C., Sequeiros, J. (2002). O bem-estar psicológico em indivíduos de risco para doenças neurológicas hereditárias de aparecimento tardio e controlos. *Revista psicologia, saúde & doenças*, 2002, 3 (2), 113-118.

Lever, J. P (2004). Poverty and subjective well-being in México. *Social Indicators Research*, 68 (1), 1-33.

Leégeois, J. P. (2001). *Minoria e escolarização: o rumo cigano*. Lisboa: Centre de Recherches.

Liegeois, J. P. (1997). *Minorité et scolarité: le parcours tzigane*. Toulouse: Centre de Recherches Tsiganes CRDP Midi-Pyrénées.

Liegeois, J. P. (1976). *Mutation Tsigane: la revolution bohémienne*. Bruxelas: Éditions Complexe. Tsigines. Secretariado Entreculturas. Ministério da Educação

Lykken, D., Tellegen, A. (1996) Happiness is a stochastic phenomenon. *PsycholSci* 7: 186-189.

Lucas, R.E., Diener, E., & Suh, E. (1996). Discriminant validity of well-being measures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 616-628.

Macfarlane, A. (1989). *Amor e capitalismo. A cultura do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, p.158-179.

Machado, P. F. (1993). Reflexões a propósito da Minoria étnica em Portugal. Aproximação sociológica sobre uma identidade desconhecida. Lisboa: *Revista de Serviço Social*, nº 4, p. 17-21.

Magano, O., & Silva, L. F. (2000). A integração/exclusão social de uma comunidade cigana residente no Porto. IV Congresso Português de Sociologia. Associação Portuguesa de Sociologia. Coimbra, Portugal.

Maia, A. (2006). *Integração Escolar e Sucesso Educativo na Perspectiva de uma Comunidade Cigana*. Porto: Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Portucalense Infante D. Henrique-

Main, M., Kaplan, N. & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points in attachment theory and research*. Monographs of the Society for Research in Child Development, 50, 66-106.

Maturana, H. (1995). *Amor, emoción e política*. Santiago: DomesHumano.

Medora, N. P., Larson, J. H., Hortacsu, N., and Dave, E. P. (2002). "Perceived Attitudes towards Romanticism: A Cross-Cultural Study of American, Asian-Indian and Turkish Young Adults." *Journal of Comparative Family Studies*, n. 33, p. 155-178.

Menandro, P. Rolke, R. Bertollo, M.(2005) *Psicologia Positiva*. *Psicologia Clínica*, 17 (2), 70-82.

Mijolla, A. (1983). *As palavras de Freud*. Lisboa: Dom Quixote.

Michel, A. (1983), *Sociologia da família e do casamento*, Porto: Rés editora.

Montenegro, M.(2003). *Aprendendo com Ciganos: Processos de Ecoformação*. Lisboa: Educa – Formação, 2003.

Moreira, J. M., Lind, w., Santos, M.J., Moreira, A. R., Gomes, M. J., Justo, J.,Oliveira, A.P., Filipe, L.A., Faustino. M.(2006). “Experiências em Relações Próximas”, um questionário de avaliação das dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos: Tradução e validação para a população Portuguesa. *I.S.P.A: Laboratório de Psicologia*, 4(1): 3-27

Moreira-Almeida, A., Lotufo Neto, F., Koenig, H.G. (2006). *Religiousness and mental health: a review*. *Revista Brasileira de Psiquiatria* 28(3): 242-250.

Neto, F (1992). *Solidão, embaraço e Amor*. Porto: Centro de Psicologia Social.

Neto, F. (2000). *Psicologia social*. Lisboa: Universidade Aberta.

Neto, F. (2000). *Variações psicológicas sobre o Amor*. *Psicologia, Educação e Cultura*, 4(2), 311-324.

Neto, F. (1998). *Atitudes em relação ao Amor*. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2 (2), 263-277.

Neves, S. (2003) “Amor, poder e violência (s) contra as mulheres: a importância do género nas relações íntimas ” .*Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, n. 1, p. 133-144, 2003.

Neves, A. S.A. (2007). As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? Florianópolis: Revista de Estudos Feministas,, Setembro-Dezembro 15(3): 336

Novo, R.F. (2003). Para além da Eudaimonia: o Bem-estar Psicológico em mulheres na idade adulta avançada.Fundação Calouste Gulbenkian.

Nunes, O. (1996) – O Povo Cigano, Porto, Livraria Apostolado da Imprensa.

Ostrom, T. M. (1969). The relationship between affective, behavioral and cognitive components of attitude. *Journal of Experimental Psychology*, 5, 12-30.

Pavot, W., Fujita, F., & Diener, E.(1995). The relation between self-aspect congruence, personality and subjective well-being. *Personality and Individual Differences*, 22, 183-191.

Oliveira, J.H.B. (2004). *Psicologia Positiva*. Porto: Edições Asa.

Passarelil, P. M., Silva, J. A. (2007). *Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo*. Campinas: Estudos de Psicologia, 24(4) | 513-517.

Peck, M. S. (2002). *O Caminho menos percorrido*. Cascais: Sinais de Fogo.

Pressman, S.D., Cohen, S.(2005).Does positive affect influence health? *Psychol Bull* 131 (6): 925-971.

Ramalho, C. S. C. (2008). (Os) Nós e os laços: vinculação, suporte social e Bem-Estar em jovens adultos. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Ribeiro, J.V. (2009). Em busca da Felicidade: Momentos, visões e impacto – Estudo de uma família, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

Ryff, C. D. (1989). In the eye of the beholder: Views of psychological well-being among middle and old-aged adults. *Psychology and Aging*, 4, 195-210.

Roisman, G. I., Madsen, S. D., Henninghausen, K. H., Sroufe, L. A., & Collins, W. A. (2001). The coherence of dyadic behaviour across parent-child and romantic relationships as mediated by the internalized representation of experience, *Attachment and Human Development*, 3(2), 156-172.

Rubin, Z. (1988). Toward a science of relationship. *Contemporary Psychology*, 29, 856-859.

Rubin, Z. (1970). Measurement of Romantic Love, *Journal of Personality and Social Psychology*, 16, 265- 273.

Solomon, R. C. (1992). O amor: reinventando o romance em nossos dias. (W. Dupont, trad). São Paulo: Saraiva.

San Román, Teresa (1997). La diferencia inquietante. Viejas y nuevas estrategias culturales de los gitanos, Madrid: Siglo Veintiuno de España. Editores, S. A.

Santos, C. C. (2003). Vinculação, estudo e aprendizagem. Coimbra: Quarteto Editora.

Scliar, M.(1996) A paixão transformada. História da Medicina na Literatura.São Paulo: Companhia das Letras.

Scorsolini-Comina, F., & Santos, M.A. (2009). Psicologia Positiva e os Instrumentos de Avaliação no Contexto Brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23 (3), 440-448.

Seligman, M. E. P. (2002). Positive psychology, positive prevention, and positive therapy. In C. R. Snyder & S.J. Lopez (Eds.), *The handbook of positive psychology* (pp. 3-12). Estados Unidos: Oxford Press

Seligman, M.E.P., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive Psychology: An introduction. *American Psychologist*, 55, 5-14

Seligman, M.E.P, Steen, T. A., Park, N., & Peterson, C. (2005). Positive Psychology Progress: Empirical Validation of Interventions. *American Psychologist*, 60 (5), 410-421.

Seligman, M. E. P. (2004). Felicidade autêntica: usando a nova psicologia positiva para a realização permanente. Rio de Janeiro: Objectiva.

Seligman, M.E.P., Park, A. C., & Steen, T. & Peterson, C. (2006). A balanced psychology and a full life. In F. A. Huppert, N. Baylis, & B. Keverne. *The science of well-being* (pp. 285-304). Oxford: Oxford University Press (2nd Edition).

Sheldon, K. M., & Lyubomirsky, S. (2006). Achieving sustainable gains in happiness: Change your actions, not your circumstances. *Journal of Happiness Studies*, 7, pp. 55-86.

Sheldon, K. M. & King, L. (2001). Why positive psychology is necessary. *American Psychologist*, 56 (3), 216-217.

Silva, V. (2003) *Devir Cigano. O encontro Cigano- não cigano (Rom Gadjé) como elemento facilitador do processo de individualização.*

Silva, A., M., Mayor, A., A., Almeida, T., Rodrigues, A., G., Oliveira, L., M., Martinez, M.(2005). Determinação das histórias de amor mais adequadas para descrever relacionamentos amorosos e identificação das histórias de amor que produzem mais identificação, menos identificação e que as pessoas mais gostariam de viver. Universidade de São Paulo: *Interação em Psicologia*, 9(2), p. 295-309

Silva, V. C. (2006), *Devir Cigano. O encontro cigano - não cigano (rom - gadgé) como facilitador do processo de individuação*. São Paulo: Tese de Mestrado apresentada à Universidade Católica de São Paulo.

Siqueira, M. M. M. & Padovam, V. A. R. (2008). Bases Teóricas de Bem-Estar Subjetivo, Bem-Estar Psicológico e Bem-Estar no Trabalho. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, Vol. 24 n. 2, pp. 201-209.

Simonton, D. K., & Baumeister, D. R. F. (2005). Positive psychology at the . Review of *General Psychology*, 9 (2), 99-102.

Simmons, c., Wehner, E. & Kay, K. (1989). Differences in attitudes toward romantic love of French and American college students *Journal of Social Psychology*, 129, 793-799.

Simões, A. (1992). Ulterior validação de uma escala de satisfação com a vida (SWLS). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, n. 26, pp. 503-515.

Simões, A. (1993). Os homens são mais agressivos que as mulheres? *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXVII, 387-404.

Simões, et al. (2000). O bem-estar subjectivo: Estado actual dos conhecimentos. *Psicologia, Educação e Cultura*, 4 (2), 243-279.

Silva, A. (2003). *Psicologia & Comportamentos*. Ribeirão Preto: Canavaci

Slepoj, V.(2005). *Compreender os sentimentos: Milão: Presença*.

Snyder, C. R., Lopez, S. J.(2009). *Psicologia Positiva. Uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. São Paulo: Artmed Editora.

Soares, I. (1992). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência*.

Soares, I. (2000). *Psicopatologia do desenvolvimento e contexto familiar: Teoria e investigação das relações de vinculação*. In I. Soares (Coord.) *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajectórias (in) adaptativas ao longo da vida* (pp. 381-434). Coimbra: Quarteto.

Souza,L., Bonomo, M., Livramento, A., Brasil, J.,l Canal, F.(2009).*Universidade Federal do Espírito Santo/Brasil.Redes de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social* .

Sousa, I. (2007) *Diário Zorbuddha – A Avaliação do impacto de uma conjugação de exercícios da Psicologia Positiva*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.

Sternberg, R. J. (1998). *Love is a story: A new theory of relationships*. New York: Oxford

Sternberg, R. J. (1997). *Construct validation of a triangular love scale*. *European Journal of Psychology*, 27, 313-335

Sternberg, R. (1995). *“Love as a Story.”* *Journal of Social and Personal Relationships*, n. 12, p. 541-546.

Sternberg, R. J. (1986). *A triangular theory of love*. *Psychological Review*, 93, 119-135.

Sternberg, R. J. (1988). *The triangle of love*. New York: Basic Books.

Sternberg, R. J. (1989). *El Triangulo del amor: intimidad, pasión y compromiso*. Barcelona: Paidós..

Steptoe, A., Wardle, J., Marmot, M. (2005). Positive affect and health-related neuroendocrine, cardiovascular, and inflammatory processes. *PNAS*, 102(18), 6508-6512.

Staudinger, U., Fleeson, W., & Baltes, P. (1999). Predictors of subjective physical health and global well-being: Similarities and differences between the United States and Germany. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76 (2), 305-319.

Stock, W.A.; Okun, M.A.; Haring, M.J.; Witter, R.A.(1983). Age and subjective well-being: a meta-analysis. In: Light, R.J. (ed.). *Evaluation studies: review annual*. Vol.8. Sage, Beverly Hills, pp. 279-302.

Stutzer, A.,Lalive, R. (2001). "The Role of Social Work Norms in Job Searching and Subjective Well-Being". Institute for the Study of Labor.

Swenson, C. (1972). *The beavior of love*. In H.A Otto (Ed. *Love today*(pp. 86-191. Estados Unidos: Dill.

Tellegen, A.; Lykken, D.T.; Bouchard, T.J.; Wilcox, K.J.; Segal, N.L.; Rich, S.(1988). Personality similarity in twins reared apart and together. *J Pers Soc Psychol* 59: 1031-1039.

Taipas, B. P. (2008). *Amor e Personalid aymaros el departamento de la PazTese de Doutoramto apresentada à Universidade de Granada*.

Tróccoli, B. T., & Albuquerque, A. S. (2004). Desenvolvimento de Uma Escala de Bem-Estar Subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Vol. 20 n. 2, pp. 153-164.

eixeira, R. C. (2000). *História dos ciganos no Brasil*. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos.

Torres, A (2000). Amor e sociologia: da estranheza ao reencontro. Comunicação apresentada no painel temático “Lugares e expressões de afecto”, IV Congresso de Sociologia, Coimbra, Portugal, p.17-19.

Ubillos, S., Zubieta, E., Páez, D., Deschamps, J., Ezeiza, A., Vera, A. (1997). Amor, Cultura y Sexo Volume : 4 Número: 8-9 *Revista Electrónica de Motivación y Emoción*. Retirado em 06/107211 de <http://reme.uj.es/articulos/aubls9251701102/texto.html>

Vala, J., & Monteiro, M. B. (2002). *Psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vaz, A. D. (2005). José, Tereza, Zélia... E sua comunidade um território cigano. *Revista Trilhos*, pp. 95-109.

Veenhoven, R. (2000). The four qualities of life: Ordering concepts and measures of the good life. *Journal of Happiness Studies*, 1, 1-39.

Veenhoven, R. (1991). Questions on happiness: classical topics, modern answers, blind spots. In: Strack, F.; Argyle, M.; Schwartz, N. (eds.). *Subjective well-being: an interdisciplinary perspective*. Pergamon, New York, pp. 7-26.

Veenhoven, R. (1984). *Conditions of Happiness*. D. Reidel : Dordertch.

Ventura, M. C. S. P. (2004). *A Experiência da Criança Cigana no Jardim de Infância*. Braga: Universidade do Minho.

Vitterso, J., Nilsen, F. (2002). The conceptual and relational structure of subjective well-being, neuroticism, and extraversion: once again, neuroticism is the important predictor of happiness. *Social Indicators Research*, 57 (1), 89-118.

Otta, E., Fiquer, J. T. (2004). Bem-estar subjectivo e regulação de emoções. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 144-149.

White, L., Edwards, J. N. (1990). Emptying the nest and parental well-being: an analysis of national panel data. *American Sociological Review*, v. 55, p. 235-242.

Watson, D. (2000). *Mood and temperament*. Estados Unidos :The Guilford Press.

Waters, E., & Cummings, M. (2000). A secure base from which to explore relationships.

Child Development, 71, 164-172.

Anexo 1

Anexo 2

Anexo 3

Anexo 4

Anexo 5

Anexo 6

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Exmo. (a) Sr. (a)

No âmbito de uma investigação, que visa estudar os estilos de amor, o bem-estar Subjectivo e a vinculação vimos por este meio pedir a sua colaboração.

Para tal, pedimos que preencha os questionários que lhe são fornecidos.

Se decidir colaborar com o nosso estudo, deverá antes de mais, assinar a declaração que se segue (consentimento informado).

Agradecemos desde já a sua atenção para com o nosso estudo.

Carla Maria de Freitas Júlio

Declaração de consentimento informado

Eu, abaixo-assinado, declaro que aceito participar num estudo da responsabilidade de Carla Maria de Freitas Júlio, no âmbito da Tese de Mestrado subordinada ao tema: Amor, Vinculação e Bem-Estar Subjectivo . Um estudo com adultos de etnia cigana.

Declaro que, antes de optar por participar, me foram prestados todos os esclarecimentos que considerei importantes para decidir.

Especificamente, fui informado(a) do objectivo, duração esperada e procedimento do estudo, do anonimato e confidencialidade dos dados e que tinha direito a recusar participar, ou cessar a minha participação, a qualquer momento, sem qualquer consequência para mim.

Data:

Assinatura

Escala de atitudes em relação ao amor

Estão abaixo apresentadas várias afirmações que reflectem diferentes atitudes face ao amor. Para cada afirmação assinale com uma **cruz (X)**, até que ponto **está de acordo** ou **em desacordo** com a mesma.

Sempre que possível **responda** às questões **tendo em mente** o(a) seu (sua) namorado(a). **Se não namora** com ninguém, **responda** às questões **tendo em consideração** o(a) seu (sua) namorado(a) **mais recente**. **Se nunca namorou**, responda de acordo como **pensa que seriam as suas respostas**.

Item	Discordo Totalmente	Discordo Moderadamente	Neutro	Concordo Moderadamente	Concordo Totalmente
1. Eu e o(a) meu (minha) namorado (a) ficámos atraídos um pelo outro assim que nos conhecemos.					
2. Eu e o (a) meu (minha) namorado (a) temos a “química” física ideal.					
3. O nosso relacionamento é muito intenso e satisfatório.					
4. Sinto que o (a) meu (minha) namorado(a) e eu fomos feitos um para o outro.					
5. O(a) meu (minha) namorado(a) e eu envolvemo-nos emocionalmente com muita rigidez.					
6. O (a) meu (minha) namorado(a) e eu compreendemo-nos de facto.					
7. O(a) meu (minha) namorado(a) corresponde ao meu ideal de beleza física.					
8. Tento manter o(a) meu (minha) namorado(a) numa certa incerteza em relação ao meu comprometimento com ele (ela).					
9. Eu acredito que aquilo que o(a) meu (minha) namorado(a) não sabe de mim não o(a) magoará.					
10. Por vezes tive que evitar que dois (duas) namorados (as) meus (minhas) soubessem da existência um(a) do(a) outro(a).					
11. Reconstituo-me de casos amorosos muito fácil e rapidamente.					
12. O(a) meu (minha) namorado(a) ficaria aborrecido(a) se soubesse de algumas coisas que eu fiz com outras pessoas.					
13. Quando o(a) meu (minha) namorado(a) fica demasiado dependente de mim, tento voltar um pouco atrás.					
14. Gosto de jogar o “jogo do amor” com diferentes companheiros.					
15. É difícil dizer exactamente onde acaba a amizade e começa o amor.					
16. O amor genuíno requer que as pessoas se conheçam e se gostem primeiro durante algum tempo.					
17. Espero ser sempre amigo(a) de quem amo.					
18. O melhor tipo de amor cresce a partir de uma amizade longa.					
19. A nossa amizade transformou-se					

gradualmente em amor ao longo do tempo.					
20. O amor é uma amizade muito profunda, não uma emoção misteriosa e mística.					
21. As minhas relações amorosas mais satisfatórias desenvolveram-se a partir de boas amizades.					
22. Tenho em consideração o que a pessoa tenciona ser na vida antes de me comprometer com ele (ela)					
23. Tento planejar a minha vida cuidadosamente antes de escolher um(a) namorado(a).					
24. É melhor amar alguém de um meio semelhante ao nosso.					
25. Um aspecto principal a considerar na escolha de um(a) namorado(a) é o modo como a minha família o(a) vê.					
26. Um importante factor na escolha de um(a) companheiro(a) é se ele (ela) será ou não um bom(a) pai (mãe).					
27. Uma consideração na escolha de um(a) companheiro(a) é o modo como ele (a) interferirá na minha carreira.					
28. Antes de me envolver muito com uma pessoa, tento saber se existe compatibilidade hereditária no caso de irmos a ter filhos.					
29. Quando as coisas não estão bem entre mim e o(a) meu (minha) namorado(a) o meu estômago fica perturbado.					
30. Quando os meus casos de amor acabam, eu fico tão deprimido(a) que até já pensei em suicídio.					
31. Por vezes fico tão excitado(a) por estar enamorado(a) que não consigo dormir.					
32. Quando o(a) meu (minha) namorado(a) não me presta atenção, sinto-me doente.					
33. Quando estou enamorado(a), tenho problemas em concentrar-me noutra coisa qualquer.					
34. Não consigo relaxar-me se suspeito que o(a) meu (minha) namorado(a) está com outra pessoa.					
35. Se o(a) meu (minha) namorado(a) não me liga durante algum tempo, por vezes faço coisas estúpidas para tentar atrair novamente a sua atenção.					
36. Tento sempre ajudar o(a) meu (minha) namorado(a) em situações de dificuldade.					
37. Prefiro sofrer a deixar o(a) meu (minha) namorado(a) sofrer.					
38. Só posso ser feliz pondo a felicidade do(a) meu (minha) namorado(a) antes da minha.					
39. Geralmente só estou disposto(a) sacrificar os meus desejos para que o(a) meu (minha) namorado(a) alcance os seus.					
40. Qualquer que seja aquilo que eu possuo, o(a) meu (minha) namorado(a) pode-o utilizar como desejar.					
41. Quando o(a) meu (minha) namorado(a) se zanga comigo, eu continuo a amá-lo(a) completa e incondicionalmente.					
42. Eu suportaria todas as coisas pelo bem-estar do(a) meu (minha) namorado(a).					

PANAS

Encontra, a seguir, uma lista de palavras, que representam diferentes sentimentos e emoções. Indique até que ponto, experimentou (experimenta) esses sentimentos e emoções (...)

Responda, marcando uma cruz (x) no quadradinho apropriado, ao lado de cada palavra: no quadradinho número 1, se experimentou (experimenta) esse sentimento ou emoção “ muito pouco ou nada”; no quadradinho número 2, se os experimentou (experimenta) “ um pouco” etc. Marque a cruz, só num dos cinco quadrados, à frente de cada palavra.

	1 Muito Pouco ou nada	2 Um Pouco	3 Assim, Assim	4 Muito	5 Muitíssimo
1.Interessado(a)					
2.Aflito(a)					
3.Estimulado(animado)					
4.Aborrecido (a)					
5. Forte					
6.Culpado(a)					
7.Assustado(a)					
8.Hostil(inimigo)					
9.Entusiasmado(Arrebatado)					
10.Orgulhoso(a)					
11.Irritável					
12.Atento (a)					
13.Envergonhado(a)					
14. Inspirado(a)					
15. Nervoso(a)					
16. Decidido(a)					
17.Atwncioso(a)					
18.Agitado(inquieto)					
19.Activo(mexido)					
20.Medroso(a)					
21.Emocionado(a)					
22.Magoado(a)					

Questionário Sócio-Demográfico

- 1- Idade: ____anos
- 2- Sexo: (1) Feminino (2) Masculino
- 3- Estado Civil:
 - (1) Solteiro(a)
 - (2) Casado(a)
 - (3) União de facto
 - (4) Divorciado(a)
 - (5) Separado(a)
 - (6) Viúvo(a)
- 4- Coabita com o(a) seu companheiro(a)? (1) Não (2) Sim
- 5- Já coabitou com um(a) companheiro(a) no passado? (1) Não (2) Sim
- 6- Tem filhos? (1) Não (2) Sim. Quantos? _____
- 7- Escolaridade _____(anos)
- 8- Situação profissional
 - (1) Empregado a tempo inteiro
 - (2) Empregado a tempo parcial
 - (3) Desempregado
 - (4) Doméstica
 - (5) Pensão de Invalidez
 - (6) Rendimento Social de Inserção
 - (7) Estudante
 - (8) Trabalhador- Estudante
- 9- Profissão: _____

SWLS

Mais abaixo, encontrará cinco frases com que poderá concordar ou discordar. Empregue a escala de 1 a 5, à direita de cada frase. Marque uma cruz (x), dentro do quadradinho, que melhor indica a sua resposta, tendo em conta as seguintes opções:

- (1) DM = Discordo Muito
- (2) DP = Discordo Um Pouco
- (3) NCND = Não Concordo Nem Discordo
- (4) CP = Concordo Um Pouco
- (5) CM = Concordo Muito

	DM	DP	NCND	CP	CM
1. A minha vida parece-se em quase tudo, com o que eu desejaria que ela fosse.					
2. As minhas condições de vida são muito boas.					
3. Estou satisfeito com a minha vida					
4. Até agora tenho conseguido as coisas importantes da vida, que eu desejaria					
5. Se eu pudesse começar a minha vida, não mudaria quase nada.					

Instruções: Por favor leia / ouça atentamente cada uma das seguintes afirmações e avalie o grau em que você descreve os seus sentimentos acerca das relações com os seus parceiros (p.ex. marido, namorado, companheiro, ect). Pense em todas as suas relações passadas e presentes, e responda em termos de como geralmente se sente nessas relações. Responda a cada afirmação indicando o quanto concorda ou discorda. Assinale com uma cruz o número correspondente à sua resposta, utilizando a seguinte escala.

Discordo Fortemente		Neutro/ Misto					Concordo Fortemente					
1	2	3	4	5	6	7						
1. Prefiro mostrar ao meu (minha) parceiro(a) como me sinto lá no fundo.						1	2	3	4	5	6	7
2. Preocupa-me o ser abandonado (a).												
3. Sinto-me muito confortável em estar próxima dos meus (minhas) parceiros (as).												
4. Preocupo-me muito com as minhas relações afectivas.												
5. Quando o meu (minha) parceiro(a) começa a aproximar-se emocionalmente de mim, tendo a afastar-me.												
6. Preocupa-me que os meus (minhas) parceiros (as) não se preocupem tanto comigo como eu com eles.												
7. Sinto-me desconfortável quando um parceiro(a) quer ser muito próximo.												
8. Preocupo-me bastante com a possibilidade de perder o meu (minha) parceiro(a).												
9. Não me sinto confortável ao “abrir-me” com os meus (minhas) parceiros (as).												
10. Desejo muitas vezes que os sentimentos do meu (minha) parceiro (a) por mim sejam tão fortes como os meus (minhas) por ele (ela).												
11. Quero tornar-me próxima do meu (minha) parceiro (a) mas estou sempre a afastar-me.												
12. Quero muitas vezes unir-me completamente aos meus (minhas) parceiros (as) e isso, por vezes, afasta-os (as).												
13. Fico nervosa quando os meus (minhas) parceiros (as) se tornam demasiado próximos.												
14. Preocupa-me estar sozinho (a).												
15. Sinto-me confortável ao partilhar os meus pensamentos, os meus sentimentos íntimos com o(a) meu (minha) parceiro (a).												
16. O meu desejo de me tornar muito próximo (a) por vezes, assusta as pessoas.												
17. Tento evitar tornar-me demasiado próximo (a) do meu parceiro.												
18. Preciso de muitas manifestações de amor para me sentir amado (a) pelo (a) meu (minha) parceiro(a).												

19. Sinto que é relativamente fácil tornar-me próximo (a) do meu (minha) parceiro (a).								
20. Às vezes sinto que pressiono os meus (minhas) parceiros (as) para mostrarem mais sentimento e mais empenho.								
21. Sinto dificuldade em permitir a mim mesmo (a) apoiar-me nos (as) meus (minhas) parceiros (as).								
22. Não me preocupo muitas vezes com o ser abandonado (a).								
23. Prefiro não ser muito próximo (a) dos meus (minhas) parceiros (as).								
24. Se não consigo que o meu (minha) parceiro (a) mostre interesse por mim, fico perturbado (a) ou zangado (a).								
25. Conto praticamente tudo ao meu (minha) parceiro (a).								
26. Penso que o(a) meu (minha) parceiro (a) me quer tornar tão próximo (a) como eu gostaria.								
27. Costumo discutir os meus problemas e preocupações com o meu (minha) parceiro(a).								
28. Quando não estou envolvido (a) numa relação, sinto-me um pouco ansioso (a) e inseguro (a).								
29. Sinto-me confortável ao apoiar-me aos meus (minhas) parceiros (as).								
30. Fico frustrado (a) quando o meu (minha) parceiro(a) não está comigo tanto tempo como eu gostaria.								
31. Não me importo de pedir aos meus (minhas) parceiros (as) conforto, conselhos ou ajuda.								
32. Fico frustrado (a) se os (as) meus (minhas) parceiros (as) não estão disponíveis quando eu preciso deles (delas).								
33. Ajuda-me poder contar com o (a) meu (minha) parceiro (a) nas situações de necessidade.								
34. Quando os meus (minhas) parceiros (as) me desaprovam, sinto-me muito mal comigo mesmo (mesma).								
35. Recorro ao meu (minha) parceiro (a) para muitas coisas, incluindo conforto e segurança.								
36. Fico ressentido (a) quando o meu (minha) parceiro (a) passa tempo longe de mim.								

